

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

LEONARDO POMPONÉT CARDOSO DA SILVA

Alô! Você tá onde? Tô aí, aqui e em todo lugar que tem sinal:
Um estudo antropológico sobre a telefonia móvel no Morro do Cavalão, Niterói/Rj.

Niterói
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

LEONARDO POMPONÉT CARDOSO DA SILVA

Alô! Você tá onde? Tô aí, aqui e em todo lugar que tem sinal:
Um estudo antropológico sobre a telefonia móvel no Morro do Cavalão, Niterói/Rj.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Antropologia da Universidade Federal Fluminense,
como requisito parcial para obtenção do Grau Mestre.

Niterói
2012

Banca Examinadora

Prof. Orientador – Drº Julio Cesar de Tavares
Universidade Federal Fluminense
Orientador

Prof. Drº Edilson Márcio Almeida da Silva
Universidade Federal Fluminense

Profª. Drª. Simone Mattos Guimarães Orlando
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Profº. Drº. Rolf Ribeiro de Souza
Universidade Federal Fluminense
Suplente

Resumo

O interesse por este estudo surgiu a partir do reconhecimento do grande uso da tecnologia telefônica móvel como ferramenta na construção da sociabilidade entre pessoas de uma comunidade carente, denominada “Morro do Cavalão”, na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro. A etnografia parte de observações e conversas informais realizadas em bares e residências, ambos localizados no próprio Morro. Nessa coleta de dados, focalizaram-se assuntos relativos à hibridização do objeto (aparelho celular), ao seu consumo e a sociabilidade por ele proporcionada. Verificou-se diversidade de usos e a geração de formas variadas de interações sociais que não foram elaboradas, a priori, na criação do aparelho. Em um segundo momento serão abordados o consumo desta tecnologia (que influencia diversos domínios das noções nessa comunidade) e os meios de sua aquisição. Por último, serão analisadas a construção da sociabilidade das redes sociais e as formas de controle que esta tecnologia proporciona.

Palavras chaves: Telefonia Celular, Mobilidade, Tecnologia, Sociabilidade, Redes, Controle.

Abstract

The interest in this study comes from of the recognition of the widespread use of mobile phone technology as a tool in the construction of sociability among people in a disadvantaged community, named "Morro do Cavalão", located in the city of Niterói, Rio de Janeiro. The ethnography starts of the observations and informal conversations realized in bars and homes, both located on the same slum. This data collection focused on the matters relating to the hybridization of the object (cell phone), on its consumption and on the sociability provided by him. It was verified the diversity of uses and the creation of various forms of social interactions that were not elaborated, a priori, in creation of the apparatus. In the second phase will be approached the consumption of this technology (which influences various domains of the notions in this community) and the means of its acquisition. Finally, there will be analyzed the construction of the sociability of social networks and the forms of control that this technology provides.

Palavras chaves: Cell phone, Mobility, Technology, Sociability, Networks, Control.

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu orientador, tanto pelo estímulo e avaliações recebidas, como por sua generosidade intelectual, assim como pela possibilidade de atuação profissional no curso de Pós-Graduação no nível de Especialização em Antropologia e Desenvolvimento Cognitivo. Também, por suas mãos, na participação da construção da Conferência TEDxUFF. Agradeço em grande estima a todas as pessoas que conheci durante o trabalho de campo, em especial a Gabriel, a sua mãe Senhora Eulália e a Cadinho.

Agradeço também a generosa colaboração, no processo de qualificação desta dissertação, à Prof.^a Dr.^a Simone Mattos Guimarães Orlando (UFRRJ / ICHS). Agradeço, também, pelo incentivo para seguir a vida acadêmica desde que fui seu aluno de comunicação social. Relevante, sobretudo, em meu processo de aprendizado foi o Prof. Dr^o Edilson Márcio Almeida da Silva (UFF / PPGA) - pela surpreendente aula de Antropologia Clássica que ministrou no início deste Curso. Fico igualmente grato e feliz com a presença e participação de ambos na banca.

Gostaria de agradecer, ainda, a todos os professores das cadeiras teóricas e ao programa deste curso, por acreditarem em meu intelecto, permitindo que chegasse nesta defesa e em especial ao Secretário do PPGA, Marcelino Conti.

Aproveito a oportunidade para agradecer aos grandes amigos Rolf Ribeiro de Souza e sua esposa Cris, Robson Campaneruti da Silva e sua noiva Isabel Viana, Geraldine Silva e Victor Carvalhido, pelos momentos de conversas e reflexões sobre o meu trabalho de campo e sobre os trabalhos acadêmicos realizados durante esse Curso.

Ao fim, não poderia deixar de lembrar, de forma igualmente grata, aos meus familiares, pelo apoio irrestrito na preparação desse trabalho e, em especial, à minha noiva, Elisa Junger Ferreira Antunes, por ter aceitado minha ausência em inúmeras vezes, além de

ter compreendido os momentos de aflição e “desespero”, devido à preparação deste trabalho. Ao meu pai, Eduardo Cardoso da Silva, fica, além de tudo, um agradecimento especial por ter possibilitado estrutura familiar adequada para que alcançasse essa grande vitória em minha vida.

Sumário

Resumo / Abstract	4 / 5
Agradecimento	6
Introdução	9
Preliminares	9
Por que estudar a telefonia móvel?	10
Por que estudar no Morro do Cavalão?	11
Como entro no Morro?	14
A divisão dos Capítulos	20
Capítulo 01 - A hibridização da telefonia móvel	28
1.1) Um por todos e todos por um. O celular como objeto múltiplo	28
1.2) Usos e apropriações do Telefone Celular	38
1.3) Do fixo ao móvel, uma liberdade "assistida"	55
Capítulo 02 - Consumo móvel. É possível?	66
2.1) De onde vêm os celulares, um consumo simbólico	66
2.2) "Estou na moda" com o meu celular	82
2.3) E quem não tem celular, o que é?	96
Capítulo 03 - Entendendo a sociabilidade através do celular	103
3.1) A sociabilidade através da música	103
3.2) Entendendo a sociabilidade no Morro do Cavalão	111
3.3) Sociedade em rede, mas o que é Rede no Morro do Cavalão?	112
3.4) Formas de controle pela telefonia móvel	119
Considerações Finais	128
Referências Bibliográficas	133

Introdução

Preliminares

A etnografia aqui apresentada, com uma “pitada” de olhar de um amante da tecnologia e da mídia resulta de uma investida sobre a sociabilidade vivida na localidade conhecida como Morro do Cavalão na cidade de Niterói/Rio de Janeiro que, em diversos momentos e sob diferentes aspectos, é mediada pelo uso do celular. As idas ao Morro do Cavalão proporcionaram minha presença no campo de estudo: observação do cotidiano, das práticas do exercício da escuta, da escrita e a análise das situações (que serão descritas nos próximos capítulos) permitindo, também, visualizar os questionamentos e as reações dos meus entrevistados frente à pesquisa. A minha ida ao local teve como inspiração a pesquisa etnográfica realizada por Geertz (1989) na ilha de Bali e, por consequência, resultou no célebre livro chamado *A Interpretação das Culturas*. Durante a pesquisa ele observou e interpretou o *modus operandi* da sociedade balinesa, descrevendo densamente inúmeros fenômenos cotidianos como, por exemplo, as rinhas de galos. Nesse contexto, há uma apresentação detalhada dos moradores desta localidade que é considerada como exemplo de descrição antropológica. Não pretendi chegar à sua riqueza de detalhes, mas tomei o trabalho como referência e acredito ter aberto um bom caminho para o meu desenvolvimento acadêmico e profissional.

Por necessitar de um maior conhecimento sobre a temática de etnografias em Favelas¹, realizei duas disciplinas no PPGA/UFF com o Professor Marco Antonio da Silva Melo, o que me permitiu acumular uma maior bagagem teórica sobre o assunto. Por meio de leituras e do acompanhamento acadêmico do meu Orientador, pude desenvolver uma reflexão em torno das situações presenciadas na localidade acima referida, bem como articulá-la ao material bibliográfico que serve de base a esta dissertação.

Por que estudar a telefonia móvel?

A tecnologia que acompanha a telefonia móvel é objeto de estudo neste trabalho porque, além de ser um meio de comunicação inovador (que permite mobilidade em qualquer espaço e tempo desde que haja sinal), possibilita a comunicação entre as pessoas e, assim, a interação entre elas, seja de forma física ou à distância. O alto número de linhas de telefones móveis habilitadas no Brasil, atualmente, também foi requisito para o interesse sobre a tecnologia da telefonia móvel. Veja-se: no início dessa pesquisa em fevereiro de 2010, havia no Brasil cerca de 176 milhões de linhas habilitadas, com aproximadamente 160 milhões de habitantes; hoje, são cerca de 256 milhões de linhas e 190 milhões de habitantes².

Tal fato demonstra aumento significativo de linhas em relação ao quantitativo de habitantes. Percebe-se, com este fato, que o crescimento do número de linhas habilitadas, no nosso país, mostra-se muito superior, em termos percentuais, ao crescimento da população

¹ Nas disciplinas foram estudados trabalhos de autores diversos, como por exemplo: Alba Zaluar, Arno Vogel, Maria Laís Pereira da Silva, Lícia do Prado Valadares, Luiz Antonio Machado da Silva, Marcos Alvito Pereira de Souza e Patrícia Birman.

² Fonte: IBGE – Diretoria de Pesquisa, Censo 2010 e Site da Anatel.

brasileira. Fora isso, o telefone celular é, também, um aglutinador de várias outras mídias de comunicação, o que exerce fascínio no público consumidor e leva à sua grande procura.

Por que estudar no Morro do Cavalão?

O objetivo de estudar no Morro do Cavalão se deu pelo discurso do senso comum propagado pelos meios de comunicação, segundo o qual áreas como esta seriam locais de mazelas sociais e propulsoras da violência urbana. Entretanto, durante a minha vida de estudante de ensino médio, pude conviver com moradores dessa localidade e, desde então, percebia que a realidade não era a mesma que se lia nos jornais. A imagem exótica e “negativa” de locais similares a esse não era tão “real” assim como eu pensava.

Ora, lá havia pessoas comuns como quaisquer outras, que viviam em outros pontos da cidade que não fossem favelas. Depois de um tempo, principalmente com as políticas públicas desenvolvidas pelo Governo do ex-presidente Lula – onde houve um maior incremento de favorecimento de acesso ao crédito financeiro via mercado – deu-se o surgimento de uma “nova classe média”, reconhecida como Classe C, e que passou a ser apontada como a grande propulsora da economia brasileira. Ela, hoje, é considerada a responsável pela maior parte do consumo brasileiro da atualidade.

Outro ponto favorável para a minha escolha, foi o fato de o Morro do Cavalão ser próximo à minha residência, o que proporcionou o meu acesso de forma rápida e sem necessidade de burocracias institucionais. O morro em questão situa-se em área urbana e popular da Cidade de Niterói/Rj. De acordo com o Censo do IBGE (2010) é um local que possui 695 domicílios. Neles vivem 2302 moradores, divididos entre 1206 mulheres e 1096 homens, com média de 3,5 Habitantes por domicílio. Está localizado entre dois ditos “bairros

nobres”, Icaraí e São Francisco, e próximo a outros dois, desta mesma área: Vital Brasil e Santa Rosa.



Vista aérea do Morro do Cavalão – Imagem Google Maps

1 – Praia de Icaraí

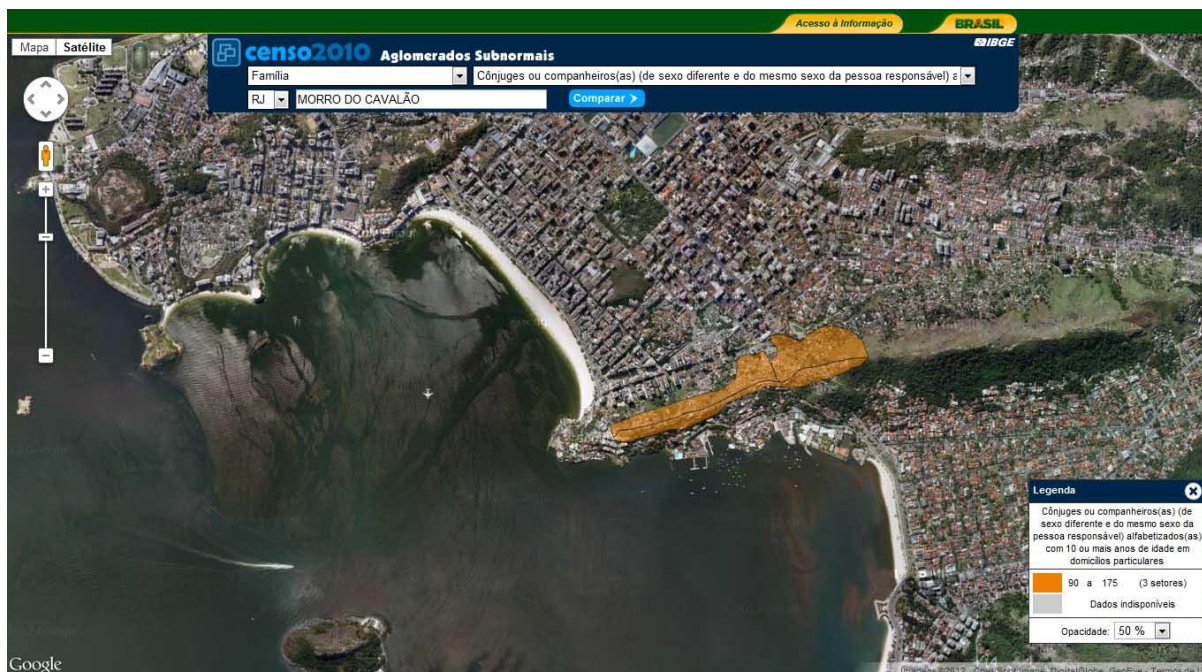
2 – Residências no Bairro de Icaraí

3 – Morro do Cavalão

4 – Praia de São Francisco

5 – Bairros do Vital Brasil e Stª Rosa

6 – Bairros de São Francisco



Vista aérea do Morro do Cavalão – Imagem Site do CENSO 2010 / IBGE

Minha pesquisa teve início em outubro de 2011 e foi concluída em janeiro de 2012. No mês de dezembro de 2011, fui impelido a diminuir a minha ida ao campo, por conta da onda de assaltos que se alastrava pelo bairro de Icaraí ao qual este Morro pertence. Devido a esses acontecimentos, a movimentação de policiais no entorno (e dentro do Morro do Cavalão) era assídua. Um dos meus interlocutores orientou-me, inclusive, a diminuir a minha frequência ao local e retomá-la após as festas de fim de ano. Essa orientação deveu-se ao alarde acerca do comércio local de produtos subtraídos de forma o que, conseqüentemente, promoveu o aumento da presença policial naquele espaço geográfico. Com tal presença, muitas revistas aos moradores e prisões de suspeitos estavam-se realizando à época. O meu interlocutor não desejava que eu vivenciasse algum problema que pudesse vir a acarretar algum prejuízo em minha pesquisa.

Como entro no Morro?



Rua Lemos Cunha - Imagem Google Maps



Rua Lemos Cunha / Por onde subo - Imagem Google Maps

A entrada no campo se deu pelo fato de eu ter estudado com diversos interlocutores que vivem na referida localidade. Dois deles têm posição de destaque no Morro: um, é o ex-presidente da Associação de Moradores; o outro, é um Conselheiro Tutelar do Município. Ambos são primos e vivem, desde que nasceram, no local. Pelo vínculo de amizade que foi construído durante anos, pude vislumbrar a possibilidade de estudar a relação homem x tecnologia naquele contexto. Com o avançar do tempo, constituí outras relações com pessoas para além deles, conhecendo mais indivíduos que me ajudaram no processo de realização da própria pesquisa.

Durante todo tempo, percorri os espaços físicos do Morro, procedi as minhas entrevistas (vinte no total) e, assim, construí um *corpus* interessante para a minha Dissertação. As entrevistas foram extremamente úteis: ajudaram a aprofundar questões que estavam, *a priori*, sendo sinalizadas, mas que não configuravam, a princípio, como parte do objeto principal. Os melhores momentos da pesquisa se deram em conversas informais, tipo “bate-papo”. Foram realizadas ora no Zezinho's Bar, ora sentado na calçada em frente à casa dos meus interlocutores e, noutras, ainda, assistindo às partidas de futebol que ocorriam no campinho do morro.

Ao longo deste trabalho, o meu intuito foi demonstrar como a tecnologia se faz presente na vida das pessoas e como, por elas, é percebida e entendida. Assim, as entrevistas realizadas, as visitas ao Zezinho's Bar, as observações e as leituras acadêmicas (durante o curso de Mestrado) foram ferramentas indispensáveis em meu conjunto para compreensão de que o celular, muitas das vezes, deixa de ser percebido como um objeto que está sendo portado pelas pessoas, já fazendo parte das suas vidas, quase que como um “prolongamento” do corpo. Em alguns momentos, não portá-lo provoca incômodo, o que leva as pessoas a se sentirem culpadas e preocupadas com a sua segurança. Mas é de suma importância relatar

que, mesmo sendo uma espécie de "extensão" das pessoas, não se remete a uma "coisa fixa" a ele colada. Ou seja: mesmo que, em alguns momentos, o celular não esteja próximo aos meus entrevistados, os mesmos informam que não conseguem se imaginar vivendo sem o objeto, o que, nesse sentido, caracteriza um forte apego à tecnologia.

Os entrevistados nos revelam, que as suas expectativas sobre os aparelhos são comuns a qualquer pessoa, seus usos não são diferentes de outros moradores da cidade ou de outro lugar qualquer. Porém, o que diversifica tal uso é a maneira como essa tecnologia proporciona uma rede de interação social totalmente distinta, que tem como suporte os laços de afetividade e de complacência apresentados entre os vizinhos que, por sua vez, tratam de influenciar, uns aos outros, quanto à aquisição dessa tecnologia. Todos – sem distinção – utilizam-no.

Saber que certo indivíduo fala, ouve música, envia mensagem via celular é muito simples, mas entender como o objeto cria uma relação entre os mototaxistas, os viciados e os traficantes é outra totalmente diferente! E, é aí, para mim, que está o "pulo do gato"³, quando se fala sobre sociabilidade mediada pela telefonia móvel. O celular, como toda nova tecnologia, cria uma forma "complementar" de sociabilidade, em que "moderno", e "antigo" não são ideias concorrentes. Em verdade, o celular apenas potencializa essas relações, possibilitando que as pessoas se socializem, tenham mais afinidades, como nas relações pessoais, duais, de time de futebol, de vizinhança, de trabalho, de família – independentemente da distância ou presença física.

É necessário deixar claro também que, apesar de tudo, o que a tecnologia produz (de inovação e de desenvolvimento) leva a perceber que os indivíduos são ainda os mesmos a

³ É utilizada essa expressão para denotar um sintagma menos formal.

interagir através dela: continuam seres humanos que estão sendo impactados pelo cotidiano e nele, pelas inovações tecnológicas. Isso se comprova pelo fato de que apesar da interação ser mediada pela tecnologia, ainda são utilizados os "velhos" critérios para fazer amizades – pelas rede de contatos são construídas tais sociabilidades, assim como pelos gostos particulares, pelas afinidades coletivas e pela característica inata do ser humano de agir no seu ambiente social. É através dessas propriedades que se cria e (re)cria a sociabilidade e é por isso que os ensinamentos sobre sociedade e interação social de Simmel (1983), ao discorrer sobre o assunto, ainda são válidos.

Observei que, através do uso do celular, a tecnologia potencializa o contato e a interação social. Ampliando a conexão de comunicação entre as pessoas, a telefonia móvel retira a ideia de território físico comunicacional, como também (des)territorializa o acesso e (des)temporaliza o momento de interação. Ultrapassa, também, as barreiras físicas, decompõe o momento da prática de comunicação e informa (se houver sinal e a pessoa desejar falar com outra) a possibilidade de comunicação. As antigas barreiras, físicas e do momento temporal, se extinguem. O celular torna tais obstáculos completamente fluidos, pois permite o ato comunicativo entre o emissor e receptor, desde que haja conexão advinda da operadora de telefonia móvel.

O território e o tempo, para a telefonia móvel, são o oposto do lugar fixo das linhas telefônicas residenciais (em que os indivíduos tinham que estar “parados” ao lado do aparelho de telefone com fio) dispensando-se, no caso da telefonia móvel, a estadia do indivíduo em sua casa ou trabalho. O celular constitui a comprovação de que, agora, a telefonia está em qualquer lugar e poder ser usufruída a qualquer momento.

Nessa situação, há a comprovação de que a vontade e o controle são pertinentes ao homem que amplifica as possibilidades da comunicação em novos regimes comunicativos. Entende-se, então, que a tecnologia apenas influencia o comportamento do indivíduo, na medida em que ele utiliza o celular para realizar tarefas diárias, tais como ler notícias, ouvir música ou tirar fotografias. O que está em "jogo" é o que se entende como “tempo-espaço” e não apenas os critérios de se produzir e entender a sociabilidade – esse uso do celular (e as formas de comunicação) variam de pessoa para pessoa. Tais variações podem se dar conforme a idade, a formação educacional e, também, por critérios de paciência para com ela e, não apenas por critérios de socialização.

Como assinalam Nicolaci-da-Costa (2002 - 2007) e Sandra Rubia da Silva (2010) em determinadas situações, objetos podem ser considerados peças de segurança e de paz para uma pessoa ou família podendo ser compreendidos também como objetos que fazem parte de uma família e, que se até determinada data não existir, será adquirido em algum momento. É como se fosse “um filho” que uma pessoa ainda não tem, mas que um dia terá. É um ator⁴ que está *aí, aqui e em todo lugar* onde há sociabilidade, proporcionada pela interação social. Funciona até em alguns casos, como um "segurança particular".

No sentido de compreender os objetos pela ótica dos entrevistados como “se fossem realmente uma pessoa”, percebe-se, como nos fala Simmel (2006), que, em primeira instância,

⁴ A utilização do termo Ator segue a concepção de Bruno Latour (1994, 2001) que algumas vezes substitui o seu uso pelo termo Actante. Em semiologia refere-se a qualquer pessoa, instituição ou coisa que produz efeitos no mundo e sobre ele, ou seja, que tenha agência. É de extrema importância dizer que o sentido da palavra ator para o Latour é outro e bastante distinto do sentido tradicional da sociologia. Neste último sentido a concepção de ator pode ser confundida com a ideia de fonte de ação inerente ao ser humano. O actante na visão de Latour é distinguido pela diversidade de sua composição, ele é antes, uma articulação entre não-humanos e humanos e sua construção se dá em rede. A utilização de actante é para determinar a inclusão dos não-humanos na definição de ator.

a sociabilidade é produzida pela interação social entre os indivíduos. Mas, também é produzida pela telefonia móvel, embora essa abordagem seja pouco explorada academicamente na área de Antropologia, como nos lembra Silva (2010). Nos estudos dessa pesquisadora, observou-se que tal tecnologia não costuma ser moralmente reconhecida como experiência concreta de apropriação e prática social na área de Antropologia. No entanto, é possível dizer que novas formas de execução e experimentação da sociabilidade se fazem atualmente presentes entre as pessoas. O celular também torna essa demonstração mais latente à medida em que as pessoas incorporam esse aparelho em suas vidas, ou seja, a telefonia móvel também cria sociabilidade, um objeto cria interação – é um objeto criando interação e, dela, sociabilidade. Por isso, passa a ser estudada, com mais afinco, nas Ciências Humanas.

Se a sociabilidade é colocada em prática através da convivência entre as pessoas (e entre grupos), o celular assume a função de ser uma peça fundamental para entender essa dinâmica no Morro do Cavalão. Esta dissertação pretendeu demonstrar como foi percebida (1) a apropriação da telefonia móvel nesta localidade e (2) como ela constituiu a concepção de agente social na modernidade, dado que, em todos os ambientes pesquisados, esteve presente e, também, dados tratamento de zelo a que o aparelho era submetido por parte dos seus portadores.

A divisão dos Capítulos

O primeiro capítulo foi construído por meio dos depoimentos dos interlocutores em que estes exprimem as multitarefas oferecidas pela telefonia móvel. A hibridização⁵ serviu, igualmente, para fornecer embasamento teórico sobre como o celular deixa de ser considerado como um agente passivo, tornando-se um agente ativo na construção da sociabilidade no Morro do Cavalão. Isso demonstra que as experiências contemporâneas estão, cada vez mais, sendo caracterizadas pela mobilidade e pela convergência de vários produtos em um único aparelho. O foco no objeto foi, de acordo com a análise de Silva (2010),

"... o caráter recente desse objeto empírico (os celulares tornaram-se populares, de forma geral, há menos de doze anos) possa ser parte da resposta; desconfio, porém, que para muitos pesquisadores os telefones celulares possam parecer um objeto de estudo carente de legitimidade, em comparação a outros de maior visibilidade e tradição na Antropologia, como os estudos de recepção televisiva ou, mais recentemente, a Internet." (SILVA, 2010:403)

Ressalta-se que as perspectivas exploradas, tanto por Latour (2001) – quanto por Silva (2010) e também por Freire (2005), – coadunam-se na reflexão em torno dessa hibridização típicas das sociedades modernas. Já Laignier, Martins e Rizzaro (2010) afirmam que o celular funciona como uma espécie de “prótese do corpo humano”. Para Silva, inclusive, uma simbiose “corpo-máquina”. Pelo entendimento deles, corrobora-se, assim, a concepção de que o celular não pode ser pensado em separado do homem, pois já se encontra como um agente que influencia as suas tomadas de decisão. Nesse sentido, utiliza-se o material de campo

⁵ Este termo será usado para as múltiplas funções que o aparelho de telefone celular possui. Ele é um objeto fixo, mas que funciona em alguns momentos como outros produtos, ora um rádio, ora uma câmera de vídeo, ora como relógio.

(associado à discussão dos autores) para sustentar a seguinte hipótese: *o celular é um actante que deve ser estudado em consonância com os humanos.*

Procurarei observar, ainda, nesse capítulo, que esse aparelho se apresenta como um somatório de produtos em um único objeto. Seus usos, entretanto, são distintos dentro do Morro do Cavalão, mas não diferenciados dos preconizados por pessoas que vivem fora desta localidade. As utilizações do celular serão apresentadas por modos particulares de usabilidade. Mesmo havendo mais de um informante afirmando que também utiliza as mesmas funções que outros, o uso é personalizado e individualizado, o que acarreta uma caracterização particular do aparelho, entre elas, a utilização de “capinha” e a personalização, com apelidos, por alguns dos interlocutores.

Dentre esses, apenas uma pessoa relatou que tem o hábito de ler livros no celular. De antemão, relato a minha surpresa ao saber que há pessoas que leem livros em uma tela de 5 x 6 cm. Esse costume caracteriza, para mim, que há um novo modo de uso que não faz parte do universo convencional do Morro do Cavalão. Os limites da potencialidade do aparelho são, assim, ultrapassados, configurando-se, pois, uma reconfiguração no seu uso, em que a apropriação também sofre mudanças, e é apresentada uma nova forma de experimentação.

Já no segundo capítulo (Cap.II) a ideia central é entender como se dá o consumo local da telefonia móvel. A conclusão reside na compreensão de que a aquisição do aparelho celular se dá por fatores inerentes à lógica do mercado, embora, por vezes, de forma e crítica às categorias do que é formal, moral e legal. Isso porque o que é moral ou legal para um indivíduo, não necessariamente o é para outro. Para apresentar tais categorias, proponho um olhar em torno da relação MOTOTAXISTAS - CELULAR - USUÁRIOS DE DROGAS.

Quando forem expostas as opiniões dos informantes sobre "pegar na boa" um celular com um viciado, ficará demonstrado que eles já não se importam com a cadeia produtiva de ilegalidades que o tráfico de drogas cria na sociedade. De acordo com eles, se os mesmos não pegarem, outros pegarão e o viciado não deixará de vender seus objetos. O fato de comprar mais em conta nesta circunstância configura a mesma situação, por exemplo, de uma promoção em fim de estoque de uma loja de grife famosa. É sempre a mesma questão de ter "mais por menos", de sentir a sensação de "que se deu bem", de ter feito um ótimo negócio. Quem, na sociedade capitalista, não fica feliz em saber que conseguiu pagar um valor baixo por um produto bem mais caro? Para construção deste capítulo, utilizam-se as ideias de Silva (2010), Barros (2005; 2007), Baudrillard (2008), Bauman (1999; 2001; 2008), Mocelin (2007) e Barbosa (2004; 2009).

Também se teve aqui a preocupação de entender o lado do usuário de drogas, ou seja, aquele que vende o seu produto por um preço bem mais barato do que o normal para comprar o entorpecente. Infelizmente, o entendimento mais profundo da questão não foi possível devido ao fato de eu não conhecer o conjunto de pessoas que atuavam no ponto do mototaxi e que poderiam me permitir ter livre acesso ao ambiente. Mesmo não frequentando esse mundo diretamente, pode-se interpretar que essa ação – da venda pelos viciados – é uma opção recorrente, pois sempre há novos aparelhos sendo repassados pelos mototaxistas ou pelos traficantes no Morro. Ressalte-se aqui que nem todos os mototaxistas compram produtos dos viciados e, muito menos, comercializam drogas.

O fato de os mototaxistas comprarem os telefones móveis também remeterá a outro reconhecimento: o de que os aparelhos amealhados são melhores do que os que já se possui.

Daí, compreende-se melhor a ideia de que os mototaxistas querem sempre estar na moda com os seus celulares e serem reconhecidos por intermédios deles⁶. Aliás, todos os agentes sociais desejam a barganha. Com isso, dá-se uma consolidação de vínculo entre eles, até mesmo para os traficantes que se sentem prejudicados com a intermediação dos mototaxistas.

Demonstrar-se-á, também, como são construídos a criação de laços sociais que a princípio não existiam e nem eram reconhecidos pelos mototaxistas e pelos viciados em drogas. Essas ligações produzem um novo agir na localidade, um novo comportamento, que coloca os vendedores de drogas em segundo plano na hora de definir a barganha para obtenção do celular. Essa situação demonstra que a prática do consumo de tecnologia afeta a maneira de comercialização da droga no Morro do Cavalão e que esta última é intimamente ligada à primeira.

Outro aspecto importante diz respeito ao fato do prestígio social estar vinculado à posse de um celular considerado moderno. A sua posse não necessariamente significa que o indivíduo é moderno ou que esteja "antenado" sobre a última novidade na área de tecnologia da telefonia móvel, mas que há uma intenção de construção pessoal nesse sentido. Assim, quando relatarmos o depoimento do Fininho ao citar que ele tem um celular, o último lançamento da Motorola junto à empresa Nextel, tal narrativa terá por objetivo dizer que há condições financeiras para adquirir um aparelho desse tipo por parte de um segmento social que, no senso comum, não possui tais condições. Neste caso, o que importa é o reconhecimento da posse – não do uso do celular.

⁶ Quando for relatado, por exemplo, que Cadinho recebeu uma oferta de compra de *três galinhos* por parte do Luizinho isso se apresentará como um bom negócio em relação a ter adquirido este telefone de um viciado em drogas por um valor mais barato do que está recebendo como oferta.

Há no depoimento do Fininho, então, uma preocupação com a construção do significado do Eu, que vai em consonância ao que Mocellim (2007) diz sobre o condicionamento que a posse do celular proporciona. A pessoa quer ter o máximo de produtos possível para ser reconhecido e considerado não só pelas outras pessoas “de um modo diferente”, mas também por ela própria. Ela quer se sentir diferente e especial. Para esse fascínio exercido pela moderna tecnologia, em si, não há uma explicação lógica, como nas ciências matemáticas, mas há uma conexão de fatores que as ciências humanas podem estudar para demonstrar como ele se constrói: influência da propaganda, o desejo consumista (Baudrillard, 2008), a concepção de individualidade (Barbosa, 2004), entre outros.

As formas convencionais (e morais) de aquisição da telefonia móvel também se fazem presentes no Morro do Cavalão. Em oposição ao meio de aquisição do Miguel e do Cadinho, por exemplo: as lojas são utilizadas por outros moradores, tais como Vanda, Eulália e Josefina. Elas são exemplos de que os opostos podem conviver numa mesma localidade, embora não haja entre todos a consciência de que os produtos adquiridos – tanto pelas mãos dos mototaxistas quanto dos viciados e dos traficantes – são formas de propagação da violência destes últimos. Eulália, por exemplo, deixa bem claro que jamais aprovará a compra por esses meios e que não faz esforços em saber por quanto está sendo vendido um aparelho mais moderno do que o dela. Vanda, por sua vez, ao demonstrar a sua insatisfação quanto a esse meio de acesso, corroborará com Eulália e ainda comparará à mesma situação a de *pegar comida com o diabo*. Essas posições comprovam que, mesmo tendo a facilidade de aquisição de aparelhos modernos no Morro do Cavalão, há pensamentos divergentes que caracterizam uma pluralidade de identidades que constroem a imagem do Morro para fora dele.

Mas...e as pessoas que não possuem celular? Essa questão não é muito pensada nem levada em consideração entre as pessoas entrevistadas, pois não acreditam muito que possam

existir indivíduos que não tenham o objeto. Para os entrevistados, o celular afigura-se como algo bom, positivo, alegre e descontraído, pó isso se referem às pessoas (que não possuem o aparelho) como “malucas” ou “tristes”.

Será possível, então, dizer que o celular estimula desejos já existentes nas pessoas e representa a materialização simbólica de uma realidade que muitas das vezes não é a vivenciada pelas pessoas que portam o aparelho? Em nossa pesquisa a resposta é positiva: é através do consumo que os indivíduos serão apresentados e reconhecidos como pessoas, passando a ter suas identidades construídas. É o *Eu compro, logo sei que existo*, como fala Campbell (2009).

O uso do celular deixou de ser, há muito tempo, o de falar, apenas, ato que passou a ser secundário. Os serviços a ele inerentes incidiram na relevância e na atratividade para os usuários, pois a vontade de estar *24 horas no ar* (Silva, 2010) é quase unânime na pós-modernidade⁷. A sua facilidade de mobilidade, de usabilidade e de agregação de produtos/serviços é o que faz ser reconhecido como objeto do Terceiro Milênio. Pelo menos até agora, pois, como estamos no seu início, pode ser que, no futuro, ele não seja mais considerado como tal).

Além do já exposto, a telefonia móvel, proporciona também a construção das redes sociais que, além de conectar a pessoa, e facilitar a sua comunicação, torna-se, para os entrevistados, uma reafirmação dos laços familiares, de amizade e de lazer. A conexão entre

⁷ Segundo Bauman (2001), na pós-modernidade a fluidez das ações é parte fundamental da sociedade não havendo mais segurança nas atividades diárias. Nesta "era", o indivíduo deixa de ser um agente passivo para se tornar um ativo. Ele passa questionar e refletir sobre as suas ações e motivos das situações cotidianas e, também, a ação da sociedade sobre o indivíduo e vice-versa.

as pessoas que o celular propõe é muito simples de ser observada, mas, ao mesmo tempo, é muito complexa para ser totalmente explicada.

O terceiro e último capítulo da dissertação consiste em uma análise sobre a sociabilidade construída no Morro do Cavalão por meio da tecnologia de telefonia móvel. Busco acompanhar que tipos de interações sociais ocorrem por meio do celular e como os seus usos criam o "ambiente social". Parto novamente do princípio de hibridização do Bruno Latour e da sociabilidade de Georg Simmel, para entender, entre outros fenômenos, o comércio de celulares no local de pesquisa.

Grande parte de meu material de campo foi obtida à luz das leituras sobre como realizar entrevistas de campo de Michel Thiollent⁸ (1982) e de como praticar observação direta do Malinowski (1978) e de Foot White (2005). Observar a rotina do bar, por exemplo, mostrou-se muito interessante no início da pesquisa, bem como testemunhar diretamente o modo como as pessoas se portavam em suas casas ao responderem às minhas perguntas. Foi através dessa observação que pude rever a minha própria noção de uso do celular pelas pessoas.

Para promover o entendimento da relação objeto / homem, recorro ao anonimato dos entrevistados com o objetivo de promover a privacidade de suas identidades. Em consonância com essa medida, apelo ao artifício de apresentar nomes fictícios. Essa atitude é decisão minha, mas é, também, uma maneira de resguardar a identidade dos meus interlocutores quando se referem ao comércio de drogas local.

8

Hoje, sabemos que observar participativamente (ou não) qualquer outro contexto, não quer dizer viver a vida nativa em sua totalidade, ou “entrar na pele do outro”, como alertou Clifford Geertz (1989). Ao invés disso, a pesquisa de campo se faz de “entradas e saídas sistemáticas”, do vaivém entre conceitos e categorias nativas. A cisão entre aquilo que é e o que não é conceitual, lembremos, não é de natureza, como esclarece Eduardo Viveiros de Castro (2002). Afinal, somos todos nativos também, nativos de uma determinada cultura. Portanto, toda teoria é uma forma de contextualização do discurso nativo, um escrito sobre como o discurso é produzido, ou seja, uma fala sobre o contexto particular no qual os ditos (e interditos) da vida se dão.

Assim sendo, o estudo que se segue obedece à moderna concepção de trabalho de campo: respeito a importância do discurso nativo, da alteridade e da afetação no campo – prerrogativas necessárias ao texto etnográfico. Contudo, o processo não pode se encerrar aí, pois as vozes que elegemos devem ser contextualizadas para não haver uma má interpretação. Ao final, devemos oferecer uma apresentação descrita sobre esta experiência, e o escrito da experiência é a análise antropológica. No presente caso, o escrito refere-se à discussão de que o telefone celular facilita não só a comunicação entre o receptor e emissor, facilita também a obtenção de informação, o deslocamento diário pelas ruas das cidades via GPS, a garantia da segurança pública para as pessoas. O telefone é a esperança, é o “patuá” contra o mal, contra a violência social. É uma esperança vencendo um medo. O celular é uma nova conduta que influencia a sociedade, por ela também é influenciado e já é visto por parte dos meus entrevistados como uma pessoa que – além de interferir na construção da identidade pessoal do indivíduo – também potencializa novas condutas e modos de ser na sociedade. Enfim, ele é “você aí, aqui e em todo lugar que tem sinal”. Ele é, em alguns momentos, “você objetificado”.

Capítulo 1

A hibridização da telefonia móvel

1.1 - Um por todos e todos por um. O celular como objeto múltiplo

Ao conversar com Gabriel⁹ sobre os seus hábitos de uso em relação à telefonia móvel, tive por objetivo iniciar o meu trabalho de campo. Ele foi a primeira pessoa a ser entrevistada por mim. Mesmo tendo feito um *roteiro de perguntas*¹⁰, eu me encontrava apreensivo sobre como realizá-las. Estávamos em sua casa, mais precisamente no seu quarto. Enquanto iniciava a nossa conversa, eu olhava ao redor e tentava criar em minha mente uma possível relação sobre o seu comportamento com as suas posses materiais. Isto foi um período de elocubrações que considerava que ia me levar em algum lugar (ou a alguma opinião sobre ele), mas percebi

⁹ Gabriel é um homem de 25 anos, pardo e tem cerca de 1,80m de altura. É motorista de empresa de viagens nos fins de semana e estudante de direito em uma universidade particular de Niterói. Sempre foi aluno de escola pública do mesmo município. É um amigo meu de infância e, no momento da entrevista, tinha acabado de ser eleito Conselheiro Tutelar da mesma cidade. É morador do Morro do Cavalão desde que nasceu, filho de Eulália (60 anos), uma dona de casa que atua como costureira na localidade, de Expedito (62 anos), um motorista que realiza transporte interestadual, e irmão de José (33 anos), técnico em eletrotécnica.

¹⁰ Em relação às perguntas realizadas na pesquisa, escrevo aqui as que foram feitas: Quando o/a senhor (a) veio morar no Morro do Cavalão e como era a estrutura física do Morro? Quem são as pessoas com quem você fala ao celular? Como é a sua vida sem o celular e com ele? Como era a sua vida no morro: tinha luz, água, telefone, coleta de lixo, asfalto, essas coisas? Como era a sua vida antes do (a) senhor (a) conhecer o celular? Desde quando você possui celular? Quando e quem comprou o celular na sua família? Quem foi? Você consegue perceber alguma mudança depois do celular? Você acha que existe algum celular melhor do que outro? O que você pensa das pessoas que não tem celular? Onde você guarda o celular? Esta marca é importante para você? O que te faz precisar utilizar o celular? Como ele foi inserido na sua vida? Qual o benefício que ele ter trouxe? Como você escolheu o seu aparelho? Se você pudesse o trocava por algum outro? Numa escala de 0 a 10 em que o lugar você coloca o celular em relação aos bens que você tem? Você conseguiria "viver", hoje, sem o celular? Em qual situação você o usa? Utiliza para algum outro fim que não seja falar? Como se dá o controle dos filhos pelo celular? Como é dividido o morro? Suas áreas? Lazer, trabalho, circulação, moradia? Tem acesso à internet e TV por assinatura? O que você acha que se tornou através do uso do celular? O que o celular se tornou para você? Há lugares melhores ou piores para se morar no morro? Há casas que tem custo maior do que outras? O que é um celular bom para você? O que você pensa de uma pessoa que tem o seu celular? E, das pessoas que não possuem o aparelho? Você usa o celular em lugar público? Para que serve o celular para você? O que você acha da pessoa que tem um celular simples e outro moderno?.

que era em vão e que tinha de focar na conversa para tentar extrair algo de positivo para o meu trabalho.

Iniciei o nosso diálogo perguntando como ele entendia a função da telefonia móvel e da fixa, tanto para o seu dia a dia e, quanto para o contexto de sua família. Nesse momento, ele respondeu de forma enfática que não gostava de celular e que só o usava devido ao seu trabalho. Já em relação ao telefone fixo, informou que, antes do aparelho, sua vida em casa era um "inferno".

Afirmou isso porque o telefone fixo era usado pelos vizinhos e familiares como se deles fossem e, ainda como “telefone de referência”¹¹ para empresas que fornecem o serviço de crediário e para bancos. Informou que, atualmente, diminuíram as ligações destas empresas perguntando sobre as pessoas que deram o seu número fixo como referência, mas que ainda há tais ligações. Entendendo tal situação como absurda, Gabriel, relatou que o telefone móvel serve, atualmente, para a realização desse contato entre as pessoas e as empresas. O absurdo para ele é perceber que a intimidade de sua casa é invadida no momento que os vizinhos entram nela para atender as ligações e, com isso, a porta do seu quarto tinha de estar sempre fechada, ainda mais quando ele se encontrava de roupas íntimas.

Durante a entrevista, Gabriel se encontrava em sua cama, deitado e olhando para a TV, ao mesmo tempo em que conversava comigo. Nela, passava um jogo de futebol do seu time, Flamengo, contra o Santos. A sua TV era um aparelho de 50" de plasma, da marca Panasonic, conectada a um decodificador de TV digital HD da empresa Sky. Depois de iniciado o nosso bate papo, a certa altura ele parou de falar comigo para atender uma ligação. Percebi que

¹¹ Interessante esta prática ainda “sobreviver”, mesmo com todas as facilidades para se adquirir um telefone fixo atualmente.

estava falando com uma mulher, pois o tom das suas palavras eram melódicas: pretendia se encontrar com a pessoa com quem dialogava. A minha presença não o intimidava de falar o quanto a pessoa era especial para ele e o quanto ele queria encontrá-la aquela noite. Percebo, também, que o seu aparelho é um Smartphone¹² da fabricante Nokia.

Enquanto fala ao telefone, ele se dirige ao banheiro. Ouço-o ao telefone, assim como o som da urina no vaso sanitário e uma resposta a uma pergunta (se ele estava realmente falando ao aparelho e usando o banheiro ao mesmo tempo). A sua resposta¹³ é para mim algo marcante, pois demonstra que para ele não há problema em realizar outras tarefas durante a sua conversa. Ao fim de suas atividades fisiológicas, continua a conversar. Ouço o barulho da torneira de sua pia, o som dos seus passos do banheiro em direção à cozinha e da água num copo. Durante todo o tempo ele permanece conversando com a pessoa do outro lado da linha e, ao fim, desliga mandando um beijo para ela. Percebo que Gabriel não tirou o telefone do ouvido em momento algum, conseguindo realizar diversas tarefas ao mesmo tempo em que falava.

Segue abaixo a tabela que compila a formação da rede de sociabilidade mediada pela telefonia móvel e fixa no que concerne ao vivenciado por Gabriel.

¹² Os smartphones são híbridos entre celulares e computadores. Não têm o hardware potente de um PC, mas também não são tão simples quanto um telefone. Eles englobam algumas das principais tecnologias de comunicação em somente um local: internet, GPS, e-mail, SMS, mensageiro instantâneo e aplicativos para muitos fins. Para muitos, é como “ter o mundo ao alcance de um simples toque”. (<http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2011/12/o-que-e-smartphone-e-para-que-serve.html>)

**DIAGRAMA DO TIPO DE CONECTIVIDADE E EXTENSÃO DA REDE DE
SOCIABILIDADE E DE CONSUMO DE GABRIEL**

Tipos de Conectividade	Função da Linha	Mediação da Rede de Sociabilidade¹⁴	Extensão móvel de consumo
Telefone Móvel 1	Contatos para serviços, trabalhos e relações afetivas individuais	Redes primárias (afetivas / familiar) ligadas a própria pessoa Redes secundárias (trabalho / profissional)	N/A
Telefone Fixo	Referências domésticas e vicinais para serviços, localização e compras relacionadas a família e a vizinhança	Redes sociais de seus vizinhos assim como para compras pessoais e familiares	Para compras pessoais ligadas ao seu próprio consumo ou dos seus familiares, assim como para compras dos seus vizinhos
Face-a-face (sem conectividade mediada por objeto tecnológico)	Contato com a vizinhança local e amigos de faculdade	Rede intervicinal (entre vizinhos) para contato com amigos e vizinhos de sua residência	Compra e venda de outros aparelhos de telefonia móvel dentro da rede social local

Diagrama 1

O retrato acima descrito se assemelha ao que Laignier, Martins e Rizzaro constroem ao chamar o celular como prótese humana (2010, p.11). De acordo com eles, "A palavra prótese deriva da palavra grega *prosthénos*, que significa extensão" (2010). Nessa perspectiva, o celular é parte pertencente ao corpo humano para a realização de tarefas múltiplas. Para estes autores, a tecnologia é a possibilidade de uma junção da boca com o ouvido. Gabriel faz uma conexão maior / mais dinâmica entre sentidos e necessidades do corpo humano. Os sentidos são os referentes ao ato de ouvir e falar e a necessidade, no caso, refere-se às

¹³ A resposta que ele dá à pessoa que está do outro lado da linha é esta: Qual o problema de eu dar uma mijadinha enquanto falo com você, quê que tem isso? Você não queria que eu parasse de mijar enquanto falo com você, né?

respostas a estímulos fisiológicos enquanto os referidos sentidos são mobilizados. O celular configura algo de fácil utilização, como as mãos (prática para transportar ou manusear), são leves, alguns tão pequenos que se perdem nas bolsas e mochilas. Estão tão próximos ao corpo humano que, em alguns momentos, parece que eles realmente fazem parte do corpo, como se fossem a prótese ou extensão de que nos falamos Laignier, Martins e Rizzaro (2010).

Estas situações vivenciadas por Gabriel e a concepção dos autores mencionados potencializam o que Silva (2010) chama de simbiose corpo-máquina. A mesma autora relata que o celular "possibilita ao corpo o aumento de suas capacidades" (Idem:84) e, com isso, corrobora com a ideia de que os objetos são extensões do corpo humano. A tecnologia, no entender de Silva, remete a uma noção de que o homem caminha para uma nova fase que se denomina pós-humanidade em que há desafios em relação à fronteira entre o natural, o biológico e a técnica propriamente dita. Ao citar Le Breton (2003), no texto *Adeus ao Corpo*, Silva afirma que o autor sugere que o mesmo homem passa a ser um sujeito plenamente integral quando o corpo atinge a perfeição através do corpo eletrônico. Silva ressalta essa concepção ao dizer que:

"Se o corpo permanece ligado à pele, se permanecemos carne, é a tecnologia que passa a se ligar à essa pele (ou mesmo penetra corpo adentro) na busca por uma simbiose perfeita entre o humano e a tecnologia. Próteses dos mais variados tipos, marca-passos cardíacos, silicone, lentes de contato, uso de microchips sob a pele, modificação do corpo, além do uso de tecnologias de comunicação móveis – principalmente o telefone celular – atestam o quanto o indivíduo moderno e seu corpo são cada vez mais dependentes da tecnologia". (SILVA, 2010: 85)

¹⁴ A rede de sociabilidade é entendida como a possibilidade de interação social vivenciada pelos entrevistados nesta pesquisa. Parte do pressuposto de George Simmel, segundo o qual a sociabilidade é uma forma de interação social entre os indivíduos.

Silva (*op. cit.*) ainda atesta que a roda é um prolongamento do pé e o telefone uma tecnologia que possibilita o deslocamento instantâneo da voz no espaço. Poderíamos ir ainda mais longe, afirmando que, o celular seria a intensa possibilidade de interlocução de vontades e necessidades do sujeito, em que tais possibilidades são constitutivas dos indivíduos como meio corporal, ao possibilitar a portabilidade desejada pelos mesmos indivíduos.

Voltemos novamente ao Gabriel. Ao retonar para o seu quarto em cujo local víamos o jogo de futebol e conversávamos a respeito do celular, percebi que ele jogou em cima da sua cama o telefone. Este aparelho não possui nenhuma capa, tem visíveis sinais de arranhões e as suas teclas estão gastas. Neste momento perguntei sobre qual a importância do aparelho de telefonia móvel para ele. Ele fez uma comparação entre esse aparelho e o carro, dizendo que é mais fácil emprestar o carro para os amigos próximos e para os familiares, mas não empresta o celular. Para ele, um celular é algo extremamente pessoal. Comparou, inclusive, seu aparelho à sua cueca, não deixando dúvidas da íntima relação que mantém com seu aparelho: "Emprestar o celular seria a mesma coisa que emprestar a cueca. É algo tão particular que acredito que, se for emprestado, parecerá algo impuro, pois quem é que empresta a cueca para outra pessoa?".

Perguntei sobre como ele se mantém informado sobre o noticiário, principalmente sobre os acontecimentos diários, troca de informações e mensagem pessoais. Ele diz que como o celular dele fica "vinte quatro horas conectado" ao mundo, em especial via Facebook, é assim que ele fica sabendo dos fatos que acontecem diariamente. Ou seja, o celular não é usado por ele apenas para falar, mas também para obter informações através de email e redes sociais, como o Facebook.

Vejo também que falar ao celular, assistir TV e acessar a internet via notebook são motivos para novos assuntos em relação à minha pesquisa. Enquanto conversávamos, o meu

celular não tocou, mas o do Gabriel não parava de tocar. Para dar uma atenção maior à nossa conversa, ele desligou o seu aparelho, pois, de acordo com ele, o seu telefone "não pára"¹⁵. Perguntei sobre qual a operadora que utilizava e ele me respondeu que era a TIM, devido à promoção que permite falar por R\$ 0,25 a chamada para um outro número da mesma operadora e R\$ 0,50 a conexão da internet por dia. Ele falou que tal promoção possibilitou-lhe uma maior oportunidade de ficar conversando ao celular. Além disso, informou que essa operadora é a que melhor tem sinal de recepção no Morro e nos locais em que ele realiza as viagens de trabalho, pois vai muito para Minas Gerais, onde o sinal da referida empresa também é bom.

Freire (2005) – ao citar Latour (1994), Woolgar (1997) e Callon (1988) – assevera que "não há de antemão o mundo das coisas em si de um lado e o mundo dos homens entre si de outro, pois natureza e sociedade são ambas efeitos de redes heterogêneas". Percebo, em conformidade com isso, que a telefonia móvel e os homens estão-se entrelaçando entre si, não sendo possível estudar estes separados da natureza ou dos objetos. Partindo da concepção de Latour (2001), não é possível mais separar os humanos dos não humanos: ambos formam um coletivo. A associação entre eles é o cerne de uma teoria conhecida como Teoria "Ator-Rede". Conforme já mencionado, Ator, para Latour, é tudo que produz efeito no mundo, o que vai desde um objeto, passando pelo homem até um efeito da natureza; "Rede", por sua vez, significa o seguimento dos atores e dos objetos em ação, ou seja, em utilização. Para Freire (2005), a Teoria Ator-Rede nada mais é que o modo de seguir os atores em ação, considerando tanto os humanos quanto os não-humanos (2005; 25).

¹⁵ Gabriel informa que recebe ligações a todo o instante e, para se dedicar à nossa conversa, decidiu desligar o seu aparelho para me dar uma atenção maior ao meu trabalho acadêmico.

Nesse sentido, o conceito de hibridização de Latour (2001) mostra-se de suma importância, pois a proliferação daquilo que ele chama de “quase-objetos” faz com que eles sejam entendidos simultaneamente como “sociais” e “naturais”. O objeto, neste caso, não remete a uma única interpretação/significação. Sua potencialidade característica reside em ser maior e mais útil do que um simples aparelho que tem a função de falar. A Teoria Ator-Rede ajuda a refletir sobre como os atores humanos e não-humanos estão ligados a uma rede social que constitui uma sociedade. Os indivíduos, as organizações, as máquinas, os grupos, os objetos, entre outros, são vistos como uma rede, em que o social é constituído pelo humano e o não-humano.

O conceito tradicional de rede no pensamento sociológico é recusado por Latour: os estudos das redes sociais referem-se apenas às relações sociais individuais, ao passo que a Teoria Ator-Rede tem, como objetivo, descrever as entidades não individuais. Vejo, então, que não devemos considerar a existência de máquinas como algo apenas não humano e o humano como apenas humano, pois a implicação da sua interação mantém unidas as partes que compõem a vida dos Ator-Rede.

Para entender como se dá essa relação (do celular com as pessoas) e analisar essa dinâmica da teoria Ator-Rede, me propus inicialmente a ir ao Zezinho's Bar. Tratarei agora de relatar uma situação em que conversei com outras pessoas e, dentre elas, um rapaz conhecido como Safadão¹⁶. Este estava calado enquanto eu conversava com Dolores, Valdir e Fininho¹⁷,

¹⁶ Este rapaz aparenta ter uns 30 anos. Ele é pardo e mora no Morro. É conhecido das outras pessoas que se encontram na conversa que realizo. O entrevistado se intitula profissional liberal da área da construção civil.

¹⁷ Dolores é uma mulher branca de cerca de 30 anos. Ela é pedagoga e trabalha na creche comunitária do Morro do Cavalão. Valdir é um homem de idade semelhante à de Dolores e se apresentou a mim como seu

que relatavam as suas vivências e opiniões a respeito da importância da telefonia móvel e da tecnologia propriamente dita. No decorrer de nossa conversa, Safadão nos interrompeu dizendo acreditar que o celular está superando o computador ao permitir que as pessoas consigam realizações de tarefas de uma forma mais rápida. Perguntei a ele que ações seriam essas e ele me relatou que seria o acesso à possibilidade de conexão à internet em qualquer lugar. O computador só permitiria que tal conexão fosse feita em casa, num lugar fixo e que o celular não tem lugar definido, podendo estar-se em qualquer lugar que quiser e, no seu caso, ele relata o seguinte:

"Antes da internet no celular eu só conseguia fazer os orçamentos de materiais de construção ligando para as lojas ou entrando na internet em casa, agora eu consigo pesquisar os preços pelo meu celular. É muito mais rápido e prático, posso fazer isso de qualquer lugar. Quando um cliente me liga e tô na rua, peço alguns minutos para ele, pesquiso na net pelo celular e depois ligo para ele dizendo o valor do serviço com o material. E muitas das vezes parto dali para a loja e para o local do trabalho" (sic). (Safadão)

Já em relação a outras funções que passou a fazer pelo celular ele relata o seguinte:

"Eu agora ouço musica, vejo tv, tiro foto, envio email, faço orçamento, jogo, chamo as minhas amigas para sair tudo pelo celular, não preciso de mais nada." (idem)

Sobre o aparelho propriamente dito, ele acha que, mesmo servindo para as suas necessidades, acha que:

"o aparelho é mais propaganda do que outra coisa, quando comprei o vendedor da Uruguaiana disse que o aparelho fazia tudo que só faltava falar sozinho. Ele tava certo, mas o cara só não disse que o aparelho era lerdo demais e quando ele me deu duas baterias eu

companheiro. Ele atua como corretor de imóveis. Fininho é branco e aparenta ter entre 40 e 45 anos de idade. Ele é pescador e, de acordo com ele, vive somente aos fins de semana no Morro.

estranhei, mas depois vi o porque dele vir com duas baterias, dura muito pouco". (ibidem)

Pergunto a Safadão o que o levou a escolher aquele aparelho. Ele me responde que deveu-se ao conforto que ele pode adquirir através do produto e as múltiplas funções que ele possuía, pois, por meio deles, evitava transtornos. Como exemplo, ele cita a sua ida ao bairro de Nova Cidade, em São Gonçalo. Foi fazer um serviço e quando chegou no lugar não pôde realizá-lo. Afirmou que o contratante havia ligado para o celular dele pela manhã cedo para cancelar, mas como o seu aparelho havia ficado no carro do irmão, ele não conseguiu ser informado. Ele relata que perdeu tempo indo à toa àquela localidade. Mas, mesmo assim, ele acredita que o celular proporciona uma ideia de acesso ilimitado e de multiplicidades. Sem o celular, considera que fica limitado em suas funções e nas suas possibilidades de execução, principalmente as relacionadas ao seu lazer. Ele finaliza a nossa conversa dizendo que, mesmo o celular sendo proveitoso, é manipulador e viciante, porque, às vezes, influencia o seu comportamento, o seu humor e a sua vontade de ouvir música. Assim, ao receber alguma informação (ou passar a ter o hábito de sempre ouvir música) identifica-se, ele próprio, como um “viciado” em telefone.

Gabriel, ao realizar diversas tarefas com o telefone celular ao seu ouvido, demonstra, assim como Safadão, que o aparelho está superando o computador no que se refere à multiplicidade de funções em um único objeto, que há uma forte tendência da ampliação do uso da tecnologia móvel no cotidiano das pessoas. Ter um objeto que faz tudo e no qual convergem diversas linguagens tende a diminuir a quantidade de coisas que cada pessoa possui e, principalmente, o que carrega junto ao corpo no seu dia a dia. Falar, ouvir música, gravar uma aula, acessar a internet, ler livros e tantas outras atividades podem ser realizadas hoje – em único aparelho – e o seu uso (e a sua apropriação) serão assuntos trabalhados mais adiante. Vale observar que isso acontece justamente porque há uma ilimitada possibilidade de

adicionar mais uma interface à tecnologia e, portanto, desenvolver novas facilidades e novas maneiras de uso. Objetos mais modernos para solidificar a base material da vida se tornam cada vez mais um imperativo que influencia a escolha dos produtos tecnológicos.

1.2 Usos e apropriações do Telefone Celular

" Não, eu só falo e leio as mensagens mesmo, esse negócio de tirar foto e ouvir rádio é coisa da garotada "

Benedito

Funcionário público aposentado e vice-presidente da escola de samba local

Nas conversas que tive durante a minha pesquisa de campo, pude constatar que há diversos usos e apropriações possíveis em relação ao telefone celular. Vão desde diálogos produzidos pela própria fala, passando por conversas mediadas pelo envio e recebimento de mensagens de textos, até a utilização do objeto para a leitura de livros, caracterizando este um outro e peculiar tipo de uso. Cada utilização é constituída por características próprias que levam cada indivíduo a personalizar o seu uso, a darem a sua "cara" ao aparelho e a re-significarem a utilização, conferindo-lhe um outra importância para além do ato de falar. Por mais que tenhamos em mente que a telefonia móvel foi criada e é utilizada para o ato da fala, da troca oral e para proporcionar a comunicação entre pessoas, é possível entender melhor os outros usos por meio dos relatos dos entrevistados. Muitas vezes, a tecnologia não é utilizada para falar ou para se comunicar com outro indivíduo. Pelas conversas e pelas observações, observa-se que a relação vai, em certos casos, muito mais em direção à compra dos aparelhos e que a relação homem-máquina, é muito mais delicada do que acreditamos ser. Vejamos uma dessas observações a respeito do uso da telefonia móvel:

Vera é uma mulher de 27 anos e estudante de Letras / Inglês, em uma universidade particular de Niterói. Ela mora ao lado da casa do Gabriel, Conselheiro Tutelar, e motorista nas horas vagas. Nós conversamos na varanda da sua casa. Ao entrar em sua residência, pelo portão da garagem, logo de cara demos com um carro da Ford, Corsa, de cor roxa, que está sem ser utilizado há mais de quatro anos. Viro para a direita e subo dois degraus para ter acesso à sua varanda. Nela, sou convidado a sentar numa cadeira, mas como percebo que Vera, parecendo tensa, posiciona-se em uma construção de concreto, acoplada ao muro de sua casa, tomo a decisão de sentar no chão encostado a uma pilastra da sua varanda, para criar um ambiente mais informal. Do lado de fora de sua casa, posso ouvir pessoas andando, barulho de moto passando pela rua e até uma freiada intensa. Neste momento, Vera me informa que os motoqueiros são uns loucos, pois sempre andam com pressa. Abaixo mostro o local em que se localiza a Casa da Vera e do Gabriel. O local em que há um sujeito, de camisa preta apoiado à parede é a casa do Gabriel. A casa de Vera se localiza onde há placa de um candidato a vereador.



Foto do Gabriel

Ao voltar para o nosso assunto, percebo uma apreensão sobre as perguntas que possam ser feitas por mim e, para "quebrar o gelo", peço a ela para falar sobre como o artefato tecnológico de comunicação, o telefone, foi inserido na sua vida e na vida das pessoas que vivem com ela em sua casa. A tensão inicialmente apresentada começa, então, a ser diluída no início da nossa conversa porque "*...uma liberdade deixada ao entrevistado facilita a produção de informações sintomáticas que correriam o risco de serem censuradas num outro tipo de entrevista*". (THIOLENT, 1982; 193).

Ela informa que possui o telefone fixo em sua residência há mais de 17 anos, mas que não o usa mais com a frequência de antes devido à aquisição do celular. Aproveito a oportunidade para perguntar como foi a aquisição da telefonia móvel e a mesma responde que em toda a sua vida só possuiu dois aparelhos: o primeiro foi comprado de um amigo e o atual

foi adquirido porque a empresa de telefonia móvel, TIM, entrou em contato com ela oferecendo um pacote de ligações que oferecia como brinde o aparelho que ela possui atualmente. Neste instante, ela informa que era cliente de conta da operadora. Peço para ela dizer qual (e como) era a sua relação com esta empresa de telefonia. Vera relata que a anterior era a Vivo e que também era “de conta”, mas que – devido aos amigos estarem na TIM – ela aproveitou a oportunidade e mudou de empresa, ainda mais com um "presentão" que estava ganhando. Como o novo número seria pós-pago, a operadora colocou no celular os últimos quatro dígitos do seu telefone fixo. Ela, por sua vez, mostra-se satisfeita:

"eu achei isso o máximo, ficou mais parecido comigo, porque cria uma parceria com o meu número de casa. Quando dou o meu número de celular para as pessoas falo que é quase a mesma coisa que o meu de casa porque o final é igual e que só muda o início, e isso é muito bom, né!?" (Vera)

Enquanto ela falava e eu escrevia, fiquei pensando sobre a relação da Vera com o celular e o seu comentário sobre as suas leituras de livros por meio do aparelho. Então, resolvi perguntar qual o seu modelo de celular. Ela imediatamente se ofereceu a pegar o aparelho para me mostrar. Então se levantou do local em que estava e foi até um balcão que se encontrava na parte lateral da sua varanda. Ele estava em cima de um tecido branco um pouco maior do que o aparelho e ao lado de uns porta retratos de cartagem, os quais estavam sendo pintados por ela no momento em que cheguei para conversar. Percebi que o seu celular é um Sony Ericsson com um visor de cerca de 5 x 6 cm. Considerei-o muito pequeno, e perguntei como era possível ler livros ali. Ela respondeu que era muito fácil e me mostrou. Mas antes de me aprofundar nesse assunto, aproveitei e perguntei a ela como era a sua vida antes do celular. Como resposta, ela disse que antes, utilizava muito mais computador e que "vivia" no telefone fixo. Além disso, lia muito menos livros do que agora. Vera diz isso porque não tem muitos recursos financeiros para adquirir livros. Informa também que

brincava menos com os joguinhos do seu aparelho. Abaixo, há a foto do aparelho da Vera. Como podem perceber, o seu visor é muito pequeno.



Vera lê livros no celular, mas como isso se dá, já que o visor do seu aparelho é, como citado acima 5 x 6 cm? Essa situação me deixou surpreso e desconstruiu algumas certezas a respeito de usos possíveis do aparelho, pois ainda sou um usuário do livro impresso. Esta apropriação do uso do aparelho demonstra o que Silva (2010) escreve quando explica a diferenciação dos conceitos de adoção e apropriação de Bar, Pisani e Weber (2007). Segundo os autores:

" a adoção refere-se principalmente ao uso das tecnologias móveis tal como previsto pelos criadores da tecnologia, ao passo que a apropriação é um processo criativo no qual os usuários dos telefones celulares, para além da mera adoção, tornam a tecnologia parte significativa de suas vidas permeando-a com seus padrões e práticas culturais, políticas e econômicas". BAR, PISANI E WEBER (2007: 16)

A adoção e a apropriação são fases num ciclo de desenvolvimento tecnológico para (Bar, Pisani e Weber, 2007). De acordo com Silva, a existência das fases se explica porque os

usuários testam a tecnologia em suas possibilidades e limites. Aos poucos, vão, então, modificando as características do objeto para melhor o adequarem às suas necessidades. Não há, segundo ela, radicalismo quanto à forma e às propriedades físicas do aparelho, nem mesmo em relação ao serviço que é oferecido. Estes podem ser posteriormente redesenhadas, dando lugar a uma terceira fase, conhecida como “re-configuração”, em que a mudança na parte física do aparelho (e nos serviços) se dão já no fabricante e na empresa que fornece o serviço, respectivamente (Silva, 2010).

Em consonância com Bar, Pisani e Weber (2007) Sandra Rubia Silva (2010) afirma que o que promove a evolução tecnológica é a apropriação, pois é por meio da criatividade, da negociação e da experimentação da tecnologia pelos usuários que se dá a reconfiguração do uso dos celulares. Os mesmos autores – ao produzirem as suas concepções teóricas – fazem-no levando em consideração o processo histórico de apropriação cultural na "América Latina, pois ao longo de sua história, a América Latina tem tido ampla experiência e prática com a apropriação de objetos, pessoas e ideias vindas do estrangeiro" (Bar, Pisani e Weber, p.15 APUD Silva, p. 221-222, 2010). Em decorrência dessa concepção, os autores propõem três modos de apropriação cultural que advêm dos processos de mestiçagem cultural: infiltração barroca, creolização e canibalismo – modos que podem ocorrer em qualquer contexto cultural. Partindo da interpretação de Silva, veremos as maneiras de apropriação cultural por meio das minhas observações no Morro do Cavalão.

Jurema é amiga e vizinha de Vera e de Gabriel. Mora a poucos metros da casa da primeira. O nosso primeiro contato (embora eu já a conhecesse “de vista”) se deu no dia da eleição para o Conselho Tutelar de Niterói, em que o Gabriel estava participando como candidato. Vera apresentou esta pessoa a mim e perguntou-me se não tinha o interesse de entrevistá-la. Respondi que sim e se poderia ser ali mesmo, em sua casa. Vera não se opôs.

Jurema, sem entender nada, disse que não tinha problema. Então, expliquei a ela que estava realizando uma pesquisa sobre a relação da pessoa com a tecnologia móvel e nesse instante a Jurema me interrompeu falando: "Você quer saber como eu uso o meu "cracudinho"¹⁸, né!?". Vi que ela utiliza esse termo para se referir ao seu aparelho e respondi afirmativamente ao questionamento. Pergunto o motivo desse apelido e ela me responde o seguinte: "*Porque não está na moda, não tira foto, só serve para falar. Os cracudos de lá de baixo, também não servem para nada, só para perturbar*".

Peço então para ela me mostrar o aparelho. Nesse momento ela reluta, pois está em sua casa. Como insisto, ela vai até lá e o traz para mim. Vejo que Jurema o conduz dentro de uma bolsinha de tecido com um zíper. Pergunto a ela o motivo de deixá-lo ali dentro e a mesma esclarece dizendo que é porque ainda não tem o suporte para carregá-lo na cintura e também para protegê-lo de arranhões e de qualquer outro problema que possa acontecer, mas que usa a tal bolsinha porque esta é específica para celulares, de acordo com informação de um vendedor ambulante. Abaixo, mostro uma foto dos celulares da Jurema, tirada, por mim.

¹⁸ Cracudinho é uma referência que a Jurema faz comparando o seu aparelho de celular aos viciados em drogas que são usuário de Crack e frequentam a localidade em busca do entorpecente. Há aqui uma depreciação do seu tipo de aparelho que remete à visão dos viciados em Crack que frequentam o Morro do Cavalo.



Num dado momento de nossa conversa, ela diz que está louca para ter o "quadrado" dela de volta. Pergunto que "quadrado" é esse e Jurema diz que é um celular que ela tinha que fazia de tudo, que era muito bom.

"O quadrado era um smartphone que eu comprei na Uruguaiana¹⁹, era um Xingling²⁰ e, eu o perdi no Beleza Natural²¹. Ele tinha 3 chips e fazia tudo, tudo mesmo até na privada eu já deixei ele cair e ele voltou a funcionar e isso foi três vezes heim... Quando receber o meu próximo salário vou comprar outro Xingling da China lá na Uruguaiana". (Jurema)

¹⁹ Mercado Popular de ambulantes situado no centro da Cidade do Rio de Janeiro. É reconhecido como Camelódromo da Uruguaiana, espaço público de quatro quadras ou quarteirões, constituído de vários boxes onde se encontra uma ampla gama de produtos, desde originais como falsificados ou similares.

²⁰ XingLing é um termo conhecido no mercado do Rio de Janeiro para diferenciar um produto falsificado ou sem marca de produtos originais que são categorizados por grandes fabricantes. Eles são conhecidos como imitação desses grandes fabricantes, tais como Nokia, Blackberry, Apple, etc. Os XingLing são reconhecidos no mercado interno do Rio de Janeiro como produtos de baixa qualidade, durabilidade e de origem presumida da China. Possuem o rótulo de "Made in China".

²¹ Salão de Beleza feminino que se situa no centro da cidade de Niterói.

Pergunto a ela porque ter esse celular, o "Xingling", e a mesma me responde o seguinte:

"Ele me deixa mais livre, com mais liberdade de locomoção e possibilidade de agir, se eu quiser entrar na internet com ele eu entro, se quiser tirar foto eu tiro, se quiser ouvir música eu ouço, faço tudo com ele". Ele é muito bom." (idem)

Partindo dessa interação com Jurema, foi possível perceber a personalização dada por ela aos seus aparelhos de telefonia móvel. Ela, inclusive, confere nomes para eles: *cracudinho* e *quadradinho*. O primeiro é para se referir a um produto que não tem muita utilidade, mas que, devido às suas circunstâncias financeiras, tem de ser usado. Mesmo não estando na moda, não tirando foto e servindo apenas para falar, o *cracudinho* se faz presente devido à necessidade de comunicação. Já o *quadradinho* é considerado proporcionador de liberdade, de ação, de acesso a serviços e de lazer, através do ato de tirar fotos e ouvir música. De acordo com as suas palavras, o *quadradinho* permite que ela "faça tudo com ele".

É evidente que aqui há a personalização e apropriação do aparelho celular por Jurema, pois – de acordo com Bar, Pisani e Weber –, um dos modos de apropriação cultural é a infiltração barroca, sendo que, no caso, o celular se limita às funções e ao formato físico imposto pelo fabricante da tecnologia, mas isso não impede a personalização individual do produto seu proprietário. É importante salientar que o indivíduo caracteriza o aparelho de acordo com suas vontades, mas respeitando a estrutura física do produto. Por outro lado, mesmo os aparelhos possuindo marcas, modelos e apetrechos específicos, Jurema dá os nomes que lhe convém, de acordo com o grau de importância que lhes confere e os guarda na "bolsinha", que acredita ser o melhor lugar para tal. Outros exemplos nesse sentido foram da mãe de Gabriel, Senhora Eulália, de quem falarei mais adiante, que também guarda o seu telefone em uma capinha e o já mencionado caso de Vera, que transformou o visor do seu

aparelho celular em uma tela de leitura de livros. Os referidos modos de apropriação foram observados na localidade estudada, o que corrobora as afirmações de Bar, Pisani e Weber (2007) atestando que a apropriação pode ocorrer em qualquer contexto cultural.

Outro modo de apropriação cultural destacados pelos autores é a “creolização”, conceito referente à transformação nos usos do aparelho que proporcionem algo novo, capaz de melhor suprir a necessidade e/ou o desejo dos usuários (Silva, 2010). Para exemplificar este modo de apropriação, Sandra Rubia Silva observa, no seu trabalho, a difusão da prática de “dar um toquinho”. Esta prática diz respeito à realização de ligações que duram cerca de três segundos, cujo objetivo é evitar a tarifação da ligação. Trata-se, no caso, de uma apropriação percebida pela autora na qual se confere à telefonia móvel um novo uso, diferente do originalmente concebido seus criadores.

Na minha foi possível visualizar esse outro modo de apropriação cultural, creolização, por intermédio do relato de Dona Josefina, de Dolores e de Sebastião. Dona Josefina informa que o celular foi uma “imposição” dos filhos e, também, para Dolores e Sebastião, uma forma de cuidado para com seus filhos. Perguntei para Dona Josefina como foi a questão da “imposição” do uso do celular pelos filhos. Josefina informa que, devido à sua doença, diabetes, os filhos a obrigaram a ter uma linha, porque ficavam preocupados quando ela saía de casa para realizar alguma tarefa ou resolver algum problema (como ir ao médico ou fazer compras). Diz que, quando descobriu que era diabética, os filhos não a deixavam ir para lugar algum sozinha – só passaram a deixá-la quando comprou o celular. Este, na sua visão, é como se fosse uma “babá”, pois, para qualquer lugar que vai, tem de estar com ele. O seu primeiro aparelho foi comprado na loja da própria operadora. De tanto os filhos falarem para ela comprar um, ela começou a acompanhar as promoções nos jornais e nas revistas. Então, resolveu sozinha comprá-lo. Fala que optou pela companhia Vivo porque os seus filhos

possuem a mesma operadora. Já trocou de aparelho, de número, mas não de empresa. Ela fala que não deixará a Vivo porque o sinal é melhor. *"A Vivo pega em qualquer lugar, tá sempre Viva, assim como eu, viva em qualquer lugar"*.

Essa transformação do aparelho celular de Dona Josefina em “babá” é o que permite reconhecer nela o segundo modo de apropriação cultural, a “creolização”. A “imposição” dos filhos, a preocupação em relação à sua saúde e o sentimento de cuidado que o seu quadro inspiravam fizeram com que houvesse uma nova caracterização da utilização da telefonia móvel. É notório que o ato de falar em qualquer lugar com os filhos se faz presente, mas o que vale destacar, aqui, é que a incorporação desse agente no cotidiano da família (o celular) proporcionou um novo sentido à relação familiar, trazendo, conseqüentemente, uma sensação de segurança e tranquilidade à família da Dona Josefina.

Já Dolores e Sebastião referem-se à utilização do celular como uma ferramenta de controle e cuidado para com os filhos, devido às circunstâncias análogas de violência existentes no Morro do Cavalão. Eles foram mencionados aqui para ilustrar que há situações correlatas ao caso de Dona Josefina. Ambos serão mais detalhados no terceiro capítulo deste trabalho.

Retornando aos módulos de apropriação, cito o terceiro modelo entendido como “canibalismo”. Resumidamente, este é utilizado para atividades socialmente reprovadas. Para exemplificar de forma mais clara, Silva (2010) diz que:

"Ocorre uma destruição criativa, uma confrontação direta e explícita com os provedores da tecnologia e seus modelos de negócio ou “pelo menos com a relação de poder corporificada na tecnologia [...] Seu objetivo é destruir, subverter, derrotar o aparelho ou serviço tal como é oferecido” (Bar, Pisani e Weber, 2007, p. 34). Segundo os autores, a própria arquitetura dos telefones celulares ainda restringe bastante a experimentação, e por isso há mais possibilidades para os dois primeiros modos de apropriação do que para o terceiro, o canibalismo. Entretanto, exemplos possíveis incluem o uso dos

celulares associado à prática de crimes e ao terrorismo, como no caso dos aparelhos utilizados como detonadores de explosivos nos atentados terroristas no metrô de Madrid em 2004, ou o uso de celulares por presidiários brasileiros para aplicar golpes e comandar rebeliões" (SILVA, 2010: 223).

É evidente, no pensamento de Silva, que o uso dos celulares para promover a prática de crimes e para atitudes que são reprovadas pela sociedade – configurem meios considerados de confrontação direta com a ideia de origem e com o propósito de criação da tecnologia. Durante a história da humanidade, temos diversos outros exemplos, como a invenção do avião por Santos Dumont (inicialmente criado para comprovar uma teoria física e que hoje é uma arma de guerra muito poderosa); o carro (desenvolvido por Henry Ford para proporcionar conforto e maior agilidade no deslocamento do homem, mas que hoje é utilizado em atentados terroristas) e a descoberta dos elementos químicos urânio e plutônio que, além da utilização para o tratamento de câncer, em que há a possibilidade de salvar vidas, também utilizados para matar através da bomba atômica.

Esses exemplos corroboram a terceira modalidade de apropriação tecnológica dos autores citados (Bar, Pisani e Weber *apud* Silva, 2010). Embora nesse trabalho eu não vá me ater a questões como essas, espero poder desenvolvê-las *a posteriori* no decorrer de minha vida acadêmica.

De acordo com De Souza e Silva (2011), a apropriação dos celulares em favelas cariocas se dá principalmente para a utilização do chamado Diretão²² (p.412). Esta prática serve para que os traficantes possam exercer o controle do comércio de drogas dentro da

²² Diretão é um chip de uma operadora de telefonia móvel que permite ao portador realizar ligações gratuitas pelo prazo de três meses, mas cada ligação só pode durar cerca de dez minutos. Estes chips normalmente são fornecidos através da venda por parte de funcionários da empresa de telefonia a traficantes de drogas situados nas favelas do Rio de Janeiro.

favela e fora delas. Esta última situação ocorre, por exemplo, quando os bandidos se encontram trancafiados nos presídios e não têm acesso ao meio externo (De Souza e Silva, 2011: 412). Verifica-se, no estudo de Souza e Silva, assim como na tese de Sandra Rubia Silva (2010), que a prática de "dar um toquinho" é utilizada, mas no caso de Souza e Silva é para solicitar que o recebedor da ligação retorne a chamada para o emissor e não para se comunicar de forma rápida.

De Souza e Silva (2011) assinala que a apropriação do uso de telefones celulares por meio da ilegalidade se dá devido a omissão do Estado trata como invisíveis a favela e seus moradores, aos quais não os serviços básicos de saúde e saneamento. De acordo com ela:

Favelas have no official relationship with the government and its residents therefore pay no taxes. While the government does not forcibly remove favela residents, it also does not improve their lives in the way of infrastructure (electricity, water, gas) or social services. Often as a consequence, favela dwellers frequently acquire utilities illegally through makeshift wire and pipe taps, called gatos ('cats'). Most of the working population in favelas attend school until fourth grade (Vasconcellos, 2006) and are subsequently employed in non-specialized jobs such as doorkeepers and cleaners (DE SOUZA E SILVA, 2011: 415)²³

De Souza e Silva fundamentou-se em entrevistas com moradores de três favelas do Rio de Janeiro, (Jardim América, Vidigal e Mangueira) para fornecer um embasamento dos motivos que levam as pessoas a adquirirem os telefones celulares por meio da ilegalidade.

²³ Tradução minha: Favela não tem nenhum relacionamento oficial com o governo e seus moradores, portanto, não pagam nenhum imposto. Enquanto o governo não remove forçosamente moradores da favela, ele também não melhora suas vidas na forma de infraestruturas (eletricidade, água, gás) ou serviços sociais. Como consequência, os moradores da favela frequentemente adquirem serviços públicos ilegalmente através de fios de energia e tubo improvisados, chamados gatos. A maioria da população em favelas frequenta a escola até a 4ª série (Vasconcellos, 2006) e posteriormente é empregada em trabalhos não especializados, como porteiros e agentes de limpeza.

Segundo a autora, são eles: as dificuldades de ter acesso a telefones celulares de maneira legítima, uma grande facilidade na obtenção ilegal (se comparada à legal) e a materialidade do telefone celular como uma encarnação das relações sociais. Tal tema será melhor explorado no capítulo seguinte quando for tratada a origem do celular entre os moradores do Morro do Cavalão.

Uma forma de utilização da telefonia móvel muito presente entre os interlocutores da minha pesquisa de campo está vinculada ao trabalho. Dentre as pessoas com quem conversei, Gabriel, Sebastião e Pedrinho informaram que essa tecnologia é de extrema importância para a vida deles.

Gabriel, em conversa comigo, informa que muito não gosta de celular e que só o usa devido ao seu trabalho. Ele utiliza o mesmo número para falar com os amigos, para assunto de trabalho e de família. Não informou que também o usava para assuntos amorosos, situação que observei, mas não foi relatada por ele. Já em relação às suas tarefas, perguntei se ele trabalhava de carteira assinada. Ele respondeu que não, que presta serviço para o Vivinho, dono de uma empresa de turismo. Este último fornece o serviço de transporte e contrata Gabriel para dirigir. Diz que há clientes que o contratam diretamente, sem o intermédio do chefe, pelo seu celular, já que possui autonomia para pegar o transporte (van, micro ônibus ou até mesmo para dirigir o carro do solicitante). Devido ao fato de seu contato com a clientela não ser sempre físico, utiliza a telefonia móvel para conseguir esses "bicos". Esse argumento também aparece na conversa com Sebastião e é pela relação da informalidade do trabalho que sou direcionado a procura-lo, pois sabia que ele atua também no serviço de motoboy²⁴.

²⁴ É um tipo de serviço onde um profissional faz uso de motocicleta para entregar e receber objetos. Estes podem ser desde pizzas até documentos particulares.

A minha conversa com Sebastião se deu de uma das maneiras mais informais que pude vivenciar. Cheguei por volta das 16h no Morro do Cavalão. Era uma tarde de uma segunda-feira e fui ao Zezinho's Bar, local que havia marcado para conversar com ele. Chegando à parte alta do Morro, passei pelo campinho de futebol em que se localiza o bar do Pedrinho. Este está na frente do seu estabelecimento e me cumprimenta e diz que o Tiãozinho, como é o conhecido o Sebastião no Morro, está na casa dele me esperando. Aceno para o Pedrinho e continuo a andar. O Zezinho's Bar é ao lado da casa do Tiãozinho, as paredes são divisórias das duas localidades.

Ao chegar em frente ao bar, vejo-o sentado ao lado direito da varanda com três amigos, duas garrafas de cerveja e cada um com seu respectivo copo. Nesse momento, cumprimento o Tiãozinho e os outros – desses conheço um, Luiz, apelidado de Luizinho. Este é filho do Benedito, irmão de Dona Josefina e, assim, primo direto do Sebastião. O mesmo me cumprimenta de forma cordial. Em seguida, Tiãozinho pede à sua filha de seis anos para trazer uma cadeira para eu sentar. Digo-lhe que não é necessário, mas mesmo assim ele insiste e nela me acomodo. Ao perceber que eu estou ali para conversar com Tiãozinho, o seu primo, Luizinho, e os outros dois rapazes se afastam sem o meu pedido ou do Tiãozinho, mas ficam de longe observando, principalmente o que está sem camisa e com uma bermuda vermelha.

Já em relação ao uso propriamente dito do celular, ele diz que o usa principalmente para o trabalho e que devido à sua profissão, motoboy, é necessário para ter sempre contato com a empresa para a qual presta o serviço. “Para o lazer”?, pergunto. Afirma que também usa, mas que não é com muita frequência, pois sabe que seus momentos de folga são curtos. Quando os tem, prefere ficar com a família ou bebendo com os amigos, como estava fazendo antes da minha chegada. Interpele-o se ele porta o aparelho sempre, para todos os lugares e em todos os momentos. Diz que não, que se pudesse nem teria um e que, naquele momento, o

aparelho estava sem bateria e se encontrava desligado. Ele salienta que está assim porque se encontra em casa com a sua família e não está trabalhando. Por esse motivo, não vê necessidade de estar com o aparelho. Pergunto em qual lugar está e diz que provavelmente na sala de sua casa. Ele afirma que, se não fosse o trabalho de Motoboy, ele não o teria. Usaria o orelhão da rua ou o telefone de casa para ligar. Mas, mesmo assim, reconhece que o usa constantemente para se comunicar com o trabalho.

Pedrinho informa que possui dois aparelhos – cada um com uma linha ou seja um chip – e que ambas as linhas pertencem à operadora Claro. Desses, apenas um é exclusivo para o trabalho, ou seja, para falar com os fornecedores do bar. Esta divisão separa os assuntos profissionais dos pessoais, pois a divisão de horário é primordial em sua vida. Neste instante da nossa conversa ele relata que *"o homem tem que saber a hora do trabalho e a hora do descanso, pois se até Deus depois de criar o mundo descansou porque logo eu não iria fazer o mesmo?"* A maneira como ele resolveu dividir os dois domínios foi ter uma linha de telefonia móvel para cada situação. Abaixo, mostro o Campinho e o bar do Pedrinho. Este último é o estabelecimento de cor amarela. A construção de cor branca ao lado é a sua residência.



Percebo, em sua fala, que há uma importância muito grande nesta. Durante a conversa, ele fala que, quando necessita dar algum número de contato como referência para banco, para lojas de crediário e outras similares, ele dá o de casa. Acredita que é mais fácil as empresas entrarem em contato com ele via telefone fixo do que móvel, pois, no seu entendimento, o custo da ligação do primeiro é menor do que o do segundo. Pergunto, caso alguém do Morro (ou outra pessoa qualquer) quiser falar com ele qual, seria o procedimento. Ele afirma que não fornece os números dos celulares. Se desejarem que o procurem no bar, pois sempre está lá e, se não estiver, é para falarem com a esposa dele. Quando ele não está no balcão, a esposa se encontra. Porém, se o bar estiver fechado, é só ir à sua casa, que fica ao lado do estabelecimento.

Nos três casos é reafirmado o uso da tecnologia por razões de ordem profissional. Esta situação é semelhante ao que Silva (2010) observou no seu trabalho de campo no “Morro São Jorge” no Paraná quando se refere ao casal Jurandir e Maria Rita. Nesse caso, a posse da telefonia móvel constituía uma maneira de potencializar a renda doméstica e a oportunidade

de novos trabalhos. Ele é líder comunitário e faz alguns "bicos" e ela atua com empregada doméstica.

1.3 Do fixo ao móvel, uma liberdade "assistida"

"Levo o celular para todos os lugares, ele sempre tem que estar comigo, até quando lavo louça ou estou no bar trabalhando. Quando não estou com ele me sinto arrependida, me sinto até mal. Sabe quando o estomago está embrulhado? Me sinto assim...É coisa de maluco, né !? E o telefone fixo é para casa, não é pra rua. Ele me deixa presa, o celular me deixa livre."

Dona Josefina

Aposentada, dona do Zezinho's Bar e mãe de Sebastião e de Miguel

Da epígrafe acima é possível depreender que a usuária desfruta de sentimento de liberdade advindo da posse de telefonia móvel, por oposição à relação de imobilidade e fixidez que tem com a telefonia fixa. A concepção de "presa" e "livre" é o que fundamenta a elaboração desse tópico, conjuntamente com o grau particular de intimidade que cada tipo de telefonia proporciona aos entrevistados. Verifica-se, em muitos casos, que a telefonia móvel se originou de uma extensão da fixa (Nascimento, 2004), principalmente por influência das relações pessoais. Em cima desse dado é que comecei a minha entrevista com a Dona Josefina. Perguntada sobre como foi o seu contato com ambas as tecnologias, ela relatou que foi devido à descoberta da sua doença, diabetes, e a imposição dos filhos para que ela possuísse um celular.

Dona Josefina é uma senhora de cerca de um metro e sessenta de altura, negra e proprietária do Zezinho's Bar. Este é um local em que geralmente esta senhora se encontra

quando seu estabelecimento está aberto. É um comércio de bebidas e de aperitivos com uma dimensão maior do que a do bar do Pedrinho. O Zezinho's Bar é grande, nele há uma varanda em que são postas cadeiras e mesas de plástico que são cedidas pelas cervejarias. Pude notar que lá cabem cerca de sete mesas com quatro cadeiras cada uma (acredito que esta área do bar tenha cerca de dez metros de comprimento por dois metros de profundidade). Há um portão de ferro que divide a parte interna do bar da varanda. Nele, há o balcão, um salão grande na sua frente, uma mesa de sinuca, os banheiros à esquerda e a cozinha, ao fundo à esquerda. Há também uma TV LCD em que são transmitidos os jogos de futebol.

Chegando ao Bar, fui informado por Sebastião, filho da Dona Josefina, que sua mãe não se encontrava, pois já estava em casa. Ele informou o lugar onde se localizava e, assim, lá fui. Saindo do bar, havia dois rapazes sentados na calçada, do outro lado da rua, me observando. Eles ficaram até eu chegar à casa da Dona Josefina. Toquei a campainha e Miguel, um outro filho, me atendeu. Ele pediu que eu fosse até a cozinha, pois sua mãe se encontrava lá junto ao seu tio, Benedito. Todos me receberam muito bem e foram logo me oferecendo um lanche. Disse que não era necessário, pois não estava com fome, mas que aceitava um copo de água. Dona Josefina estava lavando louça e, quando cheguei, logo se lembrou de mim. Quando o filho mais novo dela, Miguel, tinha entre 11 e 12 anos, ele sofreu um acidente, o qual o impossibilitou de ir à escola. Como estudávamos na mesma classe, ela pediu os meus cadernos emprestados para que ele pudesse estudar em casa. Havia anos que nós não nos encontrávamos. Eu fiquei feliz e ela também. Dona Josefina, então, enxugou as mãos em um pano de prato e sentou-se à mesa da cozinha para conversarmos. Enquanto ela lavava a louça, pude perceber que o telefone se encontrava no bolso de trás da sua bermuda e que, quando o retirou para sentar o colocou na fruteira.

Iniciei agradecendo a ela por estar me recebendo e por ter permitido que eu usasse o seu bar para poder observar e conversar com as pessoas. Então, fui logo começando a nossa conversa. Percebi ao iniciar a nossa entrevista, que ela apresentava uma fisionomia alegre, uma atenção que não vi em nenhuma outra pessoa. Comecei perguntando há quanto tempo ela vivia no morro (Pedrinho havia dito que ela era nascida e criada no Morro do Cavalão). A entrevistada se lembra da época em que havia cavalos que andavam soltos, quando as ruas não possuíam asfaltos e muito menos água encanada. Perguntei há quanto tempo possui o telefone móvel. Respondeu-me que, o tinha há pouco tempo em comparação ao fixo, pois este último existe desde quando os filhos eram pequenos e que o celular foi uma "imposição" dos filhos. Ela informa também que o telefone fixo a ajudou a ter acesso a outros serviços públicos e principalmente a falar com os parentes que vivem em outros bairros de Niterói. Indaguei como se deu o seu acesso a esses outros serviços. Em resposta, ela informa que, como tinha telefone, entrava em contato com a Cedae²⁵ para perguntar sobre quando seria a instalação da rede de esgoto e de água na sua residência. Sempre ouvia a resposta dizendo que não era possível, pois a mesma morava em Morro de difícil acesso. Ela utilizava como argumento junto à Cedae o fato de já ter o serviço de telefonia, questionando como podia a Cedae não instalar o serviço de água e esgoto se até mesmo a Telerj²⁶ havia instalado os telefones.

Voltei a perguntar sobre a aquisição do fixo e ela me informou que quem o adquiriu, inicialmente foi o seu irmão, Benedito, com o argumento de que era necessário ter uma forma

²⁵ Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro.

²⁶ Empresa de Telecomunicações do Estado do Rio de Janeiro. Depois de privatizada (1998), passou a se chamar Telemar e, em seguida, Oi.

de contato rápido com os familiares que não viviam no Morro e, principalmente, para no caso de alguma urgência, ter como solicitar ajuda. Dona Josefina relata o seguinte:

Teve uma vez que minha prima que mora no Zulu²⁷ passou mal de madrugada e como não tinha nenhum carro na casa dela, a sua filha me ligou e eu e o Benedito fomos até lá de carro para levar ela para o Antonio Pedro²⁸. Se não fosse o telefone fixo naquela época não ia ter como ela falar com a gente. (Josefina)

Como se vê o telefone móvel (assim como o fixo) foi inserido na vida de Dona Josefina com o propósito de obtenção de segurança (Nicolaci-da-Costa, 2010) ante prováveis problemas que pudesse vir a ocorrer. Ambas, tanto a telefonia móvel quanto a fixa, foram mecanismos eficazes de "vinculação" das necessidades e desejos sujeitos particulares. Adiante, indico um olhar sobre a escolha de se atender (ou não) o telefone fixo e como é dado tratamento diferenciado às duas tecnologias.

Senhora Eulália estava costurando quando eu toquei a companhia de sua casa. Ela é uma senhora que vive no Morro do Cavalão há mais de 35 anos. É esposa do senhor Expedito (que trabalha com transporte interestadual) e mãe de Gabriel e de José. Ela, além de ser dona de casa, atua como costureira. Trabalha em uma confecção no bairro de Santa Rosa (vizinho ao seu) e presta serviços para os moradores da localidade.

Conversei com ela na área de serviço de sua casa, em cujo local estava costurando um vestido de casamento para uma cliente da localidade. Ela havia perguntado se eu me incomodaria de ser ali. Eu disse que não. Enquanto conversávamos, o seu telefone fixo tocou

²⁷ Morro que fica localizado no bairro de Santa Rosa, próximo ao de Icaraí, onde há o Morro do Cavalão.

²⁸ Hospital Público vinculado à Universidade Federal Fluminense. Cerca de 10 anos atrás ele atendia casos de emergência e urgência, agora não atende mais. É utilizado apenas como hospital-escola para os alunos de Medicina desta Universidade.

três vezes. Na primeira vez, ela falou que não era para eu me preocupar, pois ela não atendia o fixo porque, se alguém quisesse falar com ela, ligaria para o seu celular e que, se fosse atender o fixo toda a vez que ligassem para sua casa, ela nunca conseguiria realizar a sua tarefa. *"É que vivem ligando aqui pra casa procurando os meninos e Expedito. Como sei que não é pra mim, eu nem me levanto"*.

Em todo o momento de nossa conversa, o seu telefone móvel havia tocado apenas uma vez. Ele nem chegou a tocar direito e ela já foi logo o atendendo. A sua conversa versava sobre o vestido que ela estava costurando e, por esse motivo, acredito que fosse da proprietária dele. Nessa conversa diz que a cliente poderá voltar para pegá-lo por volta das 19h e que estaria pronto. Ao terminar, vejo-a mexer no seu aparelho e dizendo para mim: *"vou colocar ele para despertar as 18h30min porque aí saberei que falta meia hora pra ela chegar pra pegar o vestido"*.

É nesse instante que a Senhora Eulália começa a fazer um comparativo entre o fixo e o móvel, informando que o fixo a deixa estressada porque as pessoas ligam para sua casa à toa e sempre nas piores horas. Com isso, sente-se presa e culpada quando sabe que ele tocou e não atendeu. Por esse motivo é que já acordou com os filhos e com o marido: quando quiserem falar com ela, liguem para o seu celular. Há uma outra situação em que a Senhora Eulália acha muito ruim e que a remete à ideia de impotência e à falta de liberdade. Trata-se de quando recebe uma ligação de alguma empresa, perguntando por alguma pessoa que deu o seu número como referência. Em cima disso, houve situações da própria Senhora Eulália negar o conhecimento, pois a pessoa referida deu o seu número sem avisá-la e, desta forma, leva-a a acreditar que o fato constituiria invasão de sua privacidade. Com o telefone móvel não há esse desconforto, pois se alguém liga para a Senhora Eulália e o número não é

reconhecido, apenas não atende, informa que não se estressa com o móvel e se sente livre para atender quem quiser.

A Senhora Eulália relata, também, que as situações da vida são muito adversas, pois, quando comprou a linha do telefone fixo, ela e o esposo tiveram que abdicar de adquirir um carro. Relata com convicção que foi a melhor escolha e que houve até benefícios, mas que hoje só traz perturbação, ao contrário do telefone celular. No móvel, ela possui total controle de quem terá o seu número. Neste instante pergunto se eu posso saber o número dela. A sua resposta foi uma outra pergunta: "*Ué !, você não tem o meu número? Pensei que tivesse já. O Gabriel e nem o José te deram?*" Respondi que não e a Senhora Eulália forneceu-o para mim e ainda confirmou os dois números que possuo. Ressalte-se aqui que eu também não passara os meus para ela. Concluo, com tal fato que o obteve junto aos seus filhos. Essa informação ilustra que o controle de quem terá (ou não) um número não é totalmente dependente da vontade do proprietário do celular.

A partir dos casos acima relatados, é possível dizer que, o celular e o telefone fixo foram inicialmente incorporados ao imaginário das pessoas e posteriormente às suas vidas. Primeiro, elas tiveram o interesse em comprá-los e, em alguns casos, a insistência ou “imposição” por parentes fez com que fossem adquiridos. Com a sua aquisição, trouxeram benefícios, mas logo em seguida vieram problemas que a princípio não foram imaginados. A liberdade de decisão de atender quem quiser foi implementada pela telefonia móvel. Mas é muito válido, também, ressaltar que a mobilidade só surgiu devido a uma necessidade de comunicação em qualquer espaço pelo homem. Essa relação entre o usuário e o objeto é pertinente às sociedades ditas pós-modernas (Nicolaci-da-costa, 2004), pois, de acordo com esta autora, saber o que está acontecendo com as pessoas nesta fase é o propósito de sociólogos, filósofos e críticos das artes (pag.5) "*a análise do uso de diferentes tipos de*

tecnologia e dos discursos sobre esse uso proferido por diferentes tipos de sujeito tem-se mostrado valiosa na apreensão tanto de conflitos internos quanto daquilo que está em mutação dentro desses sujeitos" (pag. 5).

Observa-se, com isso, que há uma prática de "desligamento" do telefone fixo quando se está em casa e de posse do celular. Ao informar que não atende mais o fixo em casa (pois sabe que a ligação não é para sua pessoa), Eulália dá sinais claros de que a imagem construída pela telefonia fixa mudou muito, pelo menos para ela! Ela "desliga" o fixo em um sentido figurado: mesmo ele tocando, emitindo som, não o atende. Já com o seu celular, dá-se o contrário. Se ele toca, sabe que é para ela. Mesmo que não atenda, a ligação foi direcionada à sua pessoa. Isso é a liberdade que diz ter alcançado depois da aquisição da telefonia móvel. Com o celular não há mais a relação de se acreditar que uma ligação é sinônimo de problema ou uma solicitação de ajuda.

Para se perceber como a telefonia fixa é, em alguns casos, sinônimo de falta de liberdade entre alguns moradores do Morro do Cavalão, volto aqui a apresentar um fato que achei curioso quando perguntei a Gabriel o que ele achava da telefonia móvel. Foi nesse instante que ele respondeu o seguinte:

"(...) antes do Celular a vida na minha casa era um "inferno". Isso porque o telefone fixo daqui era usado pelos vizinhos e familiares como se fosse deles e, ainda como telefone de referência para empresas que fornecem o serviço de crediário e para bancos. Hoje não, as ligações diminuíram, mas ainda existe. Sempre tem ligações das empresas particulares perguntando sobre as pessoas que deram o telefone daqui como referência. Isso é um absurdo, porque o celular serve para contato entre as pessoas e as empresas. Eu me sinto invadido no momento que os vizinhos entram aqui em casa para atender as ligações. Tem uns que ficam um tempão. Fora que tenho sempre que manter a porta do meu quarto fechada, por duas coisas, uma para não dar uma de fofoqueiro, para as pessoas não acharem que eu estou ouvindo a conversa deles e segundo porque tem vezes que gosto de ficar de cueca no meu quarto e não podia ficar porque

tinha alguém pendurado no meu telefone. Vai que um desses me visse? Ia tá na boca do Morro". (Gabriel)

O discurso do Gabriel parte em consonância como o que Winocur (2011) explica em sua obra, no artigo intitulado *O lugar da intimidade nas práticas de sociabilidade dos jovens*. Neste trabalho, discute-se que, cada vez mais, os jovens desejam um momento próprio para vivenciarem a sua liberdade, pois, segundo a autora, *"É impossível falar em intimidade sem nos referirmos à sua contrapartida, à dimensão do público"* (p. 180). No caso do Gabriel, há um paradoxo, já que público é o momento em que os vizinhos usufruem de seu telefone fixo e a sua dimensão particular fica confinada ao seu quarto e, ainda assim, de porta fechada. Para Winocur, a tecnologia ao mesmo tempo em que liberta, produz confinamento. Uma ligação indesejada em um local inapropriado é sinônimo de desconforto para quem está a atendendo. Mas vale ressaltar que *"a intimidade, no sentido daquilo que não é comunicável [...], não é ocultar que alguém gosta de alguém, foi infiel a outro, ficou bêbado em uma festa ou falou mal de um colega ou professor no regresso da escola, mas diz respeito a outros tipos de assunto que a maioria evita cuidadosamente mostrar"* (p. 187).

Vale ressaltar que Gabriel, no momento em que começava a falar com a sua amiga de forma carinhosa enquanto iniciávamos a nossa conversa não se mostrou incomodado em expor a sua intimidade ou que ela fosse compartilhada por mim naquele instante. Há claramente para Gabriel uma intimidade que é particular, que é referente a si, ao seu espaço físico, ao seu trânsito dentro de casa o que aparentemente não tem relação com a minha presença em seu quarto no momento de uma ligação amorosa, por exemplo.

O fato de querer estar mais à vontade em sua casa e o impedimento disso por conta da presença de estranhos que vão à sua casa atender ao telefone leva a perceber que existem diferentes níveis de entendimento sobre o significado da intimidade para Gabriel, dado que isso não ocorre quando ele se põe a conversar de forma carinhosa com uma mulher ao

telefone na minha presença. Sobre esses sentidos distintos, Winocur informa que há um desdobramento que passa a ser entendido como uma "intimidade pública" e uma outra, como privada,

"donde os mesmos atos podem ser objeto e expressão de ambos os tipos de intimidade, mantendo-se meticulosamente separados em determinadas circunstâncias, e confundindo-se noutras. Quando ocorre a exibição descorporificada do que tradicionalmente considerávamos parte do reino da intimidade, o que observamos na realidade é um ato de produção do si mesmo, em que o sujeito, tendo como material sua própria intimidade – real ou simulada –, monta uma performance que não tem por objetivo mostrar sua intimidade, mas produzir, com ela, um impacto de atenção em seu público" (WINOCUR, 2011: 190).

Se analisarmos, pelo ambiente físico em que o Gabriel se encontra (seu quarto), e fizermos uma relação com a tecnologia de comunicação é possível verificarmos que se trata de uma analogia entre um ambiente privado [celular e intimidade] de um lado, e ambiente coletivo, [telefone fixo com o público] do outro. Entre eles há diversas maneiras de se comportar que são apresentados por Gabriel. Partindo dessa concepção, Duarte, Souza e Rosa (2001), ao estudarem a Psicologia Ambiental²⁹, discorrem de acordo com a organização de Gifford (1987) em Günther e Rozestraten (1993), para quem o ambiente em que se encontra o indivíduo é assinalado pelos processos individuais (percepção, personalidade e ambiente), processos sociais (espaço pessoal, territorialidade e privacidade) e processos sociais (comunidade, ambientes específicos como trabalho, viagem e lazer) que possuem a finalidade de verificar a relação entre espaço pessoal e a utilização do telefone celular (p. 1).

²⁹ A Psicologia Ambiental trata do relacionamento recíproco entre comportamento e ambiente físico, tanto construído quanto natural. In: http://www.psi-ambiental.net/IN/que_e_psiamb.htm

O espaço pessoal, funciona, assim, como uma área com limites invisíveis que cercam o corpo da pessoa e na qual, estranhos não podem entrar (Sommer, 1973, apud: Duarte, Souza e Rosa (2001)) – "tal termo, segundo o autor Sommer, foi introduzido na literatura para descrever uma zona emocional em torno do corpo humano a qual as pessoas sentem que é "seu espaço"". O que vale aqui ressaltar é que esse espaço só é construído devido à interação social existente entre o meio interno considerado pelo agente, Gabriel, e o meio externo a ele.

Por fim, é pertinente retomar o início deste capítulo e relembrar os casos de Gabriel e de Safadão. Para os dois, além da superação da telefonia móvel em termos de utilização e importância frente ao computador, há a compreensão de que não conseguem mais viver sem o celular por perto, pois necessitam sempre de uma maior agilidade, rapidez, interação entre pessoas para alcançarem os seus objetivos. O que leva a isso são diversos motivos, desde a intenção de ouvir música, como relatado por Safadão, quanto à necessidade de complementação da renda, apresentada por Gabriel. Não estamos querendo dizer que isso seja uma regra em toda a localidade do Morro do Cavalão e que todas as pessoas ajam da mesma maneira, pois isso seria uma irracionalidade que não estaria considerando a particularidade de cada indivíduo ou grupo.

Mas vale novamente ressaltar que a tecnologia de telefonia móvel criou novos significados na relação entre humanos e não-humanos como afirma Latour (2001). Essas resignificações levam em conta o entendimento particular do indivíduo frente ao objeto ou à situação vivenciada. Sobre a experimentação e a apropriação do telefone celular, Jurema, Vera e Senhora Eulália demonstram, por exemplo, que há uma nova significação dada à tecnologia que não foi originalmente desenvolvida pelo fabricante e, muito menos, pelo designer do celular. O exemplo de Vera que passa a ler livros inteiros numa tela de 5 x 6 cm – demonstra como a apropriação se dá na pós-modernidade, como assinala Nicolaci-da-Costa

(2004). No próximo capítulo, abordaremos como a aquisição do celular é realizada pelas pessoas entrevistadas, quem são essas pessoas e como a forma de controle desta tecnologia é exercida nas relações sociais.

Capítulo 2

Consumo móvel. É possível?

2.1 De onde vêm os celulares, um consumo simbólico

*"Já estou falando muito, se quiser saber mais sobre isso tem
que procurar um mototaxi"*

Fininho

Morador do Morro do Cavalão e pescador

Enquanto conversava com Fininho a respeito da importância do celular, ele me informou que um local muito bom para se conseguir aparelhos celulares no Morro por um preço "camarada" era no Mototaxi³⁰. Este serviço fica localizado na rua Joaquim Távora esquina com a rua Prof^a Elza Bittencourt, em cujo local rapazes fazem o transporte dos moradores da parte alta até o asfalto e vice-versa por R\$ 2,00 (dois reais) o trajeto. Fiquei intrigado pela informação e fui logo direto ao ponto, querendo saber como era isso: o fato de conseguir celular com o mototaxista³¹ por um preço "camarada". Fininho continuou falando que havia muitos viciados em drogas que ofereciam os seus telefones na favela para comprar entorpecentes, mas que não podia falar muito para não se indispor com alguns amigos que atuam nessa profissão e se encontravam, justamente, no Zezinho's Bar. Disse também que

³⁰ Mototáxi é um tipo de transporte público individual realizado por motocicleta onde tanto o passageiro quanto o condutor possuem ampla escolha de local de embarque ou desembarque. Este transporte é semelhante ao táxi só que carrega no máximo duas pessoas.

³¹ Profissional que atua no serviço de Mototaxi.

"pegaria" mal para ele falar mais sobre isso, porque os seus amigos poderiam achar que ele estivesse "queimando" os "caras" ou "xisnoveando"³² e que se quisesse saber mais sobre o assunto era para eu procurá-los na Rua Joaquim Távora.



Imagem da esquina entre a Joaquim Távora e Profª Elza Bittencourt
Foto retirada do Google Maps

Ao ouvir o relato do Fininho, comecei a perceber que há modalidades diferentes de aquisição de telefones celulares por parte dos moradores do Morro do Cavalão. Assim como no trabalho de Silva (2010), essa prática, na referida localidade, parece ser devida não só ao alto custo que os aparelhos possuem nas lojas como também ao fascínio que exercem nas pessoas. A partir dessa vontade – de querer saber como é a relação celular-viciado-mototaxistas – fui procurar alguém que pudesse me fornecer mais detalhes e, nessa busca, através de conversas, cheguei até Cadinho.

Havia marcado por telefone de conversar com o Cadinho num domingo pela manhã, mas, ao ligar para ele às nove horas, pediu para remarcarmos para a parte da tarde, porque iria

³² Equivalente ao verbo “delatar”: ato em que uma pessoa entrega os segredos da outra. É referência a X9, traidor e “dedo-duro”. Essas pessoas são vistas como o pior tipo de pessoa que pode haver no morro e que, se for

à praia. Combinei com ele no Zezinho's bar às quinze, mas, quando cheguei, ele não estava. Fui até a casa de Gabriel tentando encontrá-lo, pois são amigos e supus que ele lá estivesse. Chegando, a Sr^a Eulália me informou que o Cadinho tinha passado de moto e que estava me procurando. Fiquei no portão de sua casa com ela e ele, por fim apareceu. Seguimos até o bar, já que ele queria beber uma cerveja e jogar uma sinuca.

Iniciei a nossa conversa perguntando qual era a sua ocupação. Ele respondeu que, durante a semana, era mototaxista e motorista particular. No final de semana, ele não trabalhava. Nesse instante, ele foi convidado por um amigo para jogar uma partida de sinuca e aceitou. Durante a partida pude perceber que, além do Cadinho, havia mais cinco pessoas próximas a ele, sendo que a partida era disputada apenas entre ele e um colega. Vejo que há dois aparelhos de celular em cima da mesa e, dos rapazes que estão assistindo ao jogo, três possuem os telefones presos às cinturas. Após a partida, ele retorna ao local em que eu estava sentado e volta a conversar comigo. Pude vê-lo de onde eu estava sentado: possuía uma visão da mesa, do salão do bar, das portas do banheiro e do balcão em que se servem as bebidas. Atrás de mim havia uma bancada que separava a cozinha do restante do lugar. Ao retornar, tive a intenção de perguntar logo sobre o assunto que o Fininho me falou, mas segurei o meu impulso e perguntei quantas linhas de telefone móvel ele possui. Como resposta, informa-me que são quatro, sendo da Vivo, da Oi, da Claro e da Nextel. Segundo ele, essas são as que seus clientes mais possuem e, quando necessitam de seus serviços, entram em contato por essa via. Informa ser isso um diferencial para o seu trabalho, pois há pessoas que só ligam para a operadora que assinam. Por esse motivo, ele tem quase todas.

descoberta, corre o risco de morte. "Xisnovear" é, então, o efeito de ser X9, de ser traidor, de entregar uma pessoa ou contar a outrem um segredo.

Devido à sua profissão e principalmente por possuir um telefone da Nextel, fiquei curioso para saber como ele havia conseguido essa linha (mas não poderia ser indelicado e perguntar de súbito o quanto ele aquinhoava por mês). Utilizei o artifício da brincadeira para alcançar o meu objetivo. Então, brinquei com ele, dizendo que também gostaria de ser mototaxista para poder ter uma linha de Nextel e um aparelho igual ao dele. Neste momento, ele me informa que a linha não está no seu nome. Inicialmente estava no de um amigo, mas tal amigo informou-lhe que teria que cancelá-la. Daí, ele passou a linha do telefone Nextel para o nome de sua madrasta, pois ela tinha como comprovar renda. Já em relação ao aparelho que utilizava, ele informa que ganhou junto à operadora devido ao valor de franquia paga mensalmente. O que o motivou no início a comprar o Nextel foi a imagem que o aparelho oferece as pessoas. Ele diz que *"é a maior onda ter Nextel, comprei porque os meus amigos tinham um e eu queria tirar onda também, era moda ter Nextel"*. Após esse comentário, ele informa que agora não é mais "onda" ou "moda", mas sim, necessidade de trabalho, pois, como informado anteriormente, muitos dos seus clientes possuem rádio. Questiono quem são os clientes e ele responde que são os amigos que moram no Morro e alguns para quem ele trabalha como motorista.

Durante a semana, ele costuma portar junto de si todas as linhas, mas, no fim de semana, só anda com o Nextel. Falo que deve ser difícil andar com quatro aparelhos nos bolsos e ter que atendê-los sempre. Porém, sou informado de que anda somente com dois, já que um desses possui três chips – sendo colocado em seu bolso – o que possibilita colocar todos os chips, menos da Nextel. Relata que somente o aparelho desta última operadora fica afixado na sua cintura por uma presilha de plástico, pois é mais prático para o seu uso,

principalmente quando está "pilotando"³³ a sua moto. Percebo que ele confere um tratamento diferenciado aos aparelhos, pois um está à mostra e o outro "escondido". Pergunto a ele qual o motivo. Nesse instante, ele diz: *"não vou dizer o porquê, vou provar o motivo"*. Então ele retira um *smartphone* de cor rosa, bem forte, do seu bolso e me mostra de forma reservada. Vendo o seu aparelho o interpelo sobre a razão de ter tal aparelho. Diz que aquele foi comprado bem baratinho e que também iria pegar mal para ele andar com um "rosa cheguei" na cintura. *"Imagina eu, um e oitenta de altura, cento e cinco quilos, desse tamanho e peso, andando com um rosa cheguei na cintura, vão pensar o que de mim? No mínimo viado. Imagina depois de velho, com fama de viado?"*.

Como ele havia dito que comprou "baratinho", aproveitei a oportunidade para perguntar se foi na Uruguaiana, como a Jurema havia dito que comprava o dela. Neste instante ele deu uma risada e disse que o seu mercado popular era ali no morro mesmo – o "Mercado Negro". Pedi para ele explicar melhor e o mesmo assim o fez. *"Paguei cem reais pelo rosa de um viciado em drogas que apareceu lá no Mototaxi. De primeira ele queria trezentos, mas falei que dava cem"*.

Ele falou que havia ofertado cem reais, pois sabia que, se o viciado fosse direto na Boca de Fumo trocar por drogas, iria conseguir bem menos do que estava oferecendo. Sobre isso Cadinho fala o seguinte:

"Aproveitei que tava só eu ali na esquina e não tinha mais nenhum mototaxista para ele oferecer e disse para ele tentar a sorte lá na boca. Ele viu os dois galinhos (duas notas de cinquenta reais) na mão e tratou logo de pegar. Pegou e subiu logo. Me dei bem". (Cadinho)

³³ Termo usado diretamente pelo entrevistado para se referir à condução do seu meio de transporte, que no caso é a moto.

Com este caso temos a confirmação do argumento de Silva (2010; 219) de "*que hoje em dia não se depende muito de loja pra comprar celular*". O "mercado negro" apresentado pelo Cadinho é similar ao que Silva chama de "mercado interno" ou "comprar na boiada", mas, ao contrário do verificado em seu estudo, não fui informado de nenhuma modalidade de transação conhecida como *escambo* (Idem. 2010; 220) no Cavalão. Como havia somente ele no momento em que o viciado chegou, Cadinho pôde barganhar em cima do valor que estava sendo negociado, sem concorrentes e, com as duas notas de cinquenta reais à mostra, aguçou-se o desejo do vendedor de aceitar a proposta. A facilidade e a oportunidade de comprar um aparelho por um valor mais barato do que o normal é o que leva Cadinho a realizar a compra, pois "*se eu não pegar, outro pega, aí perco a oportunidade*".

Na fala do Cadinho há um dado que reputo relevante: sua escolha (e de outros mototaxistas) em comprarem produtos dos usuários de drogas no asfalto, em alguns momentos, proporciona conflitos com os traficantes, pois esses também gostam de barganhar junto aos viciados em drogas. Devido à antecipação dos mototaxistas, esse fato não ocorre. "*Os caras da boca ficam puto com a gente (sic)*". No relato do Cadinho, ele disse que o viciado pegou os cem reais porque sabia que, na boca de fumo, iria conseguir no máximo dois "sacos" de dez de pó ou cinco "porradão" da mesma quantia de maconha e que, com o dinheiro na mão, ele consegue muito mais entorpecentes.

Neste instante, ele fala que já apareceu quase tudo para ele e, antes de eu pedir uma explicação, ele se adianta e diz: "*Já apareceu tablet, computador, ferro de passar roupa, conjunto de mouse e teclado sem fio, moto com documento de declaração de venda registrada em cartório e até um sofá zerinho*". Notando o meu espanto ele falou:

"Uma vez o viciado veio em uma Kombi aberta com um sofá novinho, com plástico e tudo oferecendo pra gente que tava na pista. Eu fiquei

bobo em ver aquilo. Ele ofereceu e um dos caras aceitou, só que não foi a Kombi do viciado que levou o sofá, o cara chamou uma de um morador do morro que levou o sofá. Acho que foi vendido o sofá por uns trezentos reais, muito barato". (Cadinho)

Sobre a compra do celular diretamente da mão do viciado em drogas, perguntei ao Cadinho se ele não achava que estaria contribuindo para o comércio de drogas e a prática do "mercado negro". Em relação à compra neste tipo de mercado, ele diz que sabe que é errado, mas a tentação fala mais alto – não consegue deixar de comprar porque sabe que, se não "pegar", outro mototaxista irá levar o produto e o viciado não deixará de vender. Já sobre a contribuição para este tipo de comércio, ele não se vê disseminando o tráfico no Morro. Para ele, o viciado conseguirá a droga de qualquer forma e já que o viciado quer vender o aparelho, ele compra. Ressalta que nunca comprou nada diretamente na boca e nem de ninguém que tenha conseguido naquele lugar. Neste instante, ele diz que se comprar ou adquirir de alguém que tenha pego diretamente na boca de fumo, aí sim, estaria contribuindo para a criminalidade.

Contrastivamente, vou me ater, agora, ao caso de Vera, cujo aparelho de telefone celular havia acabado de apresentar defeito e ela ainda não o tinha levado para consertar. Devido a esse problema, ela informa que estava utilizando a linha e o aparelho da sua mãe. Início a nossa conversa perguntando como ela obteve o seu primeiro aparelho de telefonia móvel. Ela respondeu que ganhou da sua mãe quando tinha dezessete anos e que hoje, com vinte e seis, já teve vários aparelhos. Ela fala que ficou “perturbando” a mãe para comprar um para ela porque todas as amigas da escola e algumas vizinhas tinham, e ela não. Informa, ainda, que, quando chegou ao Morro com o seu primeiro telefone, foi logo usando na rua para as outras pessoas (dentre elas, as suas amigas) verem que ela tinha um celular também. Perguntei qual era o aparelho e se ela ainda o tinha. Ela respondeu que não o possuía mais,

mas que, na época, era um dos mais caros, pois a mãe havia dito que seria um presente de aniversário e Natal juntos. Este aparelho era o Samsung Luminix Fashion, o mesmo aparelho que, em sua época, era utilizado por uma personagem da Novela O Clone.

Pergunto a ela qual o modelo atual e o local em que ela havia comprado o seu telefone. Ela diz que o seu último celular era um Xingling³⁴ e que ela "pegou na boa". Peço para ela explicar o que é "pegar na boa" e ela responde que é adquirir a preço módico um celular que foi trocado por drogas na boca de fumo. Pergunto para ela se esse é então um "cabrito"³⁵ – ela replica que é um dos "cabritos do bom". Ao perceber uma diferenciação entre os "cabritos", volto a indagá-la o que é "do bom". Ela diz que é um *smartphone* que acessa a internet, que tem uma boa resolução da máquina fotográfica, que tem um som alto para ouvir música e principalmente que é considerado pelas amigas como um celular "maneiro". Comento – de forma proposital – que ela estaria boicotando a sua própria mãe por não deixá-la usar seu produto e ela responde: *“que nada, a minha mãe não gosta de celular, eu ainda to (sic) fazendo um favor a ela, mas logo, logo, devolverei o dela porque já vou receber o meu salário e vou poder comprar um na boca”*.

Vera diz que gostaria de ter um Iphone 3 do fabricante Apple porque, para ela, ele é lindo. Com o aparelho, iria fazer o “maior sucesso no Morro” e no trabalho, além de ficar mais feliz. *“Se aparecer algum na boca eu vou comprar, porque lá sempre aparece (sic) os mais modernos e são bem mais baratos do que nas lojas. Comprarei rapidinho, ficarei bem*

³⁴ Ver nota no capítulo 1, página 41.

³⁵ Celular "cabrito" é aquele que se consegue na boca de fumo por preços muito baixos, oriundo de furtos ou de troca por drogas ilícitas

feliz se conseguir um desse". Como exemplo de "mais barato" ela cita o tablet da Apple, o Ipad, que "apareceu" na boca custando trezentos reais. Pergunto se ela não fica preocupada com a origem, e ouço que não: se parasse para pensar nisso teria que andar nua, porque todo o trabalho, para ela, é exploratório. Como exemplo, cita o emprego que possui no momento.

Nessa conversa com Vera, assim como na com Cadinho, é possível perceber que há uma concepção de que o aparelho eletrônico, o celular, possibilita a superação de uma imagem de pessoa pobre, humilde, simples. Como afirma Barros (2007), possuir o aparelho tem a ver com aquilo que pode ser chamado de "consumo de pertencimento". Ao estudar um grupo de empregadas domésticas, a autora percebe que há nesse segmento uma "sede" de consumo por produtos eletro-eletrônicos. Para ela:

"Ter acesso a determinados bens possibilitaria uma entrada na sociedade de consumo abrangente, e artigos como televisão, celulares, parecem cumprir de imediato este papel. Ser um "consumidor" permite a superação da identidade de "pobre", de modo semelhante a ser um "trabalhador"; o consumo – em especial o de produtos eletro-eletrônicos - adquire, portanto, um importante papel na construção de uma identidade positiva frente aos pares e aos mais favorecidos economicamente". BARROS (2007: 6)

O fabricante do telefone adquirido por Cadinho não foi determinante para a sua compra, diferentemente do que ocorre com Vera. É possível dizer que a intenção de Vera de ter um telefone celular de uma marca ou modelo famoso. Tem por referência o que pessoas de outras classes sociais adotam como "modelo de modernidade". Barros (*op.cit.*) assevera que a marca de um produto é algo que revela o ponto crítico do consumo, pois *"em alguns momentos, trata-se de um consumo interdito, porque são bens de outras classes sociais que não podem ser adquiridos; em outros, quando é possível sua aquisição, podem servir como um claro sinal de distinção e status entre os pares"* (pag. 12).

Para Jean Baudrillard (2008) e Zigmund Bauman (1999), os sistemas de significação que os objetos possuem e suas exposições sociais regem o sistema de comunicação no desenvolvimento de processos sociais. Por meio dos dois autores acima citados, observa-se, nas palavras da Vera e do Cadinho, que há interação das pessoas com os objetos e das pessoas com elas próprias. A questão do consumo da tecnologia se concentra no momento em que se contextualiza a posição em que se encontram esses moradores desta comunidade frente ao fenômeno da globalização³⁶, ressaltando que os possíveis processos sociais que foram criados e inseridos no Morro do Cavalão são decorrentes de uma rede de entrelaçamento entre os indivíduos que parece ser uma só – onde todos estão ligados.

No livro *Sociedade de Consumo*, de Baudrillard (2008), o autor demonstra, de forma clara, de qual maneira a sociedade introduz uma cultura de consumo, na qual as pessoas não são mais vistas e reconhecidas pelo ambiente em que estão inseridas, mas, e sim, pelos bens materiais que possuem. Ele relata que a humanidade vive o tempo dos objetos, ou seja, as pessoas existem em prol dos objetos e os incorporam na sua existência até o momento de sua morte como parte do seu ser. Valorizando o *TER*, em vez do *SER*. Muitas vezes, passam a ser julgadas pela aparência física, pelas roupas que vestem, carros e casas que possuem, em vez de serem apreciadas por suas qualidades, como sinceridade, coragem, generosidade e respeito ao próximo.

A questão primordial da sociedade de consumo é que a introdução de novos produtos poderá afetar a maneira de agir na sociedade, proporcionando uma mudança do patamar

³⁶ Por globalização, no entendimento do Bauman (1999) sobre o livre comércio e o desenvolvimento econômico, como possibilidades à diminuição das desigualdades sociais. Para este autor, é por intermédio da globalização que há uma homogeneidade de comportamento dos indivíduos que tendem a consumir os mesmos produtos. Este fato se dá devido à intervenção das grandes empresas em um nível global e não mais local.

civilizatório que expõe os bens mínimos necessários para a vida em comum com outras pessoas. Antigamente, era *status* social possuir uma televisão e um vídeo-cassete em casa. Nos tempos atuais, não ter um celular parece ser sinônimo de atraso social, de desprestígio, de inferioridade³⁷. Como reflexo dessa mudança, surgem novas concepções acerca dos meios de aquisição dos bens capazes de por em questão o que é “correto” e o que é ou “errado”. Nesse sentido, a venda de produtos oriundos do tráfico (roubado ou vendido pelos viciados em drogas), por exemplo, cria uma rede de comunicação que permite a uma pessoa acesso rápido e barato a um produto que lhe seria proibido pelos meios convencionais / formais.

A aquisição é a maneira de o indivíduo se inserir na sociedade de consumo. Assim como Baudrillard (*op.cit*) atesta que o consumo dita identidades, é possível ver, no meu campo de pesquisa, que a aquisição (e a venda dos celulares) ajuda na construção do SER pretendido por alguns dos interlocutores entrevistados. O viciado em drogas é reconhecido pelos mototaxistas como um “Viciado”, como uma pessoa que deseja ter a droga a qualquer custo, não importando o quão barato seja a venda do seu aparelho de telefone celular. O mototaxista (ou outra pessoa do Morro) que compre o produto quer ser percebida como alguém que não só possui condição financeira para adquirir o produto, mas também como uma “pessoa moderna”.

Baudrillard (2008), na mesma obra, explica que vivemos em um tipo de sociedade que pode ser definida como "sociedade de consumo", já que, nela, o consumo de signos junto com os objetos, domina a vida das pessoas. Para Cadinho e para Vera, a prática do consumo é

³⁷ O celular não é o único objeto que subscreve status, mas um deles.

constituída de significados e não se limita apenas à aquisição do objeto propriamente dito. O valor de uso não é o funcional mas o cultural, preenchido de subusos e significações. Ter três chips, ser lindo, permitir o "sucesso" no Morro, ter um bom som, ter uma máquina fotográfica de boa resolução e estar com algo mais moderno constituem apenas alguns dos significados buscados por essas duas pessoas, assim como por outras, que adquirem aparelhos de telefonia móvel modernos.

Para Bauman (2001), o hábito de consumir tem um papel importantíssimo na vida humana, pois é a partir dessa prática que o indivíduo constrói a sua individualidade perante os outros e desenvolve relações sociais. A aquisição do celular é o instrumento e o meio pelo qual o indivíduo – de forma muita das vezes inconsciente – influencia a percepção do outro em relação à sua imagem. Para Mocellim (2007) *"a individualidade é assim, condicional à posse de objetos específicos, ou seja, sujeita ao mundo dos objetos que podem (ou não) ser adquiridos e consumidos"* (pag. 113). Bauman (2008), por seu turno, relata que a felicidade proporcionada pelo ato de consumir remete a algo inerente à sociedade de consumidores e que não passa pela percepção dos indivíduos deixarem de ser felizes pela não posse de um objeto. Vera deixa isso bem claro em sua fala, quando informa que uma possível aquisição do Iphone 3 a deixará mais feliz, o que corrobora a posição do Bauman de que os objetos podem, na sociedade moderna, proporcionar uma felicidade momentânea.

Segundo Livia Barbosa (2004), a sociedade mencionada por Baudrillard é apenas uma referência utilizada por intelectuais, acadêmicos, jornalistas e profissionais de marketing para refletir sobre a sociedade contemporânea (2004; 7), o que não sinaliza o fim ou passagem de uma época da humanidade a outra. Barbosa defende a concepção de que a individualidade é tratada como uma auto-expressão pessoal e autoconsciente do indivíduo. Ela informa que:

"A roupa, o corpo, o discurso, o lazer, a comida, a bebida, o carro, a casa, entre outros, devem ser vistos como indicadores de uma individualidade, propriedade de um sujeito específico, ao invés de uma determinação de um grupo de status" BARBOSA (2004; 23).

Percebe-se que, tanto em Barbosa quanto em Baudrillard e Bauman, o uso dos objetos e mercadorias (livremente pelo indivíduo) tem como referência um determinado contexto e não se dá, portanto, de forma aleatória, como se poderia pensar. Primeiramente, a escolha de determinado produto é direcionada pela imagem que o usuário pretende construir de si mesmo ou por um sentimento particular que deseja exprimir. O contexto em que se realiza a aquisição é apenas um local que permite ao indivíduo ser reconhecido e reconhecer o outro pelas suas posses. Através dele, tem-se a identidade solidificada perante aos outros pelo simples fato de possuir determinados aparelhos. O uso dos objetos configura, assim, uma tentativa de transformar os indivíduos em sujeitos ímpares entre seus pares.

Como informado no capítulo anterior, a Senhora Eulália é costureira e dona de casa. Ela volta a ser motivo de relato para desmistificar o que Souza e Silva (2011) afirmam no seu artigo sobre a apropriação do celular nas favelas do Rio de Janeiro. Como informado na página 46, De Souza e Silva informa que os moradores das favelas possuem dificuldade de ter acesso a telefones celulares de maneira legítima. Devido a isso e, principalmente, por serem renegados pelo poder público, essa procura pela ilegalidade acabaria aumentando.

Eulália, por exemplo, informa que teve um total de cinco aparelhos em sua vida e que todos foram comprados em lojas do tipo C&A, Casas Bahia e Ponto Frio, na forma de crédito parcelado. O atual foi escolhido pela necessidade de ter dois chips e também porque estava em promoção na primeira loja. A necessidade de um celular com dois chips foi advinda da contingência de Eulália ter que falar sempre com a sua patroa, cuja operadora é diferente da do seu esposo. A entrevistada não nega que o celular é importante para ela: hoje não

conseguiria viver sem a tecnologia, da mesma forma que não conseguiria viver sem a sua máquina de costura. A seu ver o celular, lhe permitiu estar em contato com mais pessoas, com os irmãos e com os filhos, em qualquer lugar e em qualquer momento. Pergunto de que modo o telefone móvel modificou a sua vida. Ela relata que com ele, controla melhor o seu tempo, pois o aparelho possui relógio (e isso é ótimo para ela) e também pode obter informações mais rápido: se precisar falar com o esposo ou com os filhos, é só “esticar o braço para pegar o aparelho”.

Perguntei como foi o seu primeiro contato com a telefonia móvel. Ela responde que, inicialmente, deu um de presente para uma amiga e que, de tanto a afilhada e a irmã insistirem para que comprassem um para ela, ela o fez (tendo sido literalmente empurrada para dentro de uma loja C&A, quando passava por um shopping da cidade). Segundo ela, as duas falavam que era muita pobreza não ter celular, que *não era porque ela morava em morro que não podia ter um. A afilhada falava para sua irmã "Como pode essa pobre não ter celular"?* A partir desse momento, ela nunca mais deixou de ter o "trocinho", como ela se refere ao seu aparelho. Ela informa também que, desde que conheceu essa tecnologia, nunca deixou de perceber a presença dele nas casas das pessoas que visita. A principal falta que o celular faz para a Senhora Eulália é sentida quando o fixo apresenta problema. Se ela não tivesse esse produto, jamais o esposo conseguiria falar com ela quando estivesse viajando a trabalho e o fixo se encontrasse com defeito.

Aproveitei o nosso bate papo para perguntar se alguma vez ela soube da venda de celulares por usuários de drogas no Morro ou pelo pessoal que age na Boca de Fumo. Ela me responde que sim, mas que ela e nenhuma pessoa da sua família haviam adquirido um produto desta origem.

"É um absurdo isso, para mim é ser conivente com o mundo do crime e estimular o uso, a compra e venda de drogas no Morro. Não quero fazer parte desse mundo errado, já basta a imagem ruim que nós do morro temos, não quero que pensem que todos aqui de cima somos conivente com o tráfico e com o vício". (Senhora Eulália)

Já em relação aos aparelhos que ela não usa mais (ou que se desfez devido à aquisição de um modelo mais novo,) pergunto o que ocorre com eles. Ela me explica que as vezes, presenteia as irmãs de igreja ou deixa guardado em casa, mas que o último ela vendeu por um preço simbólico para a sua vizinha Vanda.

Em cima dessa informação, fui procurar Vanda. Era uma tarde de dia da semana, eu havia marcado com Vanda para ela me ajudar no meu trabalho acadêmico. Inicialmente, ela aceitou, mas ficou em dúvida como faria para me ajudar. Como eu já havia conversado com Vera, sua filha mais velha, ao chegar ela me recepcionou e foi logo dizendo: *"Pode entrar que já estou preparada, a Vera disse que não foi nenhum bicho de sete cabeças"*, rindo. Vanda mora ao lado da casa da Senhora Eulália, há muito tempo. Pergunto a ela como adquiriu o seu aparelho celular e como resposta obtenho a informação de que comprou da vizinha Eulália por insistência da filha mais nova, a Vera.

Ela havia dito que, quando o celular estava com ela, não realizava ligações, só recebia. Pergunto o motivo e ela afirma que, quando precisa ligar para alguém, utiliza o telefone fixo de sua casa. Nesse instante, indago há quanto tempo tem a linha de telefone fixo e obtenho, como resposta, mais ou menos "quatorze anos". Neste momento, ela informa que quando estava com o seu celular, só ligava para as irmãs e para a sua filha Vera, que assinantes da mesma operadora que ela. Pergunto porque ela escolheu essa empresa (Vivo). Ela disse que, como as irmãs possuem Vivo, Vera, sua filha, ficava insistindo para que ela comprasse um telefone da mesma operadora. Como a vizinha Eulália tinha um para vender e era desta empresa, ela resolveu comprar. Relata que o fator primordial, para comprar o aparelho foi o

fato de as filhas saírem e ela não ter contato com elas, não saber como elas estariam, ainda mais quando Vera vai à igreja à noite, pois o culto termina tarde e ela fica preocupada com o fato de a filha voltar sozinha para casa tarde da noite.

Vanda informa que, se não fosse a facilidade do crediário, não eria comprado o celular para Vera quando esta era adolescente. Por Vanda considerar superficial para ela própria, esperou até o momento em que não pôde mais resistir aos apelos das suas duas filhas para, então, comprar o aparelho da vizinha Eulália. Já em relação à aquisição por intermédio dos viciados em drogas (ou pelos atuantes na boca de fumo), informa que nunca comprou e que nunca comprará por nenhuma dessas vias, porque vai em desacordo com os seus princípios religiosos. *"Comprar celular na boca é a mesma coisa que aceitar comida do Diabo"*.

Por meio das conversas que travei com Eulália e com Vanda, pude perceber que – mesmo morando em Morro e sofrendo com todos os estigmas decorrentes disso – ambas, em nenhum momento, recorrem a meios ilegais para adquirir telefones celulares. Demonstram ao contrário, possuírem recursos para adquirir os seus telefones de maneira legal e não recorrerem à boca de fumo para tal. Já em relação a serem renegadas pelo poder público, em nenhum momento o tópico se fez presente em suas falas, até porque ambas possuem telefone fixo em suas residências, assim como os serviços de água, luz, esgoto, televisão por assinatura e entrega de correspondência na porta de casa.

Eulália, ao informar que, em toda a sua vida, possuiu um total de cinco aparelhos (e que todos foram adquiridos em lojas varejistas de grande porte), demonstra que possui condições de aquisição e até mesmo crédito no mercado. Este relato por si só já seria de grande valia para refutar os argumentos apresentados por Souza e Silva (2001), mas, para além disso, é interessante ressaltar que o acesso ao crédito, nos últimos anos, por parte da

população de baixa renda possibilitou a ampliação da telefonia móvel no Brasil e ajudou a promover o aumento do crédito na economia brasileira em geral. Em relação a isso Alves (2006) *apud* Bacha et all (2010) considera

"que no Brasil, as empresas de telefonia celular representam um dos melhores exemplos da busca de negócios que exploram o mercado existente nas camadas de baixa renda. Assim, em um cenário competitivo e com índices de penetração do serviço entre as classes AB, surgiu à alternativa de viabilizar o uso do celular entre a população de baixa renda, com a criação do sistema pré-pago de recarga, o parcelamento de aparelhos e políticas de comunicação e distribuição agressivas". ALVES APUD BECHA ET ALL (2010: 500)

Mesmo sabendo da existência de celulares por um valor mais barato, Eulália adquiriu o seu primeiro telefone na C&A. Vale ressaltar que o seu primeiro contato com a telefonia móvel foi para presentear uma amiga e que, de tanto a sua sobrinha insistir, ela acabou comprando um para ela. Nisso vemos que a Eulália, mesmo morando no Morro, sempre teve o mínimo de condições para adquirir um celular por vias legais, não sendo necessário a ela recorrer ao "mercado negro", como afirma Souza e Silva (2001).

Vanda também corrobora a posição de Eulália ao afirmar que acha errado a compra de celulares por meio não-legais. O seu primeiro contato com a telefonia móvel também foi para aquisição de um celular para outra pessoa que, nesse caso, foi a sua filha mais nova, Vera. Para o seu uso próprio, optou por não dispensar muitos gastos, preferindo adquirir um aparelho usado (de forma legal), via mãos da sua vizinha Eulália.

2.2 "Estou na moda" com o meu celular

O que é estar na moda? Em cima dessa pergunta começo a discorrer sobre o que seria um celular na "moda" para os meus entrevistados. Tavares Costa (2007), ao escrever sobre a

história da moda em sua Dissertação de Mestrado, afirma que *"moda é um fenômeno social que emergiu no Ocidente no fim da Idade Média e início do Renascimento"* (pag. 8) e "estar na moda" se

"... caracteriza como um sistema prescritivo, com regras de construções ditadas por um restrito grupo da sociedade. Se antes era a corte que ditava o que era estar na moda, nas sociedades capitalistas de hoje este poder pertence a um pequeno grupo de marcas e empresas que, soberanamente, ditam o que é "estar na moda" (TAVARES COSTA, 200, p.8 - 9).

Percebe-se, com isso, que a moda propriamente dita não é apenas o que uma pessoa veste, ouve, comercializa, consome para fim próprio ou satisfação de suas necessidades, mas também o que é percebido através de uma construção social que determina suas últimas tendências de comportamento, influenciando a conduta das pessoas em sociedade. Citando Landowski (2002), Tavares Costa (2007) considera que, atualmente, não é mais ditada pela classe social mais elevada, sendo também uma propensão que pode surgir de movimentos periféricos desta sociedade. Ela inverte papéis sociais que eram compreendidos como definidores da moda vigente. Devido a isso, a novidade sempre se faz presente nos círculos da moda – vide os eventos deste setor conhecido como Fashion Week³⁸, em que tendências urbanas e populares no segmento de vestuário são apresentadas como o novo mote da estação – destacando que o que é surpreendente, de difícil acesso, diferente mas, principalmente, o que é mais novo se torna objeto de desejo de determinadas parcelas da sociedade.

É a moda que dita o mercado, é ela que determina a oferta e a procura. Por seu intermédio (e dos artistas envolvidos nas propagandas dos produtos), determina-se o

significado que os produtos vão possuir na sociedade. Este "estar na moda" torna-se sinônimo de ser antenado com o que há de mais moderno no mundo. A moda possui uma capacidade de induzir, conduzir e influenciar a estrutura social. Com isso, se impõe sobre os agentes sociais por meio de arranjos de sentimentos, de pensamentos e de ações. A moda representa, assim, um mecanismo de ditar comportamento, uma ligação à razão do objeto consumido.

Não só representantes dos segmentos de vestuários, calçados e acessórios, mas também empresas de telefonia móvel participam de eventos como os Fashion Week. De acordo com Ferreira, Vieira e Rigo (2007) a Motorola realizou pesquisas com os seus consumidores e

"detectou que metade deles leva em consideração o design do produto na hora da compra, e não apenas o preço. Investindo nesse mercado, a Motorola participa do evento de moda com um conceito: "o celular é um acessório da roupa", ou seja, a pessoa veste o aparelho que deve combinar com o estilo de vida da mesma" TAVARES COSTA (2007; 2-3).

Já sobre a tecnologia Tavares Costa (2007:10) assevera que com

"o avanço e as novas descobertas tecnológicas impuseram à moda um ritmo acelerado que precisa estar em constante mudança para alimentar a própria indústria da moda, um dos maiores vetores econômicos do século XX".

Assim, decorrente da inovação tecnológica e da competição por aumento na participação mercadológica das empresas, novos produtos aparecem de forma rápida, proporcionando uma constante substituição e renovação nas oportunidades de consumo para o

³⁸ Semana de moda, onde são apresentadas as coleções dos maiores estilistas de cada país. Paris, Milão, Londres e Nova Iorque são as mais tradicionais. No Brasil, a de São Paulo e a do Rio de Janeiro são as mais importantes. <http://jjassessoria.wordpress.com/termos-da-moda/> Site acessado em 7/04/2012

público em geral. Estar atualizado no que há de mais moderno torna-se o objetivo a ser buscado por muitas pessoas. É possível dizer, então, que há, no mundo ocidental inúmeras pessoas que desejam ter, a cada dia, um novo produto que possa proporcionar facilidades ao seu cotidiano. No Morro do Cavalão, há indivíduos que demonstram claramente o desejo por tais objetos, entre eles, os celulares lançados pela Apple ou pela Samsung que realizam um sem-número de aplicativos, os notebooks mais bonitos, finos e leves da Hp, da Apple, da Toshiba ou da Dell, os carros mais confortáveis e estilosos da Toyota, da Hyundai, da Honda ou da Volkswagen e as televisões Led Full HD de tecnologia 3d com Blu-Ray e acesso a internet da Sony, da Phillips ou da Semp Toshiba. As pessoas, nesta localidade, estão cada vez mais interessadas pelo que é novo, pelo que é novidade e, com isso, desejam se destacar de outros indivíduos pela posse de seus bens materiais.

As pessoas parecem ter como objetivo os novos produtos, que são cada vez mais atraentes. Esses artigos chegam às lojas em poucos meses, ao contrário de antes, quando eram lançados apenas duas vezes ao ano. Como exemplo, é possível citar, novamente, o evento de moda – o Fashion Week – que, no seu início, ocorria uma vez por ano na cidade de São Paulo e hoje, além do Rio de Janeiro, já conta com duas versões, uma para o Verão e outra para o Inverno, com a estimativa de se criarem mais duas para as outras estações. Com tanta novidade, padrões de comportamento, de moda, de interesses passam a existir na sociedade além, é claro, de uma gama extraordinária de novos produtos que são "bombardeados" pelos meios de comunicação para que sejam adquiridos pelos consumidores. Então, o "estar na moda" pode ser considerado, muitas das vezes, como uma tendência midiática que influencia um comportamento social, fazendo com que os indivíduos adequem a adequar o seu corpo, o seu linguajar, o seu relacionamento e, principalmente, o seu comportamento frente às outras pessoas tendo por referência o que está em evidência.

Para se ter ideia da força dessa influência no comportamento dos sujeitos, posso citar a conversa com Gabriel, iniciada em sua casa. Dela saímos e fomos para a rua. Neste instante, posso observar, do alto da rua, um grupo de adolescentes do sexo masculino vindo em nossa direção. São seis rapazes, todos negros, com idades entre 14 e 16 anos e média de 1,65 de altura. Um deles, que vem na frente dos outros, carrega um celular na mão, tocando uma música de funk conhecida como “Vou largar de Barriga”, do MC Parafuso, que frequenta o Morro do Cavalão. Neste rapaz (e nos outros que o acompanhavam) pude perceber que o andar pela rua possuía um movimento corporal embalado pela música. Eles sorriam, cantavam a música e caminhavam gingando, fazendo passinhos de funk, de forma muito malemolente. Foi nesse instante que lembrei da observação de Tavares (2001), ao analisar o desenvolvimento corporal de um homem negro em Nova York. Em sua pesquisa, o autor notou movimentos de locomoção nos quais identificou a existência de uma rítmica corporal (o que denominou de sotaque cultural).

Um deles eu até conhecia de vista, estava sempre na casa de Gabriel e, ao chegar perto de mim, faz uma brincadeira com a minha aparência³⁹. Ele pergunta se minha feiúra está pronta ou se está em construção. Sorrio desconfiado e respondo no mesmo tom de brincadeira: "Estou pronto, ao contrário de você, que nunca estará!". Ao ouvir a minha resposta ele dá uma risada e diz que, mesmo sendo do asfalto, eu sou esperto.

Ao perceber o "abuso", como Gabriel classificou a brincadeira do garoto, ele lhe dá uma bronca, perguntando se o mesmo não tinha educação. Aproveitei o momento e dei uma

³⁹ Todos eles eram negros como o Gabriel e, eu o único branco. Não sei afirmar se a pergunta foi por causa da minha cor de pele, da roupa que estava portando, do aparelho celular em minhas mãos ou, até mesmo, pelo tratamento que Gabriel e seus familiares (que estavam à porta) estavam me conferindo.

zoada no garoto. Falei que, além de estar em formação, estava levando uma bronca na frente de todos e que podia passar sem essa. Os amigos do rapaz começaram a rir e disseram que ele havia “dado mole”. Neste momento, lembrei da conversa que Souza (2011) teve com um dos frequentadores da esquina na qual ele pesquisava. Este momento foi muito importante para que ele fosse definitivamente introduzido no campo, conseguindo finalmente fazer parte do círculo de intimidade e confiança do grupo, algo semelhante ao que aconteceu com Geertz, que só conseguiu se aproximar dos moradores de Bali depois de uma perseguição policial (1989).

Esta situação com os adolescentes e a "brincadeira" que me foi dirigida demonstram que outros agentes do Morro do Cavalão me reconhecem como um indivíduo que, de algum modo, interfere no *modus operandi* local. Também senti isso nos momentos em que adentrei o Zezinho's Bar para falar com o Sebastião, em que ia em direção à casa da Senhora Josefina e ao conversar com o Pedrinho na frente de seu bar. Em todas essas situações havia pessoas que me olhavam, que acompanhavam todos os passos até o meu destino. Sentia dentro de mim um calafrio que me fazia pensar que estava a todo o momento sendo vigiado. E como se algo fosse acontecer comigo caso eu desse algum “vacilo”. Às vezes, sentia-me com vontade de sair dali apressadamente – e nunca mais voltar.

Mas, voltando ao movimento malemolente dos rapazes identificamos, aí, um exemplo clássico de como a moda influencia a música e, conseqüentemente, o comportamento das pessoas no cotidiano. Este movimento é uma demonstração da influência da tecnologia, ou seja, dos não-humanos no comportamento dos indivíduos, que, mesmo não desejada, faz parte do cotidiano das pessoas e, de algum modo, impõe-se como uma tendência de comportamento social. A telefonia, portanto, induz de forma por vezes inconsciente o comportamento do

sujeito no espaço geográfico, o que se reflete não só nas posturas corporais, mas também na posse de aparelhos celulares com alta potência para ouvir música.

Essa observação, somada aos relatos de Vera, Jurema e Fininho, apontam a versatilidade de funções (ouvir música, tirar fotos, acessar a internet, etc) presentes em um aparelho considerado moderno e que influenciam na hora da aquisição da telefonia móvel. Ao indagar Vera sobre o motivo que a levou a adquirir esta tecnologia, ela disse que pediu à sua mãe para comprar um celular, porque todos os amigos tinham e que achava necessário "estar na moda". Já Jurema, ao se referir ao seu aparelho como "*cracudinho*", sinaliza que ele recebe esse nome exatamente por não "estar na moda": só serve para falar, nem foto ele tira. Para Fininho, o ato de "tirar onda", ao portar um celular na cintura e ficar se mostrando para outras pessoas (como fazem os mototaxistas), é algo que remete à intenção de dizer que "está na moda". Ele desenvolve esse argumento quando comenta que o seu celular é moderno. Para contra argumentar, ele diz:

"O pessoal do mototaxi também tem celulares fodões, mas eles andam com eles na cintura para cima para baixo só para tirar onda. Quando precisam ligar, vivem um pedindo o do outro para ligar, por causa dos bônus. E eles só têm esses porque os playboys vêm aqui para vender, para comprar drogas e com isso ficam se achando, acham que estão na moda." (Fininho)

Sandra Rubia da Silva (2009), ao estudar a relação de pessoas de camadas médias e populares no contexto urbano com a telefonia móvel, assevera que há uma conexão muito grande entre a construção da identidade individual dessas pessoas e a posse de celulares. E, nesse particular, a influência da moda se mostra algo muito importante. Ela considera que a construção do Eu dos indivíduos é influenciado pelo formato, pela rigidez, pelo tamanho e pelas cores dos objetos por eles portados. Estes, por sua vez, são definidos pela lógica da

moda e, em decorrência disso, influem de forma considerável no comportamento das pessoas em suas redes sociais.

No Morro, a troca de aparelho entre as pessoas que entrevistei, gira em torno de doze meses. Dentre eles, Gabriel informa que o troca numa média de seis meses.




Os depoimentos de Vera, Jurema, Gabriel, Cadinho e Fininho demonstram que esse ritmo de mudança do celular (como influência da moda) deve-se, também, ao ritmo acelerado que a evolução tecnológica apresenta na atualidade. A moda e a competição das empresas, tanto das prestadoras de serviço quanto dos fabricantes de celular, acabam por influenciar o indivíduo no que se refere ao seu interesse em mudar de aparelho. Em certos casos, isso faz com que alguns se disponham a comprá-los por meios não convencionais, como é o caso do "mercado negro", citado por Cadinho.

O "estar na moda" configura uma maneira de comportamento do indivíduo, um modo de se portar no ambiente social o que comprova a influência e a dinâmica do social sobre o sujeito. O "estar na moda", no caso, refere-se à aquisição de aparelhos celulares reconhecidos pelos moradores do Morro do Cavalão como de última geração. A posse de um (desse tipo) remete, segundo pensam, a uma posição de modernidade frente às pessoas que, com eles, estabelecem interações sociais.

Este prestígio que a moda suscita altera o comportamento e passa a ditar aos indivíduos maneiras de se comportar publicamente (é o caso do "caminhar dos rapazes", que andam gingando ao ouvir música pelo celular). Somos diariamente inundados por anúncios em revistas, jornais, outdoors e outras mídias de comunicação, que nos induzem a modificação do comportamento. Esses anúncios, muitas vezes, são compostos de belas ilustrações e imagens aliadas às características dos produtos que se pretende exaltar. Neles há

modelos muito bonitos, vestindo os mais belos vestidos, camisas, calças e vestuários em geral. Mas, principalmente, há sorrisos e expressões de felicidade dos personagens que, então, portam os produtos anunciados.

É notório que a propaganda constitui um importante produto cultural, que mobiliza universos de referência e, com isso, impõe modelos coletivos de representações e comportamento. Exemplo disso pode ser observado na propaganda “O Ligador” da Oi, veiculada em rede nacional, entre os meses de abril e maio de 2010. Segue abaixo o roteiro da propaganda:

Imagem	Áudio
 <p data-bbox="228 719 863 869">Homem do tempo das cavernas no centro de outros. É o caçador, com a lança nas mãos junto a pessoas o aplaudindo.</p>	<p data-bbox="887 376 1369 465">O homem sempre procurou ser popular, nas cavernas o popular era o Caçador;</p>
 <p data-bbox="228 1245 863 1395">Homem do tempo da Roma antiga no centro de outros, Gladiador com o escudo nas mãos junto a pessoas o aplaudindo.</p>	<p data-bbox="887 902 1214 936">Na Roma antiga, o Gladiador;</p>
 <p data-bbox="228 1771 863 1921">Homem do tempo das Grandes Navegações no centro de outros, Descobridor com vestimentas junto a pessoas o aplaudindo.</p>	<p data-bbox="887 1429 1326 1462">Nas grandes navegações, o Descobridor;</p>



Homem do “tempo atual” no centro de outros, O “Ligador”, com um celular nas mãos junto a pessoas o aplaudindo;

Mas, hoje em dia, o popular mesmo é o Ligador.





Imagem do “Ligador” andando pela rua com o celular na mão, sorrindo para as pessoas que passam e recebendo sorriso daqueles que com ele interagem.

Ele tem até R\$ 900,00 reais todo mês para falar com qualquer Oi ou fixo, precisa gastar a recarga para ganhar o bônus.



Imagem de 2 mulheres de boca aberta demonstrando surpresa e o “Ligador”, no centro de outras pessoas,

que é valido para cliente atual. Basta ligar para *800;

<p>passando a imagem da importância que ele possui por ser um cliente da Oi e, assim, um “Ligador”;</p>	
 <p>Imagem do “Ligador” ao fim do comercial sorrindo, agora sozinho.</p>	<p>Seja popular, coloque um Oi chip e vire um Ligador.</p>
	<p>Oi</p>

Mais do que a posse do aparelho, o anúncio televisivo demonstra, a importância de se poder executar ligações pelo celular. Possuir essa tecnologia de comunicação e ser cliente da operadora Oi permite isso, o que remete a um status de popularidade que esse possui em relação aos demais. Para isso, é utilizada a comparação das – supostas – características de popularidade do homem em diversas épocas da existência da humanidade, valendo-se para tal, de um discurso evolucionista⁴⁰ da humanidade. O comercial inicia dizendo que na época das

⁴⁰ O discurso sobre *evolução social* pode ser encontrado na obra de autores clássicos da antropologia como James Frazer (2005), Lewis Morgan (1973) e Edward Tylor (2005). Eles consideram a civilização como uma espécie humana idêntica, porém com desenvolvimento técnico, econômico, social, cultural em ritmos

cavernas, ser popular era ser um Caçador, na Roma antiga, era ser um Gladiador, e nas grandes navegações, um Descobridor. Hoje, de acordo com a propaganda, ser popular é ser um Ligador. Ou seja, para ser popular, basta colocar um Oi *chip* no seu aparelho de celular.

As imagens apresentadas propiciam, portanto, a construção imaginária dessa popularidade, desse status que é focado ao apresentar os personagens no centro das imagens sendo aplaudidos por outras pessoas. No meio do comercial, o personagem que encarna o “Ligador”, é apresentado como uma pessoa a ser “imitada” pelos outros, pois os populares (que o encontram na “rua”) o olham com reconhecimento de sua popularidade. A aquisição desta tecnologia, telefonia móvel, é considerada de extrema importância e relevância na mensagem: possuir um celular que permita falar à vontade, como o da Oi, é a prova cabal de aquisição de status social.

O discurso consumista – apresentado pela propaganda – fixa-se na imagem do “Ligador” como o nível “mais alto” na escala evolutiva do homem. As invenções e descobertas mais recentes simbolizam o avanço cultural da civilização e, na propaganda, é possível notar que a lança na mão do caçador, o escudo na do gladiador, a bandeira na do descobridor e o celular na do Ligador incorporam, respectivamente, essa visão.

O comercial da propaganda da Oi também é uma forma de demonstração da mercantilização da comunicação. O ato comunicativo é público, qualquer pessoa pode se

diferentes, passando pelas mesmas etapas para alcançar o nível final que é o da civilização ocidental européia. Frazer, Morgan e Tylor valem-se da comparação como método de pesquisa, assim como ocorre na propaganda. Eles retiravam dados da sociedade e de seus contextos sociais, classificavam da maneira que achavam pertinente e os escalonavam numa abordagem linear e diacrônica, da mesma maneira que está descrita no roteiro apresentado. Eles tinham por objetivo descobrir leis gerais que regessem toda a humanidade, o que os levou a conceber estágios evolutivos necessários pelos quais todas as sociedades passariam desde o estágio primitivo até o da civilização. Na propaganda isso é ilustrado pelos objetos que os populares de cada época possuem em suas mãos.

comunicar com outra, mas realizar tal comunicação por intermédio da telefonia móvel (e de forma extensiva) só se dará sendo “um cliente da operadora”. A propaganda mensura a comunicação em valores, mas a popularidade de ser um Ligador está diretamente relacionada à atividade de se comunicar por um valor bem baixo. Então, a propaganda diz, sublinaramente, que – para ser um agente comunicativo – é necessário ter a oportunidade de se comunicar a todo o instante. Explana também que só a operadora Oi possibilita essa situação. Baseia-se no agenciamento humano em contato com a tecnologia da telefonia móvel.

A moda vira, assim, um padrão a ser seguido e com o passar dos tempos e por influência dos meios de comunicação, passa moldar as pessoas, deixando-as inseridas em um mesmo estilo de vida: os mesmos atos, os mesmos celulares, as mesmas motos, os mesmos carros, as mesmas vontades e os mesmos caminhos a serem tomado na vida. Na realidade, é como se fôssemos personagens de um comercial de televisão. Sim, porque hoje este meio de comunicação possui tanta influência que passa a ditar as nossas ações diárias, dizendo o que devemos fazer e selecionando como nos informar.

Então "estar na moda" pode ser muitas das vezes agir e usar algo em um determinado período como os outros agem e usam – ou seja, é deixar-se ir pelo embalo do meio externo a você sem se importar a refletir sobre como está sendo guiado. Será que, por trás dos objetos utilizados, pela utilização dos mesmos produtos que são veiculados pelas "celebridades midiáticas" não está havendo uma fuga da realidade pessoal do indivíduo? O que sou poderá estar sendo escondido ou querendo ser mostrado? Enfim, a moda é uma a grande indústria do entretenimento e do consumo como afirma Simmel (2002): ela possui o poder de persuadir as pessoas. Motiva desejos e ações, é condescendida porque meramente “ela está inserida” positivamente na realidade diária. Na verdade, para os meus interlocutores, "estar na moda" é estar “bem com a própria pessoa”.

2.3 E quem não tem celular, o que é?

"as pessoas que não têm é porque ainda não perceberam a maravilha que ele. Algo tão bom assim só pode ter sido criado por Deus mesmo. Eu acho que elas ainda não usaram e se usarem não largarão mais. Já em relação se eu viveria sem o celular, acho que só se eu morasse na roça e não precisasse mais costurar".

Senhora Eulália

Morador do Morro do Cavalão e costureira

Durante o meu trabalho de campo, estive em contato com vinte e uma pessoas. Dentre elas, não encontrei ninguém que houvesse relatado não possuir um aparelho de telefonia móvel ou que nunca tivesse tido um. Todas elas tinham pelo menos um aparelho e, dentre elas, muitas já haviam possuído até mais de dois. Fiquei intrigado em entender o lugar ou a importância dessa tecnologia para uma pessoa que não tem o celular. A partir dessa questão, retornei à Vanda, vizinha da Senhora Eulália, para que ela falasse mais sobre o motivo de não querer utilizar a telefonia móvel, tendo sido esse foi o único de alguém que não possuía celular. A questão me despertou curiosidade, também, por conta da maneira como os meus interlocutores em geral se referiam às pessoas que não tinham celular: "malucos", "desligados" do mundo ou, até mesmo pessoas muito "tristes".

Gabriel, por exemplo, ao ser questionado sobre o que achava das pessoas que não possuem celular, me respondeu que achava impossível, hoje, alguém não o ter. Se existisse, segundo ele seria como se fosse um "desligado" do mundo. Para ele, estar sem celular na rua é estar sem um documento de identificação, sem roupa. Já Dolores, responde que não consegue acreditar que ainda exista alguém que não tenha o produto e que não consegue se lembrar de ninguém que não o possua. O Fininho respondeu que não acredita que alguém possa deixar de

ter o aparelho, até porque *"é tão fácil conseguir um hoje em dia que até na Uruguaiana⁴¹ tem, só não tem celular quem não quer"*. Safadão afirma que, para ele, se existir alguém assim no Morro do Cavalão é porque quer e que ele acha muito estranho porque, na sua opinião, o celular é um passatempo ótimo.

Jurema e Vera, esta filha mais velha da Vanda, ao serem indagadas sobre a questão respondem de forma enfática. Jurema diz que, para uma pessoa não ter celular, é porque ela deve ser "triste" com a vida ou uma "coitada" que não tem ninguém para conversar. Já Vera acredita que deve ser porque as pessoas são muito pobres, não têm condições financeiras para comprar um. Pergunto para Jurema o que, naquele contexto, significa "ser triste" e ela exemplifica dizendo que se a pessoa sair e não tiver a quem comunicar se algo acontecer com ela, isso remeterá a um sentimento de tristeza. Ela comenta o seguinte: *"Quando fiquei sem celular durante dois dias porque tinha esquecido ele na casa do meu ex, eu fiquei muito triste e "louca". Achei que o mundo havia acabado para mim. Não tinha como entrar na internet e nem ligar para as minhas amigas e para falar com elas só pelo Facebook"*.

Vera informa que tristeza desse tipo para ela é "bobeira". Tristeza mesmo é ver que, muitas vezes, o seu sobrinho de nove meses só fica quieto ou pára de chorar se colocarem ele na frente do computador ou se derem um celular para ele ficar apertando. Ela acredita que o motivo real de alguém não possuir um aparelho móvel é a situação econômica da pessoa, ou seja, para ela, somente as pessoas muito pobres não tem celular.

Quando eu estava acabando de conversar com a Senhora Eulália, o alarme do seu celular tocou sinalizando que faltava meia hora para que uma cliente fosse pegar o vestido

⁴¹ Ver nota de rodapé de número 21.

encomendado. Percebo, então, que não poderia receber dela muito mais atenção e começo a me despedir. Solicito fazer-lhe mais duas perguntas rápidas, no que sou atendido. Pergunto o que ela acha das pessoas que não possuem celular e se ela conseguiria viver sem o aparelho.

A Senhora pára, coloca os óculos nos olhos e responde:

"as pessoas que não têm é porque ainda não perceberam a maravilha que ele é. Algo tão bom assim só pode ter sido criado por Deus mesmo. Acho que elas ainda não usaram e se usarem não largarão mais. Já em relação se eu viveria sem o celular, acho que só se eu morasse na roça e não precisasse mais costurar".

Vera ao ser questionada sobre o que aconteceu nos dois anos em que ficou sem utilizar o telefone celular responde que sempre lhe pediam o seu número. Quando ela respondia que não tinha, as pessoas comentavam como era possível ela não ter um e brincavam dizendo que ela era de outro planeta. Pergunto como era a sua vida antes, durante e depois da aquisição da telefonia móvel. Ela informa que achava que era normal e que não via nenhuma diferença entre as fases. Só depois que começou a trabalhar (quando tinha 22 anos) e comprou outro aparelho, percebeu a importância de ter à mão esta tecnologia.

Sobre a sua opinião a respeito das pessoas que não possuem a tecnologia, diz que são pessoas *desatualizadas* com o mundo, pois não imagina como pode uma pessoa não ter uma tecnologia que é tão boa, útil e de fácil acesso, principalmente devido à onda de violência que a cidade de Niterói está vivendo. Fala ainda que essa pessoa deve ser *desconectada* da vida e não ter uma identidade. Nas suas palavras:

"Ter um celular em mãos é algo que te protege, pois uma vez vi na TV que uma mulher sofreu um sequestro relâmpago e os bandidos tinha colocado ela no porta-mala do carro. Ela ligou para o amigo e como esse não tava entendendo nada ela mandou uma mensagem para ele dizendo que tava no seu carro junto com o número da placa. Ele recebeu a mensagem e ligou para a polícia. Ela foi salva graças ao

celular. Isto pra mim demonstra a importância do celular na vida das pessoas". (Vera)

Cadinho responde que, para ele, as pessoas que não têm celular, não o possui porque não querem ser incomodadas. Ele não acredita que possa existir involuntariamente alguém que ainda não possua o aparelho e diz que não conhece ninguém que não o tenha. Ele próprio diz que, no final de semana, só porta uma linha, já que não está trabalhando e não quer ser incomodado pelas pessoas solicitando o serviço de mototaxi.

De modo geral, portanto, categorias como “louco, triste, desligado, maluco, desatualizado e desconectado” são expressas para representar as pessoas que não possuem celular. Procurando confrontar essa visão, voltei à casa de Vanda para saber da sua posição sobre pessoas que não possuíam celular. Chegando lá, conversamos no mesmo lugar de antes e, mais uma vez, ela informa que possui um aparelho, mas que não o usa, preferindo deixá-lo com a sua filha mais nova. Ao relatar isso, diz que gostaria que ele estivesse sempre longe dela para evitar “aporrinhações”. As suas palavras passam a ideia de que ela tirou algum peso em cima das costas, quando deixou o aparelho com a filha, que realizou alguma tarefa que estava há muito tempo para ser realizada. Peço para ela dizer o que a leva realmente a não utilizar o celular. Ela afirma não saber ao certo o porquê disso. Acha muito estranho ter essa aversão já que as suas filhas possuem tais aparelhos e seus vizinhos também. Pergunto, então, se ela utiliza o computador ou outros aparelhos eletrônicos, tais como o DVD, a máquina fotográfica digital, a máquina de lavar roupas e o micro system. Ela diz que só usa a de lavar e que quando quer ver algum filme no aparelho de DVD, pede para uma das filhas ligá-lo. Se quiser ouvir rádio, liga o da cozinha que é mais fácil.

Devido às repostas, vejo que ela é uma pessoa que não usa frequentemente os aparelhos eletrônicos de sua casa (nem mesmo o telefone móvel), o que me deixou ainda mais

curioso. Intrigado com sua aparente aversão à tecnologia digo que acho muito interessante ela não gostar dos produtos eletrônicos. Ela, então, pára, me olha, dirige o seu olhar para o alto e torna a me fitar. Diz que, na verdade, não possui paciência alguma com tais aparelhos e que acha “um saco mexer” neles. *“É muito difícil ver um filme no DVD. Tem que ligar ele, abrir e depois colocar o cd. E quando entra no tal Menu? Aí é um sacrifício mexer nos botões do controle remoto. Eles são muito pequenos”*. Quanto ao celular, ela diz que se sente presa quando está com ele, pois, além de tudo, parece que as filhas a estão controlando.

Quando quer ligar para alguém, o faz para a residência da pessoa e do telefone de casa, nunca pelo celular. Segundo ela, ligar para telefone móvel (ou através dele) custa muito caro e faz a conta do fixo vir muito alta também. Por esse motivo, mandou bloquear há muito tempo as ligações para celulares pelo fixo de sua residência. Além dessa função, ela informa que também bloqueou a modalidade de receber (e realizar ligações) a cobrar pelo telefone fixo, já que ela é a única que paga as despesas da casa e a fatura, segundo o seu entendimento estava vindo muito alta.

Aproveito para perguntar se ela usa o microcomputador de sua casa. Respondeu-me, dizendo que também não tem paciência e questiona como as filhas podem ficar sentadas horas e horas na frente do computador. Mas, ao mesmo tempo, reconhece a importância de ter os dois produtos, tanto o computador quanto o celular. Certa vez, quando foi ao cardiologista, ainda portando o seu aparelho celular, ouviu dele um comentário que a deixou indignada:

“Estava falando com ele sobre celular, aí ele perguntou qual era o meu. Quando comentei com ele que o meu celular não tira foto e que só serve para falar, ele respondeu: Como pode, isso é a coisa mais atrasada do mundo, hoje qualquer celular de 99 reais tira foto. Isso é pobreza demais”. (Vanda)

Questiono o que mudou na sua vida a partir do uso do celular e ela comenta que nada mudou, ou melhor, que não percebe se houve ou não, alguma mudança. Vanda diz que está sem o celular há um bom tempo e isso sinaliza a desnecessidade da telefonia móvel em sua vida. Quando precisa falar com alguma de suas irmãs e não a encontra em casa, espera que ela retorne a ligação ou liga mais tarde para falar com ela. Afirma que o celular não é importante, que é desnecessário e que, sem ele, fica mais tranquila: *"Ele deixa a nossa vida mais acelerada, mais agitada. Quando estou com ele parece que sempre tem alguém me ligando. Quando estou sem ele, fico mais tranquila as coisas acontecem no meu tempo"*. Mas isso tem haver com o seu estilo de vida, pois

"Se eu trabalhasse fora, teria que ter um, né. Porque teria que saber das minhas filhas. Agora, do meu neto. Mas, não trabalho. Acho que as pessoas que não trabalham, como eu, ter um é por pura vaidade. Sei que é importante, mas acho que também é vaidade ter". (Vanda)

A fala de Vanda demonstra claramente a importância do uso do celular para esta entrevistada. A telefonia móvel, na sua concepção de utilidade, está relacionado diretamente ao mundo externo, ao mundo do trabalho e, como ela não vivencia regularmente nenhum desses mundos, não a percebe como necessária para a sua pessoa. O fato de estar aposentada transforma a sua casa em seu lugar quase que permanente. Os locais externos a ela, são tidos como localidades de quem trabalha e, portanto, realmente necessita de comunicação a todo o instante. Vanda não vê como útil o celular em sua vida, dadas as circunstâncias em que vive, mas compreende a importância dessa tecnologia para as pessoas que desenvolvem atividades laboriosas.

Percebe-se que ela reconhece a importância de se ter um celular, mas que, devido a não trabalhar fora, ela não vê necessidade de tê-lo. O rótulo de “pobre”, dado a ela por seu médico, por outro lado, parece ter sido um comentário muito mais no sentido figurado do que

literal. Ela não usa o telefone celular porque não quer se "aporrinhar", mas, segundo a própria Vanda, tem consciência de que ele é importante. Só não o usa por não gostar.

A pouca simpatia pelo celular, evidentemente, também tem a ver a ele, com as sua inabilidade de se lidar com aparelhos eletrônicos, o que a leva a evitar a utilização de qualquer tipo de tecnologia que ela não se sinta à vontade para manusear. Mas, mesmo não tendo paciência, demonstra estar atualizada com o cotidiano que a cerca ao afirmar que acha importante ter o computador e o celular em sua casa. Vanda não demonstra ser uma pessoa desprovida de recursos materiais para adquirir qualquer dos produtos mencionados, mas que realmente não se importa com estes tipos de utensílios. Vejo o seu desinteresse muito mais por uma questão pessoal do que financeira. Do mesmo modo, não consigo classificá-la em nenhuma das categorias citadas por Gabriel, Dolores, Valdir, Fininho, Safadão, Senhora Eulália, Jurema, Vera, Vera ou Cadinho.

No próximo capítulo, trataremos como a telefonia móvel promove a sociabilidade entre os entrevistados no Morro do Cavalão e como se dá o controle social a partir do uso do celular.

Capítulo 3

Entendendo a sociabilidade através do celular

3.1 A sociabilidade através da música

"O bar é a minha segunda casa, é lá onde a minha mãe e o meu irmão trabalham. Eu vou lá porque além de ser da minha família é onde eu posso encontrar os amigos pra trocar ideia"

Miguel

Funcionário público, filho de dona Josefina e irmão do Sebastião

Um forasteiro que passa na frente do *Zezinho's bar* durante a semana, mais precisamente na parte da manhã – horário em que está fechado -, não imagina a quantidade de relações pessoais que este bar é capaz de comportar. Este estabelecimento funciona durante a semana, das 17h às 22h e nos finais de semana, da parte da manhã até às altas horas da madrugada. Por lá passam muitos amigos e conhecidos que se encontram depois do trabalho (ou da escola) para bater um papo, tomar uma cerveja e, até mesmo, para “paquerar”, saber sobre as novidades e fofocas da comunidade. Os dias mais frequentados são os dias de jogos de futebol, pois é quando os moradores se reúnem para assistir juntos, na televisão.” O *Zezinho's bar* é também o *point* dos moradores, pois ele está localizado ao lado do Campinho (campo de futebol), é conhecido como o Centro físico – o coração do Morro.

Nas minhas constantes idas e vindas ao bar, observei o comportamento das pessoas que costumavam ficar sentadas nas mesas da varanda do *Zezinho's*, outras na calçada com os seus copos e garrafas de cerveja nas mãos, outras, ainda, encostadas no balcão (onde Sebastião serve as bebidas) e até nas mesas de sinucas. Foi neste lugar que eu conversei com

Cadinho, Dolores, Valdir, Fininho e Safadão. Lá, pude observar melhor o comportamento dos frequentadores do local.

Para descrever as minhas observações sobre a sociabilidade local, tomarei como ponto de partida a conversa com Cadinho, cuja ocupação é mototaxista. Conforme mencionado, em alguns momentos de nossa conversa ele foi convidado por alguns rapazes que estavam jogando sinuca a participar de uma partida. Tendo ele aceitado, fiquei sozinho na mesa e, então, pude analisar o comportamento e a interação entre os jogadores. Percebi a maneira como o meu interlocutor e os outros jogares se comportavam uns em relação aos outros, assim como com seus respectivos aparelhos de telefone celular.

Ao ir em direção à mesa de sinuca, Cadinho retirou o seu celular da cintura e ficou manuseando o aparelho. Colocou uma música para tocar em viva-voz e deixou o aparelho em cima da mesa de jogos. Ele se dirigiu a Sebastião, filho da Dona Josefina, proprietária do estabelecimento e disse: *"já que o Tiãozinho tá de judiaria e não coloca um pagode pra gente ouvir, eu coloco aqui no celular"*. O áudio do seu aparelho é bem alto o que evita que eu possa, em alguns momentos, ouvir o que ele e os outros jogadores dizem a respeito do jogo. O som toma conta de todo o local, o que levou primo do Sebastião, Luiz⁴² - conhecido como Luizinho – a fazer um comentário sobre a potência do volume do aparelho de celular.

Luizinho perguntou a Cadinho se ele tinha interesse em vender o aparelho e, então, lhe ofereceu *três galinhos*⁴³. Apenas para lembrar trata-se do o celular *"rosa fluorescente"* e que

⁴² Como informado anteriormente Luiz é primo de Sebastião e de Miguel, pois é filho do Senhor Benedito, irmão da Dona Josefina. Este tem apelido de LUIZINHO.

⁴³ É o equivalente a cento e cinquenta reais.

custou cem reais para o meu interlocutor. Como a resposta foi negativa, Luiz brincou dizendo que como o aparelho era daquela cor, ele não tinha mais interesse. Já em relação aos outros rapazes, percebo que gostavam da música, pois um deles até cantava o refrão. A música era uma daquelas que conta sobre o sofrimento de um homem ao saber que a mulher o deixou por causa de outro. Perguntei ao Fábio o nome da música e quem cantava. Ele respondeu-me que se chama *Ligando os Fatos* do grupo de pagode *Pique Novo*. Fiquei intrigado com a letra. Segue o refrão:

*Eu sei que deve estar com ele agora,
só de imaginar meu peito chora.
Eu não vou te ligar nem procurar saber,
fique a vontade pra me esquecer.
Eu vou te confessar, perdi meu chão agora,
difícil acreditar que você foi embora.
Eu fui ligando os fatos até perceber,
vou tentar continuar a vida sem você.*

refrão da música Ligando os Fatos do grupo Pique Novo

Um dos rapazes brincou com Cadinho dizendo que quem tinha um celular daqueles não precisava nem de rádio. Ele deu uma risada⁴⁴ e continuou a jogar. Como meu interlocutor estava concentrado no jogo, levantei e resolvi ir à frente do bar, onde estava Miguel, e comecei a conversar com ele para, inclusive, observar o ambiente de forma mais confortável, sem intimidar as pessoas. Combino para conversarmos no outro dia pela tarde, mas antes

⁴⁴ Esta risada pareceu-me na intenção de transmitir uma imagem de que ele é uma pessoa poderosa ou no jargão popular – “Eu sou foda”.

pergunto sobre a sua vida, como anda, se está trabalhando muito, só para poder permanecer ali ao seu lado.

Nesse instante, percebo que há outras pessoas utilizando o local como "ponto de descontração". A utilização do bar era, a meu ver, no sentido de vivenciar um lazer, de relaxar e, assim, poder esquecer um pouco as responsabilidades dos dias de semana. Este é o momento em que as pessoas não fazem nada além de se socializar entre os seus amigos, sem a obrigação de cumprir com alguma responsabilidade.

Muitas das pessoas estavam sentadas na varanda do bar, com os seus telefones sobre as mesas e com música ligada. Em decorrência, houve grande mistura de ritmos e aparelhos. Do outro lado da rua, também havia pessoas ouvindo música em seus telefones. Todas elas convivem harmoniosamente, sem que sejam criticadas – parece ser algo completamente normal entre eles, uma forma de relaxamento e bem estar, de entretenimento, com as pessoas bebendo e interagindo verbalmente. Conversando com o Miguel, notei que o Bar estava repleto, sem cadeiras vazias. Ele respondeu-me que, aos sábados, é sempre assim, desde a parte da manhã até às altas horas da madrugada. Diz que todos gostam, menos a sua cunhada que é a esposa do Sebastião, pois ela ajuda o marido durante todo o horário de funcionamento do Zezinho's Bar. Ele ressalta, em sua fala, que o estabelecimento comercial é como se fosse a sua segunda casa: sente-se muito bem em estar ali no fim de semana, principalmente após um dia de trabalho.

À direita do Bar, havia pessoas fazendo um churrasco, algo que, de acordo com Miguel, é típico do local principalmente nos fins de semana. Neste instante, lembrei-me do trabalho de Souza (2011) sobre os processos de sociabilidade que um churrasco proporciona entre homens do subúrbio do Rio de Janeiro. Entendo, também, que assim como o churrasco,

a presença da cerveja, das pessoas, dos telefones (tanto fixados nas cinturas quanto sobre as mesas) e das motos são características do local.

Sobre as motos vi que a maior parte delas são da mesma montadora, a Honda (modelos CG 150, CB 300 e CB 600 Honet). Não sou um conhecedor de motos, mas, pelos dizeres em suas latarias, foi possível a anotar os modelos.

Em relação aos aparelhos celulares nas cinturas das pessoas, deduzi que devem ser Nextel, pois são modelos iguais ao do Cadinho. Alguns homens⁴⁵, ao utilizarem os seus aparelhos, retiram-nos de seus bolsos. Um deles o retira de uma pochete⁴⁶ em sua cintura.

Nesse meio tempo, houve um fato que mereceu minha especial atenção: um grupo de seis homens (todos sem camisa, com bermuda, alguns com chinelo e outros com tênis) encontravam-se sentados em frente ao bar, numa de suas mesas, cada qual e uma cadeira, sob um guarda sol que os protegia da incidência solar. Um deles se levantou para atender ao telefone e saiu de perto do grupo. Dirigiu-se à parte superior da rua enquanto os outros continuaram conversando e bebendo. Segui a conversa com o Miguel, sem, porém, deixar de prestar atenção nos rapazes. O homem que saiu, logo depois retornou e deu um aparelho para um deles dizendo: *"toma aí o que você pediu"*. O que estava sentado agradeceu, deu um sorriso e todos voltaram a beber e a conversar. De repente, percebi que o homem que efetuou a entrega do aparelho emitiu uma reclamação, falando a seguinte frase: *"Eu ainda te dou um aparelho e você ainda pergunta sobre a parada de prender na cintura? Tá de sacanagem,*

⁴⁵ Um desses é branco, magro e aparentando ter uns 25 anos. O outro é pardo, também magro e tem cerca de 18 anos.

⁴⁶ Uma pochete é uma pequena bolsa com zíper que se leva à cintura amarrada por uma cinta. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pochete>

né?". Vi aquilo e fiquei quieto junto ao Miguel. Voltei a minha atenção para a nossa conversa e perguntei a ele se não iria jogar uma partida de sinuca. Ele responde que não. Então me despedi e voltei para dentro do bar.

Lá chegando, Cadinho falou que foi "só eu sair dali que ele venceu três partidas" e ainda me chamou de "pé frio", ao que fui defendido por um dos rapazes que lá estava e que, aliás, eu nem conhecia. Um deles disse: "*coé Cadinho, para de sacanear o rapaz aí. Todos sabem que do Baixinho e do Paraíba todos ganham. Se você não ganhasse seria ruim para você heim.*" O Fábio deu uma risada e sentou ao meu lado novamente. Perguntei a ele quais funções ele costumava utilizar no seu aparelho celular e ele respondeu que, mesmo sabendo tirar fotos, enviar torpedo e mexer na calculadora, apenas fala e ouve música. O que gosta, mesmo, é de ouvir música enquanto *pilota* a moto. Diz não usar muito as outras funções do aparelho por preguiça e que até por ser assim, preguiçoso, já recebeu uma bronca de sua namorada, pois ela vive enviando mensagens de amor para ele sem retorno. Neste instante, diz rindo que as mulheres são "foda", que adoram babaquice. Questionei se ele falava muito aos telefones celulares e ele diz que sim, que vive falando e que quando está nos bairros do centro ou em Icaraí (ambos em Niterói), tem que tomar cuidado para não receber multas, pois já teve uma e, para renovar a carteira de motociclista, foi obrigado a pagá-la antes.

As observações acima demonstram que, em determinados contextos, o celular mediatiza relações sociais, ou seja, além de ser um objeto de utilidade individual é também um objeto de socialização, de aproximação entre as pessoas. A potência do aparelho do Cadinho, por exemplo, é percebida entre os rapazes com os quais ele interage, suscitando novas interações.

A teoria Ator-Rede (Latour, 2001) pode contribuir para entendermos a sociabilidade desenvolvida tanto dentro quanto do lado de fora do *Zezinho's Bar*. Ao analisar a interação entre as pessoas e observar como se dá a utilização da telefonia móvel, é possível, atestar que a mediação deste objeto vai muito além da comunicação verbal possibilitada por ele. A telefonia móvel permite que as pessoas comuniquem também suas identidades, formem seus grupos e, assim, sejam neles reconhecidos.

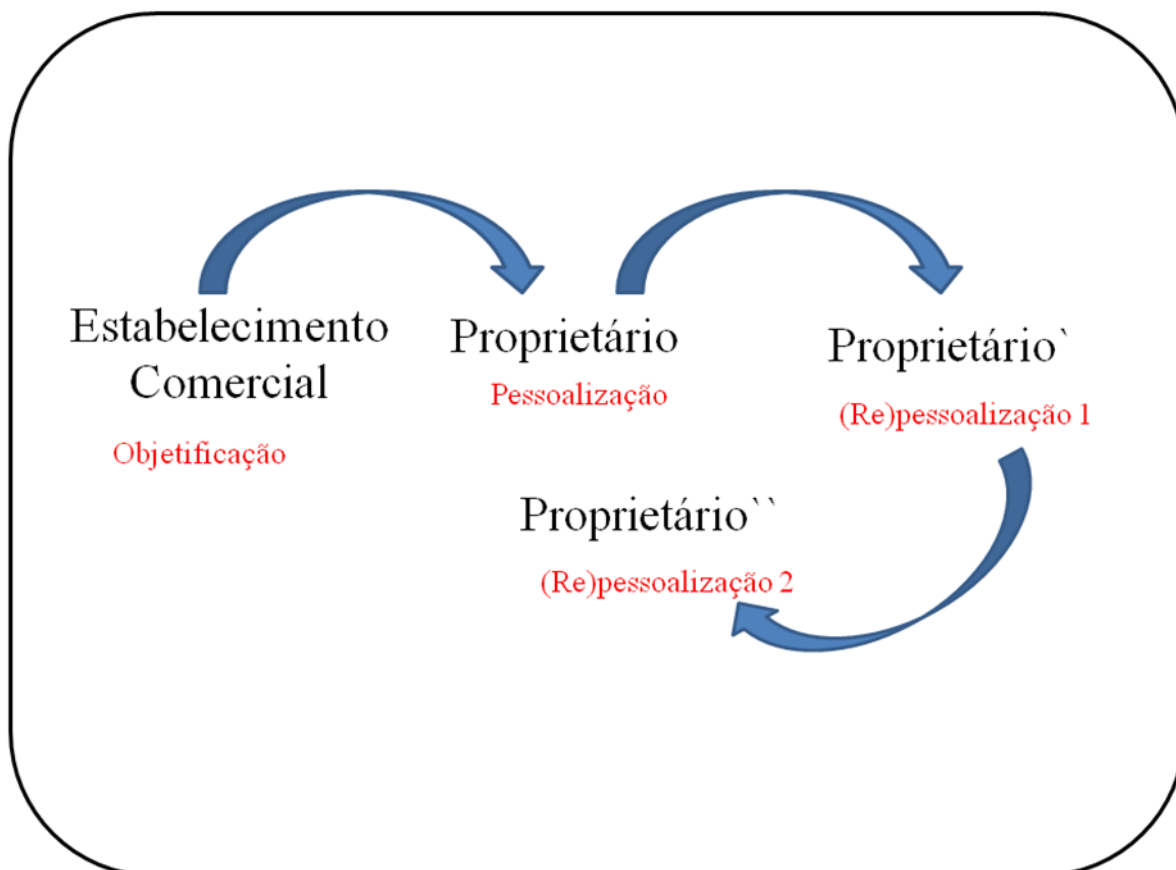
O reconhecimento (pessoal e social) oriundo da posse e do uso do celular reflete-se na identidade simbólica construída nos espaços de sociabilidade, ensejando a construção de novos espaços e de novas formas de interação. Foi isso o que ocorreu, por exemplo, com a música colocada por Cadinho no momento em que foi jogada a partida de sinuca. Houve, então, o reconhecimento da potência sonora do seu aparelho pelas pessoas que ali estavam e também o seu próprio reconhecimento quanto ao “bom negócio” que fez com a compra do aparelho. A formação dos grupos sociais, tanto dentro quanto fora do bar e a inserção das pessoas nos grupos formados, são também mediatizadas pelo uso (ou porte) do celular.

No momento em que as pessoas manifestam o interesse de ir ao bar, não importando o motivo, mas portando o telefone, elas apresentam o desejo de estar em contato com o mundo exterior e, assim, ter a oportunidade de interagir junto às outras pessoas. O “estar nos ambientes de sociabilidade” representa, pois, um importante elemento na construção das relações sociais nas quais misturam-se interesses, sentimentos e as mais diversas intenções acerca da manutenção e reafirmação dos vínculos afetivos, sociais e coletivos.

Como vimos no caso de Cadinho o celular, em alguns momentos é um telefone, em outros um rádio e, num posterior, uma ferramenta de troca. O sentido dado ao produto varia, assim, de acordo com o interesse de cada portador e do contexto em questão.

No momento em que o celular é vendido, passa a ser potencialmente alvo de pessoalização pelo futuro usuário. É possível dizer que há, portanto, dois estados diferentes de existência do aparelho: a *objetificação* e a *pessoalização*. Enquanto está na loja, ele é apenas um objeto a ser comercializado pelo vendedor, assim como “uma banana num supermercado”. É possível dizer que, no instante em que está na loja, o celular vive um período de *objetificação*. Quando é vendido, e passa a ser manipulado pelo novo proprietário, herda as características desse novo possuidor que introduz músicas, tira fotos, insere contatos e realiza diversas outras funções. Com isso, passa a imprimir uma *pessoalização* ao telefone. O celular deixa, então, de estar no estágio de *objetificação* e passa a viver o da *pessoalização*.

Quando se dá novamente a troca, a venda ou a doação, o aparelho novamente situa-se na *liminaridade* de dois estágios, mas, nesse caso, a passagem é da *pessoalização* para a *(re)pessoalização*. O primeiro universo é o do antigo dono e o segundo, do próximo possuidor. As fotos, as músicas, as configurações dos toques, os contatos gravados na agenda telefônica devem ser novamente personalizados, agora de acordo com a vontade do novo portador. O celular, ao ser utilizado por esse novo dono, ao ser *(re)pessoalizado*, passa a ter as características desse novo possuidor. Sempre que passar de uma pessoa para outra, o celular recebe características próprias do novo possuidor. Mas não retorna à *objetificação*, pois essa só existe enquanto o aparelho nunca tiver sofrido qualquer personificação. Para ilustrar melhor o que cito a cima, apresento o seguinte esquema:



3.2 Entendendo a sociabilidade no Morro do Cavalão

Como vimos, o Zezinho's Bar é um dos locais de maior interação social e aglutinação de pessoas - Simmel (1983) - no Morro do Cavalão. Para este sociólogo a interação social se baliza na afinidade, sendo ela uma das finalidades do ser humano. Ele afirma que são os interesses do indivíduo que produzem os impulsos interativos e que a sociabilidade daí resultante constitui o alicerce da sociedade humana. No instante em que se constitui essa base, desenvolve-se a sociabilidade, que *"a forma pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. Esses interesses formam a base das sociedades humanas"* (idem, 1983:166).

Pode-se dizer, atualmente, boa parte das interações sociais se dá pelo intermédio da tecnologia. No caso estudado, as diversas situações de contato ensejados pelo celular,

demonstram que este aparelho exerce um certo fascínio entre os sujeitos pesquisados, sendo a sua posse, uso ou transação mobilizada por eles como um importante vetor na produção da sociabilidade. O equipamento em questão atua, assim, como um dos nós da rede interacional que ele próprio ajuda a construir.

Para entender melhor os processos de sociabilidade ensejados pelo uso da tecnologia, recorro a Nascimento (2004) que, em sua Dissertação de Mestrado, afirma que *"um dos aspectos que marca as atuais formas de sociabilidade é a técnica que tem sido privilegiada quando se trata de entender a dinâmica das sociedades atuais"* (idem, 2004: 14). Ao estudar as mediações técnicas, busca entender que as experiências mediadas pelos instrumentos técnicos e pelas novas formas de sociabilidade (quando estudadas em conjunto) permitem compreender que transformações marcam as sociedades ditas pós-modernas. Mas como perceber essa alteração? Às vezes, parece simples demais e muito claro, mas não paramos para ver que o óbvio, às vezes, não é tão transparente assim.

3.3 - Sociedade em Rede, mas o que é Rede no Morro do Cavalo?

As relações humanas obtiveram, recentemente, uma escala global nunca antes imaginada. O advento das Tecnologias de Comunicação e Informação permitiu esse grande desenvolvimento, que, na escala global, é fruto de um mundo pós-moderno em que há uma promoção impressionante das ferramentas tecnológicas capazes de transformar a comunicação num fluido que envolve as pessoas.

A concepção de rede nas sociedades pós-modernas (Bauman, 2007) é apresentada como um importante marco na compreensão das atividades sociais contemporâneas que vivem nessa fluidez cotidiana. A sociedade em rede é aquela na qual há o rompimento de

barreiras espaços-temporais decorrentes da adoção de novas tecnologias (como a tecnologia móvel) que se mostram capazes de influenciar e promover uma maior flexibilidade comunicacional. Mas isso, por si, só caracterizaria uma sociedade em rede? O que seria essa rede? O que desde já é possível asseverar é que tal conceito tem-se instituído como fundamental para a compreensão das questões sociais atuais, tendo espaço cada vez maior nos assuntos acadêmicos (e em diversas áreas do saber).

Sociedade em Rede, por sinal, foi um termo cunhado por Castells (2000) para definir o resultado da interação entre a primeira e a segunda revoluções na tecnologia da informação, ocasionadas no decorrer das décadas de 70, 80 e início da 90 do século passado, nos EUA. Ele assinala que a de 70 resultou na indução tecnológica proporcionada pelo meio militar (p.69); na de 80, pelo movimento empresarial que conduziu a uma desregulamentação e à liberalização econômica que levou ao fenômeno que conhecemos como Privatização dos serviços públicos (dentre eles o das comunicações) e, nos anos 90, a consolidação dessas mudanças. Elas foram proporcionadas sob a influência de vários fatores institucionais, econômicos e culturais. Para este autor *o surgimento da sociedade em rede não pode ser entendido sem essas duas tendências relativamente autônomas: o desenvolvimento de novas tecnologias de informação e a tentativa da antiga sociedade de reaparelhar-se com o uso do poder da tecnologia para servir a tecnologia do poder*” CASTELLS (2000: 69).

Castells afirma que a Rede é um conjunto de *nós* interconectados. O *nó* é o ponto no qual uma curva se entrecorta: “*Concretamente, o que um nó é depende de um tipo de redes concretas de que falamos*” (op. cit., 2000: 498). Para ele a rede pode ser constituída desde um sistema de televisão (em que há profissionais e máquinas envolvidas) até a relação de interação social entre um pequeno grupo de pessoas. Essas redes – de uma forma bem simples – são estruturas que permitem a expansão da sua capacidade de interação: a integração de

novos nós dentro de uma mesma rede possibilita a interação social, mas, para tal, é necessário que haja o compartilhamento dos mesmos códigos comunicacionais.

Através da visão de Castells, é possível afirmar que as redes produzem ambientes sociais nos quais as pessoas aprendem a moldar-se. No Morro do Cavalão, por exemplo, é possível dizer que a telefonia móvel – por intermédio do aparelho de celular, dos mototaxistas, dos usuários de drogas que vendem os seus celulares, dos traficantes, das pessoas que não concordam com a compra desses aparelhos de forma como é feita – são alguns dos nós que Castells cita. O contato entre eles são as curvas que ligam esses nós. A telefonia móvel passa a ser uma dessas curvas ao ser utilizada como moeda de troca usual e transacional. Proporciona uma relação de interação social entre os mototaxistas com os *playboys* (que buscam os entorpecentes) e com os traficantes (que ficam incomodados com a intermediação dos primeiros). Trata-se de uma rede que não foi imaginada pelo seu fabricante, uma rede que se moldou nessa fluida ação que Bauman aponta. Como essa, há tantas outras redes que ainda não foram percebidas.

Para ilustrar, aproveito uma parte de minha conversa com Safadão, que me informou os benefícios que a tecnologia sob estudo trouxe para ele até mesmo financeiramente. Ele relatou que, por meio do celular, consegue contratos profissionais – ele trabalha com construção civil – e em vários momentos recebe convites de trabalho, aumentando assim a sua rede de contatos. “*Um bom trabalho atrai outros*”, diz ele.

Outro exemplo da referida multiplicidade de redes de que pode participar um indivíduo pode ser ilustrado por Pedrinho, que possui dois aparelhos de telefonia móvel e uma linha de telefone fixa em sua casa, criando uma separação entre suas diferentes esferas de sociabilidade. Informa que um dos celulares é exclusivo para o trabalho, para falar com os

fornecedores do bar e, o outro, para falar com a família e com os amigos mais próximos. Esta divisão demonstra que ele utiliza a tecnologia para criar duas redes distintas: uma para assuntos profissionais ligados ao seu bar e outra, relacionada à sua família. Com esse posicionamento, é possível dizer que ele define as suas redes separando-as de forma que uma não interfira na outra. Essa interferência, para ele, poderia se dar, por exemplo, se um dos fornecedores entrasse em contato quando ele não estivesse no bar. Mas quando necessita dar algum número de contato como referência, para banco, para lojas de crediário e outras similares, ele fornece o número do telefone de casa, pois é nela que ele resolve esses assuntos. Com isso, cria uma terceira rede de sociabilidade. Se alguém mais quiser falar com ele (e isso inclui os vizinhos), diz que não fornece os números dos celulares para que seja procurado no bar, pois sempre está por lá e, se não estiver, as pessoas podem falar com a esposa dele que o substitui. Segue abaixo a tabela que compila a formação da rede de sociabilidade mediada pela telefonia móvel e fixa, no que concerne ao mundo vivenciado por Pedrinho.

**DIAGRAMA DO TIPO DE CONECTIVIDADE E EXTENSÃO DA REDE DE
SOCIABILIDADE E DE CONSUMO DO PEDRINHO**

Tipos de Conectividade	Função da Linha	Mediação da Rede de Sociabilidade	Extensão móvel de consumo
Telefone Móvel 1	Contatos para serviços e fornecedores	Redes secundárias (trabalho / profissional) ligadas ao bar	Para compras profissionais ligadas ao trabalho realizado no bar
Telefone Móvel 2	Contatos para família e amigos	Redes primárias (afetivas / familiar) ligadas a própria pessoa	Para compras pessoais ligadas ao seu próprio consumo ou dos seus familiares
Telefone Fixo	Referência domésticas para serviços e compras relacionadas a família	Redes de consumo para compras pessoais e familiares	Para compras pessoais ligadas ao seu próprio consumo ou dos seus familiares
Face-a-face (sem conectividade mediada por objeto tecnológico)	Contato com a vizinhança local	Rede intervicinal para contato com amigos e vizinhos de sua residência	N/A

Diagrama 2

Já Vera (aquela que lê livros pelo visor do telefone) afirma que passou a ler mais e a se comunicar mais com as pessoas (principalmente com as amigas da Igreja) – depois que adquiriu a telefonia móvel. Nesse caso, a sua rede foi ampliada o seu campo de comunicação entendido. Segundo ela, é tudo muito simples:

"Eu aperto a tecla do Menu, escolho a imagem da Mensagem e clico em Nova mensagem. Depois escrevo o texto da mensagem e escolho a pessoa que vou enviar ela. No final aperto esse botão aqui que é o envio de Mensagem. Pronto, é assim que entro em contato com eles. E, se eu quiser mandar para mais de uma pessoa, é só eu adicionar mais contato na mesma mensagem que direi a mesma coisa para todo mundo, (Vera)

Perguntei a Vera se ligava para as amigas, e ela respondeu que falar no celular é o que menos faz, que é muito raro ela ligar para alguém para ficar conversando. Prefere escrever mensagens. Acha mais prático e direto.

Jurema, 27 anos, por sua vez, ao ser questionada sobre a sua relação com a telefonia, respondeu que tem telefone fixo em casa desde os seus 15 anos. Quando instalaram o telefone na em sua casa, seu pai disse que isso era o presente de aniversário dela. Na ocasião, brincou com ele dizendo que ela fazia o aniversário e quem ganhava o presente era a família. Contrariando isso, ela deu uma risada e disse que vivia "pendurada" no telefone fixo conversando com as amigas e com as suas "paqueras". Hoje, ela diz que não usa mais o fixo e que sua rede de contatos está toda na agenda do celular. Ao ser questionada sobre como se deu o acesso ao primeiro telefone móvel, obtenho como resposta que foi durante uma promoção da empresa Oi: havia, naquele momento, a oferta de um chip que permitia a ligação gratuita durante os finais de semana (para qualquer telefone móvel ou telefone fixo da mesma operadora) por 31 anos. Esse chip é conhecido como Oi 31 anos. Jurema fala que esse chip é uma beleza e que o usa até hoje. De acordo com ela, essa promoção foi a responsável por mantê-la como cliente dessa operadora. Informa que, no começo, a sua rede de contatos era composta somente de amigas que possuíam telefone fixo em casa. Mas, quando passou a utilizar a telefonia móvel –mais precisamente o modo de conferência – ampliou o número de contatos em uma mesma conversa e a fazer novas amizades. Em cima dessa informação, ela relata o seguinte: *“Eu tenho umas amigas que eu as conheci por causa da conferência onde uma outra nos apresentou, achei isso o máximo”*.

Vera, que permaneceu ao lado de Jurema durante a entrevista, escrevia mensagens em seu celular a todo instante e recebia outras sem parar. Vale ressaltar que havia uma frase que era emitida a todo o momento em que se recebia o SMS: Oba, mensagem! Mas, o mais inusitado era que sempre que perguntava algo a Jurema, caso Vera quando achasse pertinente, emitia comentários e até questionava as respostas da amiga. Eu ouvia e observava como elas

discutiam e principalmente como Jurema indagava a cerca da quantidade de horas que Vera passava no celular enviando e recebendo mensagens.

Diferentemente de Pedrinho, Jurema usa o mesmo número tanto para fins pessoais quanto para fins profissionais. Mas ela diferencia, sim, os seus contatos por meio dos toques. Para os números desconhecidos, ela tem um toque específico, para os familiares tem um outro genérico e, para cada amigo, tem um toque em MP3 particular. Ela fala que usa desse artifício para poder saber quem é que está entrando em contato com ela antes de ver no visor do aparelho a chamada, porque – se for uma pessoa que não deseja atender –, ela nem retira o aparelho do bolso e o deixa tocar até acabar o som. Pergunto, então, se a função de toque personalizado é o seu principal atrativo. Ela responde que não, que é a internet Wifi, porque adora estar conectada no Facebook.

É possível dizer que para Safadão, Pedrinho, Vera e Jurema, a telefonia móvel possibilitou a ampliação de suas redes de sociabilidade. A sociedade em rede, apresentada por Castells (*op.cit.*), está cada vez mais organizada em torno de *nós* e *curvas* que formam as sociedades em redes que, por sua vez, foram e são impactadas pelo desenvolvimento dessa tecnologia. As Redes reconfiguram a lógica de nossa organização social e a sua difusão modifica de forma enfática os processos sociais. Veremos, mais adiante, como se dá essa lógica sobre a rede de controle que é criada pelos entrevistados desse trabalho.

Em resumo: a rede de sociabilidade no Morro do Cavalão se dá por diversos fatores já mencionados. Mas há um outro que é de grande importância relatar. Este versa sobre as maneiras como as pessoas utilizam a telefonia móvel para promover o controle sobre as outras e como se é percebido pelos agentes que nela estão envolvidos.

O controle via telefonia móvel será abordado aqui porque ele é um fator que foi muito mencionado nas entrevistas, revelando, assim, que, mais do que um mero objeto o celular é

um *actante* de suma importância nas redes de sociabilidade estabelecidas entre as pessoas no Morro do Cavalão.

3.4 - Formas de controle pela telefonia móvel

"tenho que ficar de olho, porque vagabundo é foda, se der mole vem gavião e traça a sua rolinha".

Miguel

Motoboy, filho de Dona Josefina e responsável pelo Zezinho's Bar

Nesta seção, gostaria de abordar sobre o celular como ferramenta de controle no Morro do Cavalão, não no sentido disciplinar, conforme postulado por Foucault (1997) em sua obra **Vigiar e Punir**, mas no que concerne ao que Deleuze (2010) chama de *sociedade de controle* e ao que Silva (2010) também denomina de "coleira digital". Iniciarei tratando do caso de Dona Josefina, depois tratarei do de Sebastião e, em seguida, do de Dolores. A ideia é verificar com eles usam a telefonia móvel enquanto ferramenta de vigilância, zelo e segurança.

Como informado no primeiro capítulo Dona Josefina, explica que o celular foi uma "imposição" dos filhos devido à sua doença, diabetes, o que a faz considerar o aparelho como se fosse uma "babá". Ela é muito alegre, divertida, está sempre de bom humor e, segundo o seu filho Sebastião, *"parece que não há nada que a deixa triste"*. Durante as minhas idas ao Zezinho's Bar a sua presença sempre era notada pelos frequentadores. Muitos deles faziam questão de ir à cozinha para cumprimentá-la e perguntar se haveria, naquele dia, o seu famoso empadão de frango. Sempre sorridente e com uma voz melódica, respondia que, quando ficasse pronto, mandaria avisar.

Embora reconheça a necessidade e a importância de portar o aparelho de telefonia móvel, ao mesmo tempo, Dona Josefina reconhece, que ele representa uma forma de controle que os seus filhos exercem sobre ela. Sendo sabedora da sua necessidade, se sente presa, limitada e até em vigilância constante. Não achava que um dia iria se sentir dessa maneira perante os seus filhos, muito menos, devido a uma doença. Tal pressão advém menos de seu marido e, mais do filho. Entretanto, acha engraçado quando sente falta dele e fica até angustiada quando não o porta. Em alguns momentos, se sente até livre com ele, pois não tem que usar o seu telefone fixo. Questiono se ela o leva para todos os lugares e, além de confirmar ela acrescenta o seguinte:

"Levo o celular para todos os lugares. Ele sempre tem que estar comigo, até quando lavo louça ou estou no bar trabalhando. Quando não estou com ele me sinto arrependida, me sinto até mal. Sabe quando o estomago está embrulhado? Me sinto assim...É coisa de maluco, né !? E o telefone fixo é para casa, não é pra rua. Ele me deixa presa, o celular me deixa livre." (Dona Josefina)

Esses sentimentos de "estar presa", "até livre" e de "vigilância constante", evidentemente, têm a ver com a influência de seus filhos. Ao dizer que o celular é como se fosse sua babá, a entrevistada reconhece que está sendo sempre cuidada e guardada pelos seus filhos. É como se eles estivessem ao seu lado a todo o instante e ela pudesse falar com eles a qualquer momento. O não portar o celular, por sua vez, remete a um sentimento de culpa, como se ela tivesse "traindo a confiança dos filhos".

A entrevistada sabe perfeitamente da confusão de sentimentos que a envolve, pois, por diversas vezes, diz que já teve vontade de sair sem ele ou de jogá-lo na parede. Porém, não o faz (e nem o fez) porque reconhece que realmente, os seus filhos têm razão sobre a necessidade de portar o telefone para os lugares que vai. Pergunto se alguma vez passou mal

na rua ou necessitou ligar para seus filhos e ela respondeu que não. Mas, diz ela se acontecer, “estará precavida”.

Em contrapartida ao controle a que se vê submetida pelos filhos e marido, Dona Josefina usa o celular a seu favor para, digamos, “controlar” os netos. De acordo com seu depoimento, eles são muito “travessos e bagunceiros” e, quando ela necessita de silêncio para fazer alguma coisa, empresta o seu celular para que eles brinquem e assim fiquem quietos. Nenhum deles possui telefone, salvo a filha mais velha de Sebastião.

Para entender um pouco mais a dinâmica de controle sobre Dona Josefina, procuro novamente seu filho, Sebastião. Ao ir a seu encontro, logo após falar com a sua mãe, noto que ele está conversando com a sua filha mais velha. Ao chegar próximo, falo que gostaria de conversar mais uma vez sobre a minha pesquisa. Novamente, o lugar foi o Zezinho's Bar. Começo perguntando se ele vê necessidade da sua mãe ter um aparelho celular. Sebastião afirma que ela só aceitou pelos motivos já aventados e, após eles citarem o exemplo de um parente que morava em um outro morro e passou mal em casa. Este, devido a estar muito idoso, não teve forças para se levantar da cama e ir ao telefone fixo. Com esse exemplo, Sebastião e os irmãos convenceram Dona Josefina a comprar um aparelho. Quando ela sai à rua e leva o celular, Sebastião se sente mais tranquilo, seguro e fica menos apreensivo, já que ela foi orientada sobre como usar o aparelho e agora sabe muito bem como fazê-lo.

Partindo dessa resposta, pergunto a Sebastião se ele age da mesma forma com a sua esposa e filhas (que ele tem três). Sebastião responde que, em relação a esposa não tem receio, mas que sobre a filha mais velha, sim. Partindo da sua resposta, indago sobre o que o levou a deixar a sua filha portar um telefone e obtenho como resposta que é devido ao fato da sua filha estar com 14 anos, estar crescida e com corpo de mulher e, por esses motivos, ficar

preocupado com ela. Interpelei-o dizendo que entendia a situação, mas que não tinha como ele tomar conta 24h por dia da sua filha. Ele concordou, mas respondeu que também deu o telefone por questões de segurança, já que, além de ser uma forma de zelo, se algo ruim acontecer com ela, há meios de a própria se comunicar com os pais. Da mesma forma, caso se atrase por algum compromisso, por algum motivo, há como ele entrar em contato. Informa que, inicialmente, não quis dar o telefone para a filha. Achava desnecessário. Mas, com o tempo, percebeu que é muito pertinente. Como exemplo, ele citou o seguinte caso:

"uma vez liguei pra ela, porque ela tava demorando pra chegar em casa, ela não atendia e depois o telefone deu desligado. Fiquei maluco. Comecei a pensar um monte de besteiras. Saí de casa nervoso, preocupado e peguei a moto. Tinha uns amigos meus aqui na frente do bar e perguntaram o que tinha acontecido, como tava nervoso saí correndo. Foi a minha esposa que falou pra eles. Então, teve uns 4 que pegaram as motos deles e foram atrás também, cada um para um lado mas todos em direção ao colégio dela [Colégio Estadual Joaquim Távora que fica no Parque Campo de São Bento, a cerca de 15 minutos a pé do Morro do Cavalo]. Achei ela no meio do caminho e dei um esporro nela. Depois que ela falou que teve uma reunião no colégio com a diretora e que o celular dela tinha acabado a bateria. Naquele dia o coração veio na boca. Mas só tive paz mesmo quando encontrei com ela. Foi um grande alívio". (Sebastião)

As referidas passagens retratam o que Deleuze (2010) denominou de “sociedade de controle”. Nela, as pessoas vivem sob controle contínuo e em comunicação instantânea e

*"assim como na sociedade de Foucault onde tinham por força controlar o outro via equipamento máquinas energéticas com o perigo passivo da entropia e o perigo ativo da sabotagem, as sociedades de controle operam por **máquinas de informática, computadores, e agora de comunicação**, cujo perigo passivo é a interferência e o ativo além da pirataria é a introdução de vírus ou simplesmente o **desligamento do celular**" (DELEUZE, 2010: 227). (grifo meu)*

O controle passa, então, a ser de curto prazo e de rotação rápida, pois agora – em qualquer espaço temporal e geográfico – pode haver o controle, agora aberto, contínuo e de fácil percepção. Vale ressaltar que não se pretende dizer, neste trabalho, que a sociedade

disciplinar de Foucault tenha sido superada (ou esquecida), mas que a de controle é algo que está latente, expandida para dentro das famílias dos entrevistados dessa pesquisa. Na sociedade de que fala Deleuze, a vigilância se torna rarefeita, fluida e segue os moldes que Bauman cita em seu livro **Modernidade Líquida**. Na sociedade de Foucault, o controle se dá em lugares fechados, como as escolas, os presídios e os hospitais. Já a de controle é um fruto que se encaminha para qualquer lugar, desde que se tenha algo que conecte o controlado ao controlador. No nosso caso, é a telefonia móvel que exerce essa função ao unir mãe e filho.

A sociedade de controle é contínua e ilimitada, não obedecendo a demarcações de tempo ou espaço. Trata-se de algo muito fluido. Nos casos supracitados nota-se uma incorporação da disciplina nos moldes Foucaultianos (cuja vigilância se torna constante no cotidiano das pessoas), mas também uma distensão espaço-temporal que. Torna o controle ainda mais eficaz. Por exemplo: Dona Josefina sabe que está sendo "vigiada" pelos filhos ao portar o celular, mas não sabe precisar em que momento será contactada por eles. Por acaso, se eles o fizerem e ela não atender o telefone, será cobrada depois. Esta é uma forma de controle permanente que disciplina o comportamento desta senhora no seu cotidiano.

A partir dessa percepção, Nicolaci-da-Costa (2007) diz ser possível afirmar que o celular traduz um sentimento genérico de segurança, ainda que tal sentimento seja percebido de forma diferente pelos diferentes sujeitos. Em sua pesquisa com mães de jovens universitários do município do Rio de Janeiro (sobre como elas faziam para garantir a segurança de seus filhos no dia a dia), a autora pôde verificar *que as mães apontavam a segurança dos filhos diante de situações inesperadas e potencialmente perigosas com uma das principais razões para a compra de telefones celulares* (p.111). Este tipo de percepção do social também se faz presente no meu campo de pesquisa. Quando entrevistada junto ao seu companheiro Valdir, Dolores afirmou que o perigo para ela não se encontrava longe de sua

casa, mas bem próximo, na vizinhança – mesmo morando no Morro há um bom tempo, ela sabe dos perigos que podem ocorrer de forma inesperada, tal como a incursão da polícia, o atrevimento de algum usuário de droga ou, até mesmo, uma "gracinha" para com a sua filha mais velha. Este último configura como o principal motivo pelo qual presenteou-a com um celular. Mesmo morando com ela, Waléria, de 16 anos, quer sentir que está sempre em contato, “ao lado dela” para protegê-la. Esse sentimento é algo que Dolores não consegue explicar. Mesmo morando e trabalhando no Morro, não está a todo o momento ao lado da filha. Por isso usa o telefone, a fim de saber onde ela está e na companhia de quem. Esta preocupação se dá devido ao fato de que Waléria está *mocinha* e, portanto, tem que “ficar de olho” para não acontecer com a filha o que aconteceu com ela (ficar grávida muito nova). O “controle dos passos”, como classifica Dolores relata, seria o melhor procedimento nesse sentido.

Nicolaci-da-Costa (*op.cit*) assinala que o celular é visto por muitos com uma forma de proteção para os filhos que portam o aparelho e um instrumento de monitoramento para os pais, mas que todos eles são formas de controle. Os tipos de controle até agora relatados estão de acordo com o a autora apresenta, cuja finalidade é colocar as mães a par das localidades em que os filhos se encontram, do que estão fazendo, dos seus movimentos e da sua segurança. Só que o controle, no caso, não é inerente apenas à proteção dos filhos adolescentes, estendendo-se também o sentimento de zelo, como no exemplo de Sebastião, à Senhora Eulália, sua mãe. Esta, por sua vez, procura reproduzir o controle sobre os filhos e esposo. Sendo assim, sempre que eles vão a algum lugar, ela pergunta se estão levando os seus respectivos aparelhos de telefonia móvel. Para ela, é para uma questão de necessidade, de zelo. Para eles, é uma questão de controle, como explicitado nas entrevistas realizadas.

As mães entrevistadas por Nicolaci-da-Costa informaram, desejar saber sempre o que está acontecendo com seus filhos e essa sensação, esse sentimento é o mesmo que acomete Sebastião em relação à sua filha. Ele afirma que deseja sempre "estar no controle", "saber o que está acontecendo" com ela. *Esse sentimento é o de velar pela segurança dos filhos enquanto eles se movimentam pela cidade durante o dia e, principalmente, ao longo da noite* (Nicolaci-da-Costa, *idem*). Observo, que o sentimento de segurança e a crença de que os filhos e/ou parentes estejam mais seguros quando da posse de celulares é tão pertinente à minha pesquisa quanto à da autora acima mencionada. Porém, para os meus entrevistados, parece que o sentimento de segurança é mais deles próprios do que de seus filhos: *"Eu me sinto muito mais seguro quando a minha mãe sai com o celular"*, Declara o Sebastião.

Considero que, além de atuar como uma ferramenta de controle, o celular proporciona o benefício da proximidade cotidiana familiar, ainda que, para os meus interlocutores, ele não se apresente assim, ou seja, ele seja concebido apenas como forma de controle. O medo da insegurança, de acontecerem problemas com familiares, da gravidez precoce e os demais sentimentos relatados aqui são indicadores diversos disso.

Como informado acima, o controle por meio do celular impacta as relações cotidianas entre familiares no Morro do Cavalão, remetendo, pois, ao trabalho de Silva (2010), em que o conceito de "coleira digital" é utilizado para se referir ao controle exercido, por exemplo, por mães sobre seus filhos e entre casais. Para a autora,

"a "coleira digital" é uma imagem que irá iluminar a interpretação que segue dos dados etnográficos, cujo foco é a análise das dinâmicas introduzidas pela apropriação das tecnologias móveis nas relações entre homens e mulheres, pais e filhos" (SILVA, 2010: 307).

Para Silva (2010), assim como para Nicolaci-da-Costa, o celular é uma forma de controle exercido por mães sobre seus filhos. Todavia, nas suas pesquisas, essa forma de

controle incide muito mais na relação entre homens e mulheres do que junto aos filhos. Esta última relação é notada, mas o que mais chamou a atenção da Silva foi a primeira situação. Em sua pesquisa, percebeu que o celular é utilizado não só para reafirmar laços amorosos, mas também na questão de vigilância, tensões e conflitos, todos motivados pelo medo da infidelidade conjugal. Este medo, a seu ver, é o que motiva o maior número de brigas entre os casais. Por esta razão, notou que o telefone celular insere-se nas dinâmicas de relacionamento amoroso tanto como provedor da harmonia quanto como propulsor de brigas entre casais.

O controle, segundo a autora, tem por justificativa a garantia da honra e a evitação da vergonha individual. Para os homens, o primeiro está relacionado à expressão de símbolos de *prestígio, dentre os quais a habilidade de prover o lar e portanto ter a exclusividade dos favores sexuais da esposa / parceira estão em primeiro plano* (p. 116) e, segundo, com a imagem vergonhosa de ser traído. O medo de passar por essa última vergonha é o que leva o homem a ter preocupação em ser um bom provedor e protetor do lar, justificando, ainda o interesse em controlar as mulheres. Estas, por sua vez, veem a honra como conectada à reputação de boa esposa, fiel, mãe de família e, por esse motivo, tentam a evitar a exposição a “fofocas” cotidianas, que poderiam denegrir a sua imagem como mulher e, com isso, a imputar-lhe a vergonha social. No seu estudo, Silva afirma que o celular representa uma espécie de panóptico contemporâneo que assegurou para si um lugar significativo nas dinâmicas de relacionamentos entre casais.

Para explicar o termo “coleira digital”, Silva analisa diversos casos envolvendo mulheres e as relações que estas possuem com seus maridos, mostrando como ambos se apropriam da telefonia móvel. Para ilustrar, tratarei apenas de um deles: o caso de Janaína e seu marido Charles. Ela, esposa, trabalha como auxiliar de serviços gerais e todos os dias o seu esposo entra em contato para saber o que anda fazendo. Charles liga várias vezes durante

o dia e sempre nos mesmos horários, mas, quando não é atendido, exige uma explicação. Silva afirma que o celular possui um lugar de tamanha centralidade nessa relação que Janaína é obrigada a trabalhar com o seu aparelho preso ao pescoço. Daí, o termo "coleira digital". Por sua vez, Janaína também aplica, embora a seu modo, o certo controle sobre o marido. Mais sutil, ela usa o que a autora chama de "geralzinha básica" ou seja, nos momentos em que o esposo está dormindo ou não está próximo ao celular, Janaína *tem por hábito "fiscalizar" ou "limpar" os celulares dos maridos. A prática de vasculhar os celulares dos companheiros ou esposos – verificar a caixa de mensagens e o registro de ligações, por exemplo* (Silva, 2007: 330).

Nas minhas entrevistas, não verifiquei a situação da "geralzinha básica, mas a noção de "coleira digital" pode ser muito bem aplicada aqui, guardadas as devidas proporções. Tendo como base as observações aqui apresentadas, é possível dizer que o aparelho de telefone móvel compõe a sociabilidade local no Morro do Cavalão, fazendo-se presente tanto nos jogos de sinuca, em que o aparelho é utilizado como meio de entretenimento quanto como ferramenta de zelo e controle dos pais frente aos seus filhos. Os usos conferidos aos aparelhos pelas pessoas, a comercialização conforme a dinâmica local, a utilização pelos mototaxistas, entre outros, são alguns dos meios que criam as redes de sociabilidade no Morro do Cavalão.

Considerações finais

Ao longo desse trabalho, procurei demonstrar os usos, representações e o entendimento que os meus entrevistados têm do celular. Para isso, baseei-me na compreensão do objeto como *actante* que, como tal, deve ser estudado em consonância com os humanos. Assim, realizei interpretações, análises e descrições que têm como resultado o trabalho aqui apresentado.

A partir do estudo sobre os impactos da tecnologia de telefonia móvel no Morro do Cavalão foi possível entender que os objetos de consumo (como o celular) não são apenas produtos que irão ser consumidos e depois descartados do cotidiano das pessoas. Mais do que isso, o celular é uma ferramenta multifuncional e costuma se fixada ao corpo da pessoa que o porta informando aos outros indivíduos quem é esse portador. O celular não tem somente valor em si, por ser apenas um objeto de comunicação. Nele, estão incorporados outros produtos, o que por vezes, é ostentado perante os demais, o que ajuda a explicar o seu lugar enquanto símbolo de status social e de modernidade.

A posse de determinados aparelhos remete a interpretações de estado emocional e social das pessoas. Umas dizem se sentem felizes ou tristes com ou sem ele. Outras, informam que as pessoas que não o possuem são os seus opostos. Contudo, declaram que o celular *chegou para ficar* e que, viver sem ele, tem o mesmo significado de viver sem se alimentar e ser "atrasado" na vida. Neste sentido, para as pessoas entrevistadas, a posse é um significado de modernidade e *status* social: ter um aparelho de última geração indica estar em um patamar social que não faz parte do cotidiano das pessoas moradoras do Morro do Cavalão.

Durante as minhas conversas, percebi que o interesse individual de ascensão econômica e social é muito importante, sendo um dos símbolos que revela essa percepção o telefone. Logo que o indivíduo ganha um *dinheirinho*, consegue um trabalho ou emprego, compra na primeira oportunidade um celular. O local de compra é importante, mas o que mais importa é que este objeto é fruto do interesse imediato das pessoas. Ele é um dos primeiros objetos de consumo a ser adquirido pelos moradores do Morro do Cavalão.

Após a coleta de dados, com as conversas/entrevistas percebi que a privacidade e o direito à individualidade proporcionados pelo objeto são constantemente buscados pelas pessoas. Mas, mais que isso, buscam construir a sua identidade (individual, local e social) a partir de suas posses materiais. Sendo assim, o que pode igualar o sujeito ao outro pelo fato de portar um aparelho, pode também diferenciar esse mesmo indivíduo dos demais. Por necessitar haver essa diferenciação, as pessoas procuram adquirir o celular, dentro de suas possibilidades, se diferenciando, assim, pela posse do aparelho.

Em certos casos, o celular é a imagem, é a pessoalização, é um “membro” dos corpos das pessoas. O telefone móvel opera, assim, como o reforço da construção identitária do indivíduo, sendo este constantemente questionado sobre quem ele é no local em que reside. O celular nos revela que o indivíduo não constrói a sua identidade sozinho, pois ele precisa estar em constante interação social para que esta seja, então, moldada. O prestígio conferido pela posse de um aparelho do modelo X é o que confere este reconhecimento, o que se dá mediante o contato com outras pessoas.

Um exemplo ilustrativo da interação mediada pelos aparelhos celulares se dá ao fazermos a comparação dos dois diagramas contidos no corpo do texto. Ao analisarmos que tipo de mediação um aparelho realiza, conclui-se que cada qual organiza e separa de um jeito

as suas redes de sociabilidade. Ambos mostram que a telefonia fixa é utilizada como referência estática, com espacialidade fixa, a fim de confirmar a localização de moradia dos entrevistados, para estabelecer contatos com lojas de varejo no mercado externo ao Morro do Cavalão. As pessoas que não possuem esse tipo de referência geralmente utilizam os telefones dos vizinhos, estabelecendo redes de sociabilidade e de confiança mediada por uma linha de telefone.

Por outro lado, a telefonia móvel, ou seja, o uso do celular, media, organiza e delimita diversos outros tipos de redes de sociabilidades. Gabriel, por exemplo, por trabalhar como motorista particular em uma empresa de viagens, utiliza a mesma linha de telefone móvel tanto para trabalho quanto para assuntos pessoais e afetivos. Pedrinho, por sua vez, utiliza dois aparelhos, o que simboliza a extensão e a delimitação dos seus diferentes espaços sociais. A linha móvel 1 serve como veículo de referenciação do seu bar. Quando ele não se encontra ali, basta ligar para este número que todos os assuntos relacionados ao estabelecimento comercial podem ser tratados e resolvidos. Já a linha 2 mediatiza as relações das redes primárias, ou seja, as relações afetivas, familiares e pessoais do seu portador. As relações face-a-face apenas estreitam as redes de sociabilidade intervicinais e locais, promovendo ainda maiores oportunidades locais de comércio e consumo de bens.

“Ser um indivíduo”, ter uma identidade no mundo moderno é algo que à posse de determinados objetos, bem como reconhecimento da posse de tais objetos. A pessoa em si, nesse sentido é identificada, categorizada, classificada de acordo com aquilo que apresenta. Nesse sentido, entre outras formas de reconhecimento, pelo menos no Morro do Cavalão, distinguida pelos pares é estar em público com os seus celulares à mostra, no Zezinho's Bar, no Campinho ou andando pelas ruas, avaliando os outros e , ao mesmo tempo, sendo avaliado por eles.

O reconhecimento, o prestígio e a afirmação da sua identidade moderna é promovida, assim, através da apresentação dos seus celulares. Tal fato se verifica pela importância dada pelos entrevistados ao fato de serem reconhecidos por suas posses materiais, o que, por vezes, os leva a ostentá-las em ambientes abertos aos olhos do maior número possível de pessoas. Muitas dessas pessoas poderiam promover a imagem de pessoa bem-sucedida por meio de uma casa bem embolsada. Contudo, preferem fazê-lo via celular, se autoafirmando perante os demais como consumidor e possuidor de recursos financeiros para tal.

O Zezinho's Bar pode até parecer um lugar "neutro" e sem importância para quem passa por ele desavisadamente, mas, trata-se, na verdade, de um centro de autoafirmação e de sociabilidade, onde estão expostos, entre outros, a influência que o celular exerce sobre pessoas. É, sobretudo, nos fins de semana que o bar é transformado numa grande vitrine, na qual os celulares são expostos das mais diversas maneiras: ficam em cima das mesas, nas cinturas dos proprietários em fim, em toda a parte. Embora não haja, aí, o objetivo deliberado de compra e venda de telefones, caso alguém deseje obter um, esse pode ser um bom contexto para tal, pois há uma exposição variada de modelos, cores, formatos e até a demonstração da potência de som que os aparelhos possuem.

O Zezinho's Bar é, assim, o ponto de encontro para o estabelecimento de interações e forma de sociabilidade, muitas delas praticadas pela importância de se portar e utilizar o celular. A música alta saindo do aparelho, a oferta de compra, os toques intermitentes dos telefones da Nextel e, também, dos que estão em cima da mesa de sinuca, tudo isso converge para a construção de redes de sociabilidade que são demarcadas e reforçadas através dos laços de amizade, vizinhança e familiaridade dos que passam por ali.

Isso demonstra que a sociabilidade é potencializada naquele espaço através dos usos e do reconhecimento que o celular provoca em relação aos seus portadores. É evidente que nem sempre o ato de portar um aparelho leva ao tipo de reconhecimento eventualmente pretendido. Nem sempre portar um celular (mesmo de última geração) não é suficiente para garantir a caracterização da pessoa como moderna. De acordo com Dolores, referindo-se a Fininho, por exemplo, de que adianta ter um celular de última geração se o mesmo é usado apenas para falar? Essa opinião leva a entender que o desejo de uma pessoa, mesmo portando o aparelho de última geração, não necessariamente é correspondido pela imagem que o outro constrói a seu respeito.

Neste trabalho, procurei demonstrar como um pequeno aparelho pode ser compreendido como Agente, embora muitas vezes, ele não costume ser considerado como tal. O seu impacto na dinâmica social e individual de alguns moradores do Morro do Cavalão é evidente, sobretudo nas relações de sociabilidade observadas no Zezinho's Bar. Ser uma pessoa moderna naquele contexto é, com vimos, ser uma pessoa portadora de novas tecnologias e bens materiais capazes de permitir o reconhecimento pelos seus pares. É portar um celular que "faça de tudo" e no que, portanto, o serviço de voz, ou seja, o serviço de transmissão da fala, seja reconhecido como secundário. Ser Moderno, por fim, significa ter o mundo em suas mãos, ter o controle da sua vida e dos seus entes mais chegados ao alcance dos seus dedos. E é exatamente essa grande promessa do celular: aproximar os indivíduos, a despeito das parreiras espaço-temporais, por meio do simples "estar aí, aqui e em todo lugar que tem sinal".

Referências bibliográficas

ABREU, Estela dos Santos, TEIXEIRA, José Carlos Abreu. *Apresentação de trabalhos monográficos de conclusão de curso: UFF*. 9 ed.rev.ampl. Niterói: EDUFF, 2007.

ALVES, C.E.A. *Um estudo sobre o uso da telefonia celular nas classes de baixa renda*. Rio de Janeiro: 2006. Dissertação de Mestrado – Departamento de Administração, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 89 p.

APPADURAI, Arjun. “Introdução: Mercadorias e a política de valor”. In: *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: EDUFF, 2008.

BACHA, M. L. ; UTSUNOMIYA, Fred Izumi ; SANTOS, J. ; SCHAUN, ANGELA ; REIS, MARIZA . “Mídia celular: uso pela população de renda baixa”. In: *Extraprensa (USP)*: São Paulo, 2010. v.1, p. 1-12.

BAUDRILLARD, Jean. *Sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Edições 70, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização : as consequência humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____, *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BARBOSA, Lívía. *Sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BARBOSA, Lívía (Org.) ; CAMPBELL, Colin (Org.) . *Cultura, consumo e identidade*. 2ª. reimp.. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

BARROS, Carla . “Televisão e Processo Reflexivo: notas sobre uma etnografia com empregadas domésticas”. In: *XIV Encontro Anual da COMPÓS*. Niterói: XIV Encontro Anual da COMPÓS, 2005.

_____. “Lógica de Consumo em um Grupo das Camadas Populares: Uma Visão Antropológica de Significados Culturais”. In: *Anais do XXXI*. Rio de Janeiro: ENANPAD, 2007.

BENAKOUCHE, T. Tecnologia é Sociedade: contra a noção de impacto tecnológico. In: *Cadernos de Pesquisa do PPGSP*, no.17. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, 1999

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade : tratado de sociologia do conhecimento*. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

BLECHA, Nelson. “Rumo à baixa renda”. In: *Revista Exame*: Rio de Janeiro, ano 2003, 01/02/03, p.36.

CAMPBELL, Colin. “Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno”. In: BARBOSA, Livia (org.) ; CAMPBELL, Colin (org.) . *Cultura, consumo e identidade*. 2ª. reimp. Rio de Janeiro: FGV, 2009. 204 p.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1999.

CARDOSO, Gustavo. *O que é internet*. 1.ed. Lisboa: Quimera, 1998.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 6.ed. São Paulo : Paz e Terra, 2000. 617 p

_____. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000b. vol.2, 530p

COSTA, Pires. “Moda/indumentária em Culturas Juvenis: símbolos de comunicação e formação de identidades corporais provisórias em jovens do ensino médio”. Revista *Conexões*. São Paulo: UNICAMP, 2007. v. 5, p. 51-66.

DE SOUZA E SILVA, A., SUTKO, D. M., Salis, F. *Mobile phone appropriation in the favelas of Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: *New Media & Society*, 13 (3), 2011.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010

DREIFUSS, René Armand. *Época das perplexidades: mundialização, globalização e planetarização : novos desafios*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

DRUCKER, Peter Ferdinand. *Comunidade do futuro: ideias para uma nova comunidade*. São Paulo: Futura, 1998.

DUARTE, L. C., SOUZA, T. Y., & ROSA, Th. C. S. *Telefone Celular e Espaço Pessoal*. Brasília: UnB, 2001. Laboratório de Série: Textos de Alunos de Psicologia Ambiental, Nº 04, Área de Psicologia Ambiental, 2001.

DURKHEIM, E. & MAUSS, M. “Algumas formas primitivas de classificação”. In: MAUSS, M. *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2001. p.399-455.

FERREIRA, Aletéia; Vieira, Josiany; RIGO, P. “Comunicação, Moda e Design no mercado da telefonia móvel”. In: *VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*. Passo Fundo: INTERCOM SUL, 2007.

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra*. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 34. Petrópolis: Vozes, 2007.

FRAZER, James George. “O escopo da antropologia social”. In: CASTRO, Celso (org). *Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FREIRE, L. L. “Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica”. In: Rio de Janeiro, *Comum (FACHA)*, v. 11, p. 46-65, 2006.

GADIA, Carlos A ; TUCHMAN, Roberto ; ROTTA, N. T. “*Autism and pervasive developmental disorders*”. In: *Jornal de Pediatria*. Rio de Janeiro, v. 80, n. 2suppl, p. S83-94, 2004

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.

GUEDES, Simoni Lahud. *Jogo de Corpo: um estudo de construção social de trabalhadores*. Niterói: EDUFF, 1997.

GÜNTHER, H, ; ROZESTRATEN, J. A. R. “Psicologia ambiental: algumas considerações sobre sua área de pesquisa e ensino”. Rio de Janeiro, 1993. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9, p 109 - 124.

HENRIQUES, Sandra . *Mobile Social Network : a tecnologia móvel e o avanço das novas redes sociais*. In: *XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação-INTERCOM*. Curitiba, 2009.

ITO, Mizuko; OKABE, Daisuke; MATSUDA, Misa (org.). *Personal, Portable, Pedestrian: Mobile Phones in Japanese Life*. Chicago: The MIT Press, 2005.

LAIGNIER, Pablo; MARTINS, Sara; RIZZARO, Fernando. ”Celular: a prótese da interação mediada”. Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 13-15/maio, 2010.

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LASEN, Amparo; HAMILL, Lynne. *Mobile World: Past, Present, and Future*. Nova Iorque: Springer, 2005.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. “Você acredita na realidade?”. In: *A esperança de Pandora*. São Paulo: EDUSC, 2001. p. 13-37.

_____. “A referência circulante”. In: *A esperança de Pandora*. São Paulo: EDUSC, 2001. p. 29-96.

_____ “Um coletivo de humanos e não-humanos”. In: *A esperança de Pandora*. São Paulo: EDUSC, 2001. p.201-246

LEEDS, Anthony ; LEEDS, Elizabeth. *A sociologia do Brasil urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LEMOS, A. L. M. “Cidade Ciborgue. As cidades na Cibercultura”. São Paulo: *Galáxia/PUCSP*, 2004. v. 8, out.2004, p. 129-148..

_____. “Ciberespaço e Tecnologias Móveis: Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura”. In: Médola, Ana Silvia; Araújo, Denise; Bruno, Fernanda. (org.). *Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática*. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007, v. 1, p. 277-293.

_____. (Org.) ; JOSGRILBERG, F. (Org.). “Comunicação e Mobilidade. Aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil”. Salvador: EDUFBA, 2009. v. 1.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico ocidental : um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia*. 2.ed São Paulo: Abril, 1978.

MANGABEIRA, C. "Questões Fundamentais da Sociologia". In: *Comunidade Virtual de Antropologia* (site). Resenha da edição nº 35, 2007, acessado em 06/07/ de 2012.

MAUSS, Marcel. "O Ensaio sobre a Dádiva". In: *Sociologia e Antropologia*. Vol.II. São Paulo: USP, 1974.

MCLUHAN, Marshall. *Galáxia de Gutenberg: formação do homem tipográfico*. São Paulo: Ed. Nacional, 1972.

_____. *Meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.

MILLER, Daniel; HORST, H. *The Cell Phone: An Anthropology of Communication*. Oxford: Berg, 2006.

MOCELIM, Alan. "Simmel e Bauman: modernidade e individualização". In: *Revista EmTese*, Vol. 4, n. 1, 2007. p. 101-118

MORGAN, Lewis. *A sociedade primitiva*. São Paulo: Martins Fontes, 1973 (p. 7-59)

NASCIMENTO, Francisca Silva do. *Os Últimos Serão dos Primeiros: uma análise sociológica do uso do telefone celular*. 2004. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: UFCE, 2004. 133p.

NATANSOHN, L. Graciela. "O contrato de leitura.: uma metodologia para analisar a produção e a recepção de TV". In: *XIV Encontro Anual da COMPOS*. Niterói: Anais do XIV COMPOS, 2005.

NAZARENO, P. *et al.* "Tecnologias da informação e sociedade : o panorama brasileiro". Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2006. 187p. [Série "Temas de interesse do Legislativo; no. 9]

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. “Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas”. In: *Psicologia. Teoria e Pesquisa*. Brasília. Brasília: UnB, 1992. v. 18, n. 2, p. 193-202.

_____. “Impactos psicológicos do uso de celulares: uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros”. In: *Psicologia. Teoria e Pesquisa*. Brasília. 2004. v. 20, n. 2, p. 165-174.

_____. “A passagem interna da modernidade para a pós-modernidade”. In: *Psicologia. Teoria e Pesquisa*. Brasília, 2004. v. 24, n. 1, p. 82-93.

_____. “Celulares: a emergência de um novo tipo de controle materno”. In: *Psicologia & Sociedade*, 18(3), set/dez. 2006, p. 88-96. 2006.

_____. “Celulares: um "presente do céu" para as mães de jovens”. In: *Psicologia & Sociedade*, v. 19, p. 108-116. 2007.

PERES, Fabio de Faria. *Lazer, juventude e sociabilidade em um conjunto de favelas cariocas*. Tese de Doutorado em Saúde Pública. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, 2009.

SARTI, Cynthia Andersen. *A Família como Espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Autores Associados, 1996.

SILVA, Sandra Rúbia da. “Eu não vivo sem celular: sociabilidade, consumo, corporalidade e novas Práticas nas Culturas Urbanas”. In: Porto Alegre: Intexto, UFRGS, 2007. v. 2, n. 17, p. 1-17.

_____. “Vivendo com celulares: identidade, corpo e sociabilidade nas culturas urbanas”. In: BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João (orgs.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008. p. 311-331.

_____. “O consumo no contexto da experiência urbana: reflexão sobre os telefones celulares”. In: *Revista de Ciências Humanas*. Vol. 43, no.1, p. 285-302, abril de 2009.

_____. *Estar no tempo, estar no mundo: a vida social dos telefones celulares em um grupo popular*. Tese de Doutorado em Antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina: UFSC, 2010.

SILVA, Rodrigo Leandro da. *O telefone celular e os seus significados simbólicos: um estudo na operadora de telefonia celular VIVO-MG*. Dissertação de Mestrado Profissional em Administração. Faculdade Integrada Pedro Leopoldo, 2009.

SILVA, Edilson M. Almeida da. *Notícias da "violência urbana": um estudo antropológico*. Niterói. EDUFF, 2010.

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. São Paulo : Ática, 1983.

_____. “Filosofia de la moda”. In: *Sobre la individualidad y las formas Sociales*. Quilmes: Universidad Nacional de Quilmes, 2002

_____. *Questões fundamentais da sociologia : indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOMMER, R. (1973). *Espaço pessoal*. São Paulo, EPU/ EDUSP, 1973

SORJ, Bernardo. *Brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SOUZA, Rolf Malungo de. *A confraria da Esquina. O que os homens de verdade falam e torno de uma carne queimando*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011.

STOCKING Jr., George W. (org.) *A formação da antropologia americana*. Rio de Janeiro: Contraponto/UFRJ, 2004. (PP. 14-41; 67-83; 98-104; 111-115; 161-166; 229-231; 265-267; 323-340; 341-344; 367-370)

TAVARES, Julio Cesar (de S.). “O olhar etnográfico e a pesquisa em comunicação. Rio de Janeiro: *Contracampo/Revista do Programa de pós-graduação em Comunicação, Imagem e Informação*. 2001.

TAVARES COSTA, Larissa Ortiz. *Comunicação e valores do masculino. A construção da identidade na relação entre corpo e moda*. Dissertação de Mestrado em comunicação e semiótica apresentada à Pontífica Universidade Católica de São Paulo. 2007.

THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete*. 3. ed. São Paulo: Pólis, 1982.

TURNER, Victor Witter. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 116-159.

_____. *Dramas, campos e metáforas : ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: EDUFF, 2008.

TYLOR, Edward. “A ciência da cultura”. In: CASTRO, Celso (org). *Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 67-99.

VIVEIROS DE CASTRO, E. “O nativo relativo”. *Mana*, vol.8, nº.1. p.113-148.

WINOCUR, R. “O lugar da intimidade nas práticas de sociabilidade dos jovens”. In: *Revista Matrizes*. São Paulo, [s.ed], ano 5, nº 1, jul./dez., 2011 - São Paulo - Brasil p. 179-193

WHYTE, Willian Foote. *A sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

ZALUAR, Alba, ALVITO, Marcos. *Um século de favela*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

SITES

Acessados em 6 de Julho de 2012

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/seculo/2002/10/10/002.htm>

http://www.atarde.com.br/especiais/telefoniamovel/mat_histbrasil.php

http://imasters.com.br/artigo/5194/seguranca_em_telefonia_movel

<http://canalkids.com.br/tecnologia/meios/alo.htm>

<http://www.rodrigopereiradecastro.hpg.ig.com.br>

http://www.nomads.usp.br/disciplinas/SAP5846/mono_Denise.htm

<http://www.cmsi.org.br>

<http://www.comunicacao.pro.br/artcon/includig.htm>

<http://www.wirelessbrasil.org/wirelessbr/colaboradores/naiade/historia.html>

<http://www.ufpel.tche.br/fae/taniaporto>

<http://analgesi.co.cc/html/t13007.html>

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=330330#>

<http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortalPaginaEspecialPesquisa.do?acao=&tipoConteudoHtml=1&codNoticia=21610>

<http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortalInternet.do>

<http://jjassessoria.wordpress.com/termos-da-moda/>